

CADERNOS CESPUC DE PESQUISA SÉRIE ENSAIOS

Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaaios. n.44, 2023, p. 1-188.
e-ISSN: 2358-3231 (OJS). Belo Horizonte, 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Professor Doutor Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

Pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação: Sérgio de Moraes Hanriot

EDITORA PUC MINAS

Conselho Editorial: Alberico Alves da Silva Filho; Conrado Moreira Mendes; Édil Carvalho Guedes Filho; Eliane Scheid Gazire; Ester Eliane Jeunon; Flávio de Jesus Resende; Javier Alberto Vadell; Leonardo César Souza Ramos; Lucas de Alvarenga Gontijo; Márcia Stengel; Pedro Paiva Brito; Rodrigo Coppe Caldeira; Rodrigo Villamarim Soares; Sérgio de Moraes Hanriot.

Endereço: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais • Rua Dom José Gaspar, 500 - Subsolo do Prédio 6 (Antiga SEC) Coração Eucarístico • Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil • Tel.: (31) 3319-4792 • CEP 30.535-901 • E-mail: editora@pucminas.br.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA PUC MINAS

Coordenadora: Terezinha Taborda Moreira

Colegiado: Terezinha Taborda Moreira (Coordenadora) – Área de Literaturas de Língua Portuguesa; Arabie Bezri Hermont – Área de Linguística e Língua Portuguesa; Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues – Área de Linguística e Língua Portuguesa.

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-AFRO-BRASILEIROS DA PUC MINAS

Coordenadora: Raquel Beatriz Junqueira Guimaraes

Capa: Miguel Antunes Caldeira

Diagramação: Miguel Antunes Caldeira e Mariana Hilbert Ribeiro

Imagem da capa: Pexels.com | Jay's Photography

Revisão: Júlia Magalhães

Endereço: Av. Dom José Gaspar, 500, Prédio 20, Sala 211 • 30535-901. Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil • Tel.: (31) 3319-4368 • E-mail: cespuc@pucminas.br ou scripta.pucminas@gmail.com.

CADERNOS CESPUC DE PESQUISA SÉRIE ENSAIOS

Estudos linguísticos e os seus diferentes quadros teóricos

Organizadoras

Arabie Bezri Hermont (PUC Minas)

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros (PUC Minas)

CESPUC - MG
CENTRO DE ESTUDOS
LUSO-AFRO-BRASILEIROS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE MINAS GERAIS

 CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
Letras


PUC Minas

Publicação semestral do Departamento de Letras da PUC Minas, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

S434

Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios – n. 1, 1996 – Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2023.

E-ISSN 2358-3231

Semestral

1. Literaturas de língua portuguesa – Periódicos. 2. Língua portuguesa – Periódicos.

I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Letras. II. Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros.

CDU: 82.03(05)

Indexadores: Latindex, Diadorim, WorldCat, IE Library, Google Acadêmico.

SUMÁRIO

Editorial

Abordagens Linguísticas Contemporâneas: novas lentes, novos objetos
Arabie Bezri Hermont e Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros 8

Dossiê temático:

“10 ovos caipira vermelhos”: *silent nouns* na concordância nominal do PB
Bruna Karla Pereira 19

Realizações Adverbiais de perfect universal no inglês estadunidense
*Adriana Leitão Martins, Arthur Döhler Machado Fernandes e
Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva* 40

Por uma abordagem cognitiva da linguagem humana
Sandra Maria Silva Cavalcante 57

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: uma investigação
sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na
compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças
Mariana Almeida Paes Leme 80

Mãenarquia, Demãecracia? A criatividade lexical em falas espontâneas de
crianças
Mariana Queiroga Gomes e Arabie Bezri Hermont 95

Gramaticalização e discursivização da partícula “aí” sob a lupa da teoria funcionalista

Izabel Luiz Santos Colling e Márcio Leonardo Lima Pereira 112

Uma análise do conto Rolézim, de Giovani Martins, à luz do Funcionalismo

Leandro Martins de Sousa 126

Estratégias e usos do pronome indefinido *todes* em *tweets*: um diálogo entre a linguística cognitivo-funcional e a teoria *queer*

Tiago Ruas Dieguez 149

A revisão textual em tempos de ChatGPT

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros e Sara Izabela Alves Pereira 163

Editorial

Abordagens Linguísticas Contemporâneas: novas lentes, novos objetos

Arabie Bezri Hermont*

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros**

A edição 44 dos *Cadernos CESPUC de Pesquisa – Série Ensaios* visa a abarcar estudos linguísticos envolvendo construtos teóricos da Gramática Gerativa, da Gramática Funcional, da Linguística Cognitiva e de quadros que versem sobre as múltiplas dimensões do epifenômeno que é a língua(gem). Nessa perspectiva, acolheu tanto trabalhos que investigam aspectos do micro – a constituição sintagmática e paradigmática dos enunciados –, quanto do macro – no que tange ao discurso, suas formas de produção, recepção e circulação nas diversas esferas sociais.

A Teoria Gerativa parece ter sido o primeiro construto teórico a proceder aos estudos da linguagem sob a ótica mentalista. Chomsky é o precursor de tal teoria e foi o responsável pela mudança de paradigmas em meados da década de 1950. Tendo como ponto de partida a concepção da relação entre competência e desempenho, princípios e parâmetros, a Gramática Gerativa, Teoria Gerativa ou Teoria Gerativista inicia uma era nos estudos que tratam da relação entre Gramática e Cognição.

A Teoria Gerativa descreve e explica a gramática como uma parte do sistema cognitivo do homem, pressupõe também que, além de modular, o conhecimento da linguagem seja inconsciente e inato. Haveria pelo menos dois tipos de modularidade de acordo com essa concepção: a modularidade mental e a modularidade gramatical. A primeira está relacionada aos vários sistemas cognitivos que constituem a mente e que seriam separados em módulos, embora haja a assunção de que os *outputs* de cada módulo servem de *input* para outro módulo. Assim, a gramática de uma língua seria um módulo mental, ou seja, a modularidade da gramática estaria ligada a

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e dos departamentos de Letras e Pedagogia da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2551-6145>.

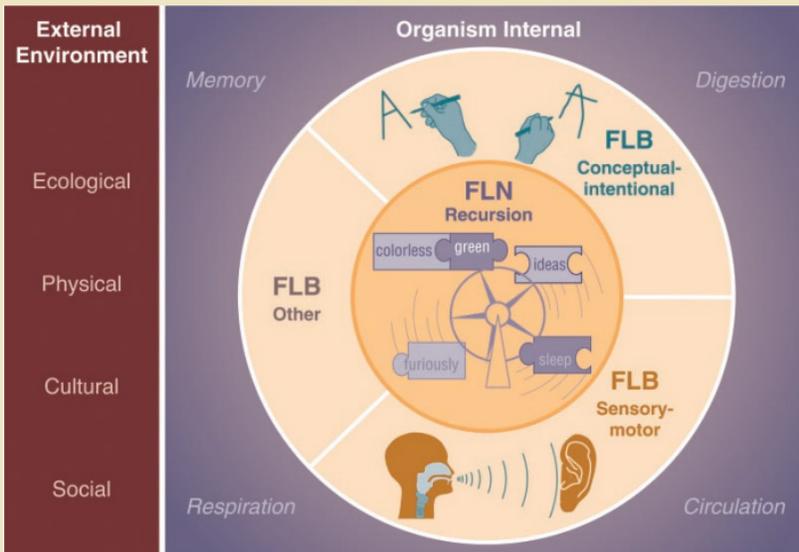
** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente do Programa de pós-graduação e do Departamento de Letras da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8094-2329>.

uma noção de que a gramática mental também seria dividida em vários módulos. O que ocorre dentro de cada módulo não é acessível a outro devido a um possível encapsulamento informacional. Entretanto, o *input* de um determinado módulo pode ser a informação resultante da atuação de um outro.

Em 2002, Hauser, Chomsky e Fitch escreveram o texto “A Faculdade da Linguagem: o que é, quem tem e como evoluiu?” com o objetivo de compreender melhor a faculdade da linguagem e, para tal, promoveram uma reflexão permeada de cooperação interdisciplinar, envolvendo a Biologia Evolutiva, a Antropologia, a Psicologia e a Neurociência. Nesse texto, os autores, realizam a distinção entre a faculdade de língua no sentido amplo (do inglês, *Faculty of language in a broad sense* – FLB) e no sentido restrito (*Faculty of language in a narrow sense* – FLN). A primeira englobaria o sistema sensorio-motor, sistema conceptual-intensional e sistema computacional com mecanismos de recursão, fornecendo a capacidade de gerar uma gama infinita de expressões de um conjunto finito de elementos. Já a segunda, a FLN, incluiria apenas a recursividade e seria o único componente exclusivamente humano da faculdade da linguagem. Segundo os autores, pode ter evoluído por outras razões que não a linguagem.

A seguir, apresenta-se o diagrama proposto pelos autores:

Figura 1



Fonte: Hauser, Chomsky & Fitch (2002, p. 1570).

Veja-se que FLN é caracterizada pela recursão e está em interface com FLB conceptual-intensional, FLB sensorio-motor e FLB outra (sendo essa uma novidade em 2002). Segundo os autores, que estão preocupados com a evolução da linguagem, é importante distinguir entre questões relativas à linguagem como um sistema de comunicação e questões relativas às computações subjacentes a este sistema. As computações são diferentes do primeiro sistema porque este faz interface entre os sistemas de interface sensorio-motor e conceptual-intensional. Hauser, Chomsky & Fitch assinalam ainda que é possível que as capacidades computacionais tenham se desenvolvido por razões outras que não a comunicação, mas, que depois que elas provaram ter utilidade para essa atividade, foram alteradas em função de restrições impostas em ambas as interfaces e em outros níveis mais centrais (estruturas cognitivas e conceituais, pragmáticas, limitação de memória).

A evolução de cada grande abordagem teórica traz, em seu bojo, tanto a possibilidade do endosso e da (re)afirmação por novas pesquisas, quanto a do dissenso e da contestação; em seu desenvolvimento – alterar-se para se manter sólida –, as abordagens formalistas (Estruturalismo e Gerativismo) viram-se em xeque por meio de dissidências teóricas, alguns bem do seu interior, que deram origem a novas formas de analisar os fenômenos linguísticos.

Segundo Cunha (2009), um texto antigerativista do linguista norte-americano Talmy Givón, “From Discourse to Syntax” (1979), tornou-se um marco na defesa da dependência da sintaxe em relação ao discurso. Em trabalhos posteriores, ele e outros estudiosos passaram a buscar parâmetros substantivos, motivados comunicativa ou cognitivamente, para explicação dos fatos gramaticais.

Assim se originaram análises diversas, nomeadas como “funcionalistas”, ramificadas em diferentes vertentes – funcionalismo europeu, funcionalismo norte-americano, abordagens lexicalistas, entre outras. Em comum, há o fato de considerarem a linguagem como um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, ou seja, integradas ao resto da psicologia humana. Aqui trataremos dessas vertentes funcionalistas de forma mais genérica, embora cada um de seus desdobramentos traga importantes concepções, formas de representação da

linguagem humana e apresente contribuições relevantes para a compreensão do fenômeno linguístico.

No Funcionalismo, postulou-se uma visão distinta sobre o papel e funcionamento das unidades linguísticas (por exemplo, o papel dos fonemas – segmentais e suprasegmentais, na distinção e demarcação das palavras, na Fonologia; do papel das sentenças no contexto, na Sintaxe), em decorrência de dissensos no bojo do Estruturalismo. O Círculo Linguístico (ou Escola) de Praga (que agregava importantes pensadores, como o linguista russo Roman Jakobson, o tcheco Villem Mathesius, entre outros de renome), a partir da crítica ao caráter demasiadamente abstrato e estático da análise saussuriana, propõe uma nova visão, mais dialética, de dicotomias como sincronia/diacronia, língua/fala, contrapondo-se à noção de homogeneidade do sistema linguístico.

Uma premissa importante das diversas visões funcionalistas é a de que a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; essas funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. Assim, passa-se a analisar a língua(gem) sob a ótica da interação social, a relação língua/sociedade, jogando luzes sobre o caráter multifuncional da linguagem (ressaltando a importância das funções expressiva e conotativa) e da motivação para os (f)atos reais da língua – por que se usa tal forma/ tal variante e não outra?

Para Mathesius (1923 apud Cunha, 2009, p.159), numa concepção funcional de sentença, é preciso deter-se na análise desta focalizando o modo como a informação é transmitida pela organização das palavras. A organização sintática é motivada pelo contexto discursivo em que esta ocorre, assim, embora duas estruturas com ordenação sintagmática distinta pareçam semanticamente equivalentes, há uma diferença pragmática em relação ao status informacional dos elementos constitutivos, considerando a relação entre o que já é conhecido (predizível) e o que é novo (imprevisto). Análises como essas visam a explicar o contraste entre sentenças sintaticamente distintas relativas a um mesmo estado de coisas, como ocorre na topicalização de constituintes, em que se verifica um foco contrastivo – “Eu não uso esse perfume” / “Esse perfume eu não uso”. Posteriormente, essa proposta foi desenvolvida pelo linguista britânico Michael Halliday (1985), criador da “Linguística Sistêmico-Funcional”, em que rejeitava tanto as premissas gerativistas, quanto estruturalistas.

Para ele, a língua precisa ser vista como um sistema sociosemiótico, em que se apresentam aos falantes várias possibilidades de escolha de significados, os quais são organizados em termos de três metafunções, isto é, funções intrínsecas, organizadoras do próprio sistema linguístico: ideacional, interpessoal e textual. A primeira refere-se à construção e articulação de experiências; a segunda trata da encenação de relações entre os interlocutores, numa cena comunicativa; a terceira engloba os mecanismos que permitem que os significados ideacionais e interpessoais sejam apresentados como um fluxo textual coeso. Essas três metafunções estão associadas a diferentes sistemas em cada um dos estratos semióticos (fonológico, léxico-gramatical e semântico), além de estarem atreladas a parâmetros contextuais específicos: campo (ideacional), relações (interpessoal) e modo (textual).

Em síntese, diferentemente do Estruturalismo (foco na fonologia e morfologia), do Gerativismo (foco na sintaxe), as diversas abordagens funcionalistas respaldaram-se firmemente na semântica e pragmática, buscando analisar a construção de efeitos de sentidos a partir das diferentes estruturações sintagmáticas / sentenciais.

Não apenas os dissensos internos ao Gerativismo deram origem às diversas abordagens funcionalistas, mas também essa ruptura abriu caminho ao surgimento de uma perspectiva teórica de grande relevância: a Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, grandes linguistas – George Lakoff, Charles Fillmore, Leonard Talmy, Gilles Fauconnier e Mark Turner – assumem que a competência de um falante se relaciona ao funcionamento de uma variada quantidade de símbolos linguísticos e esquemas construcionais, organizando tipos distintos de abstração e especificidades. Para esses autores, a competência linguística seria uma capacidade do ser humano não somente circunscrita à linguagem, mas também constitutiva de um aparato cognitivo de caráter mais geral.

A partir da aproximação de grupos de pesquisadores europeus e norte-americanos, vêm sendo desenvolvidos inúmeros trabalhos numa visão cognitivo-funcional, na qual o contexto tem importância crucial para a apreensão/compreensão dos significados. Nas palavras de Neves e Coneglian (2018), essa abordagem traz:

Um encaminhamento dos estudos gramaticais atuais que têm por objetivo explicitar a maneira como a língua é usada consiste em prover explicações coerentes e válidas para as categorias linguísticas a partir do que se conhece sobre a relação entre cognição e linguagem, a partir de uma investigação do uso sistêmico de estruturas linguísticas na construção do significado e na comunicação eficiente. Tal tarefa é coerente com as mais gerais assunções funcionalistas de que a gramática de uma língua organiza as relações (sintaxe), constrói as significações (semântica) e determina os efeitos pragmáticos (pragmática) (NEVES, 2006, p.1). Por meio da consideração desses três componentes da língua, em interface, é possível explicar a gramática dentro de um modelo que privilegia o uso e, por aí, explicar a organização do conhecimento linguístico dos falantes (CROFT, 2001, p.28), modo de condução que coloca as categorias e as relações gramaticais como relevantes para explicitação da estrutura das categorias conceptuais. (Neves; Coneglian, 2018, p.10)

A visão panorâmica dos estudos linguísticos contemporâneos que trouxemos visa ajudar a perceber quão rico e complexo é o cenário dos estudos da lingua(gem) nas últimas décadas. Assim, este volume de Cadernos CESPUC de Pesquisa – Série Ensaio traz, em si, uma amostragem da variedade de temas e lupas com que se pode investigar essa mesma riqueza e complexidade.

Nesta edição, contamos com dois textos escritos à luz do gerativismo. O primeiro denominado “10 ovos caipira vermelhos’: *silent nouns* na concordância nominal do PB” de Bruna Karla Pereira, e o segundo de Adriana Leitão Martins, Arthur Döhler Machado Fernandes e Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva, com o texto “Realizações Adverbiais de Perfect Universal no Inglês Estadunidense”.

Bruna Karla Pereira faz uma análise da concordância nominal no Português do Brasil (PB), em estruturas como “ovos caipira”, “10 ovos caipira vermelhos” e “10 ovos tipo jumbo brancos”. Observando rótulos e propagandas, pergunta-se o motivo pelo qual há marcação de plural em todas as palavras ‘ovos’, ‘vermelhos’ e brancos’, mas não em ‘caipira’. À luz da teoria gerativa, considerando autores relevantes da área, como Kayne (2005) e outros, propõe que haja nomes nulos, tais como AMOUNT, HOUR, SET e SOMETHING entre ‘ovos’ e o adjetivo cor. Assim, caipira estaria concordando com TIPO e a concordância estaria, portanto, mantida.

Noções aspectuais têm sido bastante pesquisadas nos últimos tempos. Diversos são os autores que têm se preocupado com esse tema, e Adriana Leitão Martins, Arthur Döhler Machado Fernandes e Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva são alguns deles. Com o texto “Realizações Adverbiais de Perfect Universal no Inglês Estadunidense”, os autores dissertam sobre o perfect, que, quando associado ao tempo presente, indica uma situação iniciada em algum momento do passado que perdura até o presente. Os autores fazem isso investigando o papel veiculado por advérbios (como “still”, “lately”, etc.), por expressões adverbiais iniciadas por “for”, “since”, “to” e “until/till” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente (como “this year” e “this month”). Observando a produção eliciada de 92 voluntários, geograficamente distribuídos por todo os EUA, com diferentes níveis de escolaridade, verificaram que as sentenças veiculadoras desse aspecto são constituídas por expressões adverbiais iniciadas por “since” (288), “from” (23), “for” (11) e “till/to” (3) e pelo advérbio “still” (12). Ainda, identificaram que todas as expressões adverbiais iniciadas por “from” eram constituídas por uma estrutura como “from X time to X time”, o que levou os autores a destacar que tais expressões marcam mais claramente simultaneamente as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo de tempo de perfect.

De forma bem inspiradora e didática, no texto de Sandra Maria Cavalcante Silva, “Por uma abordagem cognitiva da linguagem humana”, há um convite ao leitor para uma reflexão acerca da relação da linguagem humana e cognição. Para isso, são apresentadas diferentes perspectivas para os estudos da linguagem, demonstrando uma concepção corporificada e situada, contextualizada, dialógica de cognição. A autora assinala que os estudos que tangenciam esse tema devem ser de natureza multifacetada e pluridimensional. Com base nesses pressupostos, endossando pressupostos de Lakoff e Johnson (1999); Sinha (1999); Donald (1999); Morin (1999, 2004); Geeraerts (2006) e Tomasello (2003, 2008), Silva propõe uma redefinição do fenômeno da intertextualidade.

Na sequência, o artigo “A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: *uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças*”, de Mariana Almeida Paes Leme, apresenta uma pesquisa que, embasada por vertentes da Linguística Cognitiva, em especial, da Gramática

de Construções, bem como de reflexões advindas das teorias do Dialogismo e da Análise de Discurso, procurou compreender a produtividade na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem. A autora teve seu olhar para os fenômenos da recursividade e da mesclagem e usou como *corpus* algumas ‘falas infantis’ retiradas da página “Frases de Crianças”. Assim, procedeu à análise da complexidade cognitiva e linguístico-social dos fenômenos linguísticos apresentados por elas. O estudo buscou, então, identificar como a observância da atuação de princípios cognitivos gerais manifestados linguisticamente, bem como de outras capacidades cognitivas – como a memória e a recursão – são campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças.

Em diálogo com o precedente e com as teorias Gerativa e Gramática de Construções, o artigo “mãenarquia, demãecracia? A criatividade lexical em falas espontâneas de crianças”, de Mariana Queiroga Gomes e Arabie Bezri Hermont, apresenta análises de neologismos criados por crianças à luz da morfologia sob o escopo dessas duas abordagens cognitivistas. O objetivo é explicar as várias formações de palavras em uma abordagem lexicalista (Gerativa) da formação de palavras e de acordo com as proposições da Linguística Cognitiva para a abordagem das construções lexicais. O estudo mostrou que as crianças, ao criarem novas palavras, valem-se da estrutura morfológica de palavras já institucionalizadas e utilizam de recursos tais como o cruzamento vocabular e o hibridismo.

No ensaio seguinte, Izabel Luiz Santos Colling e Márcio Leonardo Lima Pereira discutem a “Gramaticalização e discursivização da partícula ‘aí’ sob a lupa da Teoria Funcionalista”. Destacando o olhar caro ao Funcionalismo de explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, situação discursiva que promove alterações no âmbito lexical e gramatical da língua, os autores discorrem sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, vista como advérbio de lugar (numa visão sistêmica e tradicional de língua), mas que assume, cada vez mais, o papel de um articulador textual, uma função gramatical. Mobilizando os conceitos de gramaticalização e discursivização (Cunha et al., 2001, 2003, 2011, 2013, 2016), bem como conceitos da Teoria Funcionalista trabalhados por Martelotta (1996, 2011) tomam como corpus de análise um fragmento do episódio #251 do Podcast “Pod Delas”. Os autores refletem que o emprego desta partícula, na sincronia atual, pode ser visto como um

processo de discursivização (Martelotta, 1996, 2011), tendo em vista que a trajetória deste processo ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo.

No trabalho “Um ensaio sobre o conto *Rolézim*, de Giovani Martins, à luz do funcionalismo”, Leandro Martins de Souza analisa o uso do Português Brasileiro (PB) no conto *Rolézim*, do livro “O sol na cabeça”, escrito por Geovani Martins. O autor justifica seu interesse em verificar alguns aspectos de adequação da língua, em especial do vernáculo brasileiro, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento. Fundamentando-se em Cunha (2011) e Martelotta (2022), explora recortes do conto e aponta características típicas do processo de gramaticalização, relacionando-as a princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, como marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Conclui que este conto mostra como a estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas de um grupo específico.

No artigo “Estratégias e usos do pronome indefinido *todes* em *tweets*: um diálogo entre a linguística cognitivo-funcional e a teoria *queer*”, Tiago Ruas Dieguez discute um tema relevante e atual: trata da utilização de pronomes considerados não binários, nas mais diversas línguas, que tem mostrado uma “polarização em que se enfrentam defensores e ativistas, de um lado, e críticos e censores, de outro, num debate em que a língua revela sua conexão permanente com os indivíduos, a sociedade e a cultura”. Considerando que estratégias de neutralização de gênero visam a desconstruir um modelo heteronormativo subjacente à língua, por meio de alguma forma de transgressão, Dieguez se propõe a analisar, através da perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional (LC) e com o aporte da teoria *queer*, as ocorrências do pronome pessoal *todes* no PB, mapeando suas características num *corpus* de 100 *tweets*. Toma como categorias de análise conceitos de neutralização de gênero e visibilidade de gênero não binário. Conclui que a utilização do pronome *todes*, revela “estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero, em que a forma não binária ocupa a posição tradicionalmente reservada ao pronome masculino considerado genérico”. Ainda, tal uso mostra-se pertinente para evidenciar identidades de gênero social não binárias, da mesma maneira que se utilizam as formas *todos* e *todas*.

Fechando o volume, no artigo “A revisão textual em tempos de ChatGPT”, as autoras Ev’Ângela Batista Rodrigues de Barros e Sara Izabela Alves Pereira expõem os resultados da pesquisa que avaliou a capacidade do ChatGPT em revisar textos, não apenas em identificar e corrigir erros gramaticais, mas de perceber aspectos mais amplos referentes à esfera discursiva a que se integravam os exemplares em foco. Em pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa (Gil, 2017), foram apresentadas ao algoritmo três textos autênticos, com desvios de naturezas diversas (genéricas, gramaticais e discursivas), para que fossem, na sequência revisados, corrigidos, aprimorados e avaliados. À luz de uma abordagem interacionista e sociodiscursiva (Volóchinov, 2017; Sobral e Barbosa, 2019; Rodrigues, 2015; Salgado, 2013), foi discutida a capacidade do ChatGPT de realizar a contento tais comandos. Este apresentou habilidades notáveis na intervenção e aprimoramento de textos, porém não está isento de erros. O ChatGPT pode ser uma ferramenta útil para aprimorar a revisão textual, mas sua atuação não é capaz de substituir o fazer humano no que tange a considerar o estilo e a intenção do autor, bem como a natureza do discurso em questão.

Como se vê, este volume é de grande riqueza temática e teórica, valendo a leitura pontual de algum(-uns) dos ensaios ou do seu conjunto, como forma de acessar tópicos caros aos estudos linguísticos contemporâneos.

Referências

CUNHA, Angelica F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. 2009. p.175-176.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it evolve?. *SCIENCE*, New York, v. 298, p. 1569-1579, Nov. 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexos numa visão cognitivo-funcional da linguagem. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 09-27, set. 2018.

Dossiê temático

“10 ovos caipira vermelhos”: *silent nouns* na concordância nominal do PB*

Bruna Karla Pereira**

Resumo

Neste artigo, apresento uma proposta de análise para a concordância nominal no português do Brasil (PB), em estruturas como as seguintes: (a) “10 ovos caipira vermelhos” e (a’) “10 ovos [(do TIPO) caipira] vermelhos”. Boa parte dos dados foi coletada a partir de fontes escritas que requerem o uso do padrão normativo de concordância, isto é, a marcação de plural em todos os constituintes do DP aptos à flexão. Por isso, o morfema ‘-s’ está marcado em ‘ovos’ e em ‘vermelhos’ (a). Diante disso, a pergunta que se faz é: por que a palavra ‘caipira’ não apresenta realização do morfema ‘-s’? De posse das propostas de Kayne (2005, 2019, 2021a, 2021b), Pesetsky (2013), Höhn (2016) e Pereira (2016a, 2016b, 2017, 2018a, 2018b, 2018c, 2020a, 2020b, 2024) para análise de estruturas com aparente “disparidade” na concordância, argumento que (a) licencia um nome nulo TIPO (TYPE), precedido pela preposição ‘de’, como ilustrado em (a’). Portanto, ‘caipira’ é flexionado no singular, pois concorda em número com um *silent noun* no singular. Essa análise também se aplica a outras estruturas que licenciam os *silent nouns* TAMANHO (SIZE), TOM (HUE) e SOBRENOME (SURNAME). Consequentemente, não há “discordância”, nas estruturas em questão, mas concordância entre adjetivo e *silent noun*, na cartografia interna do DP.

Palavras-chave: concordância nominal; *silent nouns*; cartografia do DP; Português do Brasil; checagem de traços.

* Uma versão em inglês deste artigo, intitulada “Feature checking and silent nouns in Brazilian Portuguese nominal concord”, foi aceita para ser publicada em Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem.

**Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de doutorado pela University of Cambridge e pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4958-8621>.

“10 ovos caipira vermelhos”: *silent nouns* in BP nominal agreement

Abstract

This paper presents a work on nominal concord in Brazilian Portuguese (BP) structures, such as the following: (a) “10 ovos caipira vermelhos” (10 egg-PL caipira red-PL / ‘10 red pasture-raised eggs’) and (a’) “10 ovos [(do TIPO) caipira] vermelhos” (10 egg-PL (of-the TYPE) caipira red-PL / ‘10 red pasture-raised eggs’). Data were collected mostly from written sources that require the use of standard patterns of agreement, *id est*, the redundant plural marking in the constituents of the DP that are able to be inflected. That is why the morpheme -s is marked in *ovos* and *vermelhos* (a). Being so, why is the word *caipira* (a) unmarked with the plural morpheme? Following Kayne’s (2005, 2019, 2021a, 2021b), Pesetsky’s (2013), Höhn’s (2016), and Pereira’s (2016a, 2016b, 2017, 2018a, 2018b, 2018c, 2020a, 2020b, 2024) approach on structures with apparent mismatch of agreement, I argue that (a) licenses a *silent noun* TIPO (TYPE), preceded by the preposition *de* (‘of’), as illustrated in (a’). Therefore, *caipira* is inflected in singular, because it agrees in number with a singular *silent noun*. This analysis also applies to structures that license other *silent nouns*, such as: TAMANHO (SIZE), TOM (HUE), and SOBRENOME (SURNAME). As a result, there is no “unagreement”, in the phrases at stake, but agreement between the adjective and a silent noun, in the DP-internal structure.

Keywords: nominal agreement; silent nouns; DP-structure; Brazilian Portuguese; feature checking.

1 Introdução

Esta pesquisa¹ trata de checagem de traços- ϕ , tema que tem sido alvo de interesse de diversos pesquisadores em sintaxe gerativa, tais como: Chomsky (2001), Pesetsky e Torrego (2007), Pesetsky (2013), Miyagawa (2017), Kayne (2005, 2019, 2021a, 2021b), Danon (2011), Norris (2014), etc.

Especificamente, neste estudo, objetiva-se analisar a concordância nominal em estruturas do português do Brasil (PB), como as seguintes:

- (1) a. “ovos caipira”
b. “10 ovos caipira vermelhos”
c. “10 ovos tipo jumbo brancos” (Embalagens de ovos em supermercado de Belo Horizonte-MG, 04/12/2021)

A maior parte dos dados coletados provém de fonte escrita, tais como rótulos e anúncios que priorizam o uso da norma culta de concordância, ou seja, a marcação redundante de plural nos constituintes do DP. Esse padrão justifica a realização do morfema ‘-s’, em ‘ovos’ (1a), em ‘ovos’ e ‘vermelhos’ (1b) e em ‘ovos’ e ‘brancos’ (1c). Porém, como se justifica a não marcação de plural em ‘caipira’ (1a, b)? Essa é uma das perguntas que responderei neste artigo.

Outras estruturas com padrão similar àquelas de (1) estão listadas em (2-7):

- (2) “amêndoas doce”²
- (3) camisas P novas
- (4) a. “máscaras infantil” (Status de WhatsApp comercial de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 05/03/2022)
b. “roupas infantil feminino” (Status de WhatsApp comercial de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 27/11/2021)
c. “50 máscaras adulto descartáveis”³
- (5) “lavagem expresso”⁴

1 Pesquisa com registro na PRPPG-UFVJM, aprovada e apoiada em edital PIBIC/CNPq (09/2022 a 08/2023).

2 Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/oleo-de-amendoas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

3 Disponível em: <https://www.tradetoner.com.br/produto/50-mascaras-adulto-descartaveis-tripla-anvisa-82010680001.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

4 Disponível em: <http://www.vitorialavanderia.com.br/servicos.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

- (6) saia vermelho escuro
- (7) os Moreira/ os Carvalho/ os Sousa

Ao analisar essas estruturas, a presente pesquisa tem como objetivos: (i) investigar construções com aparente “discordância” nominal; (ii) contribuir para a descrição da sintaxe do português brasileiro, tendo como referência os universais linguísticos e a comparação com outras línguas; (iii) contribuir para pesquisas em checagem de traços; (iv) empreender uma investigação a respeito de fronteiras sintáticas no domínio do DP para desencadeamento de concordância nominal, tais como cardinais e *silent nouns*; (v) analisar a estrutura do DP; (vi) identificar em que categoria do DP se situam os traços valorados de gênero e número; e (vii) discutir a noção de “concordância *default*” (o que é, quando é utilizada e se de fato se aplica).

Com esses objetivos, este estudo aprofunda e dá continuidade a uma pesquisa mais ampla sobre concordância nominal no PB, que já analisou outras estruturas nominais no PB com aparente “disparidade” morfológica na concordância (Pereira, 2016a, 2016b, 2017, 2018a, 2018b, 2018c, 2019, 2020a, 2020b, 2024). Dentre os resultados, evidenciou-se que não há discrepância, mas sim um padrão coeso que determina a concordância realizada nesses dados. Portanto, do ponto de vista empírico, destaca-se, no presente artigo, a descrição dos dados então listados de (1) a (7), que não foram alvo da literatura, em pesquisas prévias.

Dessa forma, neste artigo, apresentarei: primeiramente, os fundamentos teóricos a respeito de *silent nouns* e concordância nominal tanto em PB quanto em outras línguas; posteriormente, a proposta de análise; e, finalmente, os pontos em discussão, elaboração e aprofundamento bem como as conclusões.

2 Fundamentação teórica

Esta seção está dividida em três subseções nas quais apresento os fundamentos teóricos em: inicialmente, *silent nouns*; posteriormente, *silent nouns* e concordância nominal de um ponto de vista translinguístico; e, finalmente, *silent nouns* e concordância nominal no português do Brasil.

2.1 *Silent nouns*

Em contraste com dados como (8) no qual um nome elíptico (*books*) apresenta um antecedente na sentença, Kayne (2005) observa instâncias de nomes elípticos que não apresentam antecedente, como em (9-12). Os primeiros (8) são chamados, na literatura, de “eclipse recuperável” (“recoverable deletion”, Kayne (2021b, p. 1)) ou “eclipse sob identidade” (“deletion under identity”, Kayne (2019, p. 1)). Os segundos (9-12) são chamados de “eclipse especificada” (“specified deletion”, Kayne (2021b, p. 1)) ou “eclipse sem antecedente” (“antecedentless deletion”, Kayne (2019, p. 1)).

- (8) Jane has five books, but Chris has three.
- (9) a. a few books (a few NUMBER books)
b. a small number of books
c. John has a few/*small books (Kayne, 2005, p. 241-242)
- (10) a. John bought a green car yesterday
(John bought a green COLOR car yesterday)
b. John's suit is of a bright green color.
c. John is wearing a widely discussed suit.
d. John is wearing a bright green suit. (Kayne, 2005, p. 242-243)
- (11) a. John is three (...is three YEARS...)
b. John is three years old.
c. *At the age of three, their newborn daughter already weighed 12 pounds. (Kayne, 2005, p. 243-245)
- (12) a. It's six (...six HOUR...)
b. They will be there in two hours/two hours' time.
(Kayne, 2005, p. 258-260)

O autor argumenta que: (9a) licencia o nome nulo NUMBER, com sua contraparte foneticamente explícita em (9b); (10a) licencia o nome nulo COLOR, com sua contraparte foneticamente explícita em (10b); (11a) licencia o nome nulo YEAR, com sua contraparte foneticamente explícita em (11b); (12a) licencia o nome nulo HOUR, com sua contraparte foneticamente explícita em (12b).

Os *silent nouns* são licenciados a partir de traços ou itens lexicais específicos no sintagma, tais como o adjetivo *few* em (9a), o adjetivo de cor em (10a), a indicação de idade em (11a), e a indicação de tempo em (12a). De acordo com Kayne (2005), nem todos os nomes podem ser nulos da forma como aqueles de (9) a (12) são, pois eles dependem de licenciadores específicos na sentença. Por exemplo, em (9c), *small* não tem capacidade para licenciar NUMBER; em (10c), a indicação de 'COLOR' não está presente, razão pela qual (10c) não desencadeia a interpretação de (10d); por último, em (11c), "a palavra *newborn* [...] é incompatível com *three YEARS*"⁵.

Da mesma forma, Kayne (2021a) descreve outras instâncias de *silent nouns* em inglês. Assim, além de COLOR (13) e NUMBER (14), ele também trata de SIZE (15) e KIND (16), que se tornam especialmente relevantes para dados que este artigo analisa no PB, como será mostrado na seção 3.

- (13) a. They just bought a blue car.
b. They just bought a blue COLOR car.
 - (14) a. They have few friends.
b. They have few NUMBER friends.
c. Of all our students, John's the one who's written the fewest number of papers this year.
 - (15) a. They just bought a small car.
b. They just bought a small SIZE car.
 - (16) a. There will be three different wines at dinner today.
b. There will be three different KIND wines at dinner today.
- (Kayne, 2021a, p. 4-5)

5 "COLOR is not present [...] which does not seem possible with the interpretation of" (Kayne, 2005, p. 243) (10d); and, in (11c), "The word *newborn* [...] is incompatible with 'three YEARS'" (Kayne, 2005, p. 243).

Em (13), “blue é modificador do nome COLOR nulo (porque ele pode ser pronunciado como *color*), em vez do nome *car*” (Kayne, 2021a, p. 4, tradução minha); em (14), “*few* [...] é um modificador de NUMBER, não de *friends*” (Kayne, 2021a, p. 4, tradução minha); em (15), *small* é modificador de SIZE; e, em (16), “*different* é mais propriamente associado ao nome nulo KIND que ao nome pronunciado *wines*” (Kayne, 2021a, p. 5, tradução minha)⁶. Consequentemente, o autor conclui que: “our understanding of cartographic hierarchies must go hand-in-hand with our understanding of the distribution and properties, in a given language and cross-linguistically, of silent elements of the various sorts discussed above” (Kayne, 2021a, p. 7)⁷.

Nesse aspecto, é importante mencionar um trabalho de vanguarda no tema do início da década de 80: embora Aronoff (1981)⁸ sequer mencione o termo nome nulo (ou *silent*), o autor inspira uma consideração importante na questão, ao analisar nomes de automóveis na indústria de carros estadunidense. Ele argumenta que ‘Chevrolet’ e ‘Cadillac’ (17) se tornam nomes comuns em vez de nomes próprios, devido ao fato de fazerem referência, assim como fazem nomes como *table*. Nesse sentido, segundo Aronoff (1981, p. 331, tradução minha), do ponto de vista semântico, “perguntar o que é um Chevrolet é o mesmo que perguntar o que é uma mesa”⁹.

Do ponto de vista sintático, assim como nomes comuns, nomes de carros podem ser modificados tanto por determinantes quanto por adjetivos (17) ou podem ser usados para modificar outros nomes (18), como atributivos.

- (17) a. a blue Chevrolet
 b. two big Cadillacs
- (18) a. a pink Cadillac coupe
 b. a Chevrolet Impala sedan (Aronoff, 1981, p. 331)

6 “*blue* is a modifier of silent COLOR (as it can be pronounced *color*), rather than of *car*” (Kayne, 2021a, p. 4); in (14), “*few* [...] is a modifier of NUMBER, not of *friends*” (Kayne, 2021a, p. 4); in (15), “*small* is a modifier of SIZE”; and, in (16), “*different* is more closely associated with silent KIND than with pronounced *wines*” (Kayne, 2021a, p. 5).

7 “nosso entendimento das hierarquias cartográficas deve estar de mãos dadas com nosso entendimento da distribuição e das propriedades, em uma dada língua e também em domínio translinguístico, dos elementos nulos dos vários tipos acima discutidos.” (Kayne, 2021a, p. 7, tradução minha).

8 Agradeço ao Prof. David Pesetsky, que gentilmente me indicou esta referência, durante minha visita ao MIT, em abril de 2022.

9 “To ask what a Chevrolet is is like asking what a table is” (Aronoff, 1981, p. 331).

De acordo com Aronoff (1981, p. 331, tradução minha), “esta construção atributiva é geralmente usada para restringir o nome modificado como um subtipo ou tipo”¹⁰. Em outras palavras, quando se fala de um Chevrolet, fala-se de um automóvel de um certo tipo (com uma certa fabricação/marca). Ao abordar essa ideia à luz da proposta de Kayne (2005, 2019, 2021a, 2021b), considero que (19a) seria lido basicamente como (19b) com um KIND nulo, como em (19d). Essa consideração também seria coerente com a alegação de Aronoff (1981, p. 332) segundo a qual (19a) responderia a uma questão como (19c) com um *kind* foneticamente realizado.

- (19) a. a Chevrolet
b. a KIND Chevrolet
c. What kind of car do you drive? (Aronoff, 1981, p. 332)
d. blue one KIND CAR -s (as in I prefer red cars, but you prefer **blue ones**) (Kayne, 2021a, p. 5)

Em suma, foi destacado, nesta seção, que, conforme previsto na literatura, nomes nulos fazem parte da estrutura sintática e podem ser a chave para se explicitarem diversas questões a respeito de concordância nominal, cartografia do DP, ordem de palavras e assim por diante.

2.2 *Silent nouns e concordância*¹¹

Para desenvolvimento da proposta de análise das sentenças em (1-7), pauta-se no entendimento de que há uma fronteira sintática no DP que o divide para checagem de traços- ϕ . Com base em Danon (2011) e Norris (2014), NumP funciona, em diversas línguas, como uma fronteira sintática na distribuição do morfema de plural, na estrutura interna do DP. Por exemplo, no Finlandês (20), “um traço de número (plural) está

¹⁰“This attributive construction is generally used to restrict the modified noun as to subtype, or kind” (Aronoff, 1981, p. 331).

¹¹ Por considerar uma revisão sucinta dos pontos essenciais tratados por Danon (2011) e Norris (2014) bem como Kayne (2005), apresento a seção 2.2, que replica parcialmente versões dessa revisão, publicadas, respectivamente, em Pereira (2018b, p. 23-24; 2019, p. 68; 2020b, p. 68-69) e Pereira (2018b, p. 24-25; 2019, p. 68-69; 2020b, 69-70). Pela mesma razão, a seção também replica parcialmente os pontos essenciais tratados por Höhn (2016), que foram sumarizados em Pereira (2020b, p. 70-71).

disponível somente acima da posição de numeral”¹² (Danon, 2011, p. 302, tradução minha).

- (20) Ne kaksi pien-tä auto-a seis-ivat tiellä.
those.pl two.sg small-part.sg car-part.sg stand-past.3pl road.adess
‘Those two small cars stood at the road.’ (Danon, 2011, p. 301)

Sendo assim, sintagmas à esquerda de NumP recebem marca de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Essa regra é observada em exemplos de concordância nominal, em PB não padrão (21).

- (21) a. os (dois) outro carro branco
b. os outros (dois) carro branco (Pereira, 2017, p. 86)

Essa regra é também observada na flexão de ‘que’ em PB dialetal (22). Internamente ao DP, ‘que’ é um sintagma localizado à esquerda do cardinal. Como resultado, o determinante ‘ques’ é marcado com o morfema de plural, enquanto constituintes à direita do numeral – ‘paisagem’ e ‘bonita’ – são não marcados.

- (22) Ques (duas) paisagem bonita! (Pereira, 2016a, p. 603; 2020a, p. 516)

Em ampliação dessa proposta, observa-se também que categorias nulas apresentam essa função de fronteira sintática na distribuição dos traços de número e gênero no DP. Com efeito, Kayne (2005, p. 241-242, tradução minha) observa que adjetivos funcionais, como *few* (23b), “modificam um nome distinto do nome visível *books* no plural [...] O nome em questão é a contraparte silenciosa da palavra *number* vista em:”¹³ (23c).

- (23) a. “*a books”
b. “a few books”
c. “a small **number of books**”

¹²“a (plural) number feature is only available above the position of the numeral” (Danon 2011, p. 302).

¹³“modify a noun distinct from the visible plural ‘books’ [...] The noun in question is a silent counterpart of the overt ‘number’ seen in:” (Kayne, 2005, p. 241-242).

Assim sendo, em contraste com (23a), que é agramatical porque o artigo indefinido *a* do inglês não é compatível com nomes no plural, (23b) é gramatical porque *few* modifica a palavra NUMBER no singular, que não é realizada foneticamente e que é seguida de uma preposição *of*, como visto em (23c).

De acordo com Kayne (2005, p. 260):

Both the study of the conditions under which these *silent nouns* are licensed and the study of the cross-linguistic differences concerning them (which involves at least the syntax of plurality and the syntax of determiners) suggest that this type of silent element may turn out to constitute a more important probe into UG than might have been thought ¹⁴.

Suporte adicional a favor dos *silent nouns* é fornecido em análise que trata da concordância verbal no espanhol, em estruturas como (24). De acordo com Höhn (2016), em (24), o verbo é flexionado na 1ª pessoa, porque ele concorda com o pronome nulo de 1ª pessoa, *nosotros*. Portanto, a aparente “disparidade” na concordância resulta do fato de que o verbo concorda com um pronome nulo em vez do nome, foneticamente realizado na posição de sujeito.

- (24) (Nosotros) los estudiantes vamos todos a la playa.
We the students go.1pl all to the beach
(Höhn, 2016, p. 31)

Em suma, de modo semelhante aos numerais cardinais, *silent nouns* funcionam como uma fronteira para a distribuição de traços- ϕ , no DP, um padrão encontrado em outras línguas do mundo. Na próxima seção, mostrarei como essas fronteiras se manifestam em estruturas com aparente disparidade na concordância, no PB.

¹⁴ “Tanto o estudo das condições nas quais esses nomes nulos são licenciados quanto o estudo das diferenças translinguísticas a eles relacionadas (o que envolve no mínimo a sintaxe da pluralidade e a sintaxe dos determinantes) sugerem que esse tipo de elemento nulo pode vir a constituir uma sonda de muito mais importância na UG do que se poderia imaginar”. (Kayne, 2005, p. 260, tradução minha).

2.3 *Silent nouns* e concordância no PB

Com base em Kayne (2005), Pereira (2017, 2018a, 2018b, 2019, 2020b, 2024) observa que *silent nouns*, com traços valorados, desencadeiam a concordância em certas estruturas do PB. Por exemplo, a autora analisa estruturas com ‘quantos’, ‘umas’ e ‘cadas’ em PB dialetal e defende que nelas os *silent nouns* AMOUNT, HOUR e SET, respectivamente, são projetados e funcionam como fronteira sintática na distribuição dos traços de número no DP, como será visto a seguir.

Assim, para a análise de (25), Pereira (2017, 2018b) defende que o *silent noun* HOUR é projetado. Desse modo, HOUR é seguido de uma preposição *of* (‘de’), o que permite que seu DP complemento (‘meia hora’) seja singular, enquanto itens à sua esquerda (‘umas’) sejam marcados com o plural.

- (25) Levou umas [_{XP} HOUR _{of}] meia hora pra dor passar.
(Pereira, 2017, p. 99; 2018b, p. 32)

Por sua vez, em (26a), ‘quantos’ projeta um *silent noun* AMOUNT (*of*), contendo traços de número plural. Desse modo, porque ‘quantos’ precede esse *silent noun*, ele recebe marca de plural, como observado em (26b). Por outro lado, sintagmas que sucedem o *silent noun*, como ‘real’, em (26c), são não marcados.

- (26) a. Quantos que custa esse? (Pereira, 2017, p. 102; 2018b, p. 35)
b. Quantos (AMOUNT _{of ec})
c. Quantos real que custa?

Além disso, em (27a, b), também dados de PB não padrão, ‘cada’ pode ser flexionado no plural. Segundo Pereira (2018a, 2019), em (27a, b), explicam-se a marcação de plural em ‘cadas’, por este preceder o *silent noun* SET, e a não marcação dos demais itens, por serem subseqüentes ao *silent noun* e argumentos da preposição. Portanto, ‘cada’ licencia um *silent noun* com traços de plural tanto como quantificador, com leitura de conjunto (27b), quanto como qualificador, com leitura de intensificador (27a).

- (27) a. É cadas [SET_{of}] vestido horrível!
b. necessidades de cadas [SET_{of}] cliente (Pereira, 2018a, p. 86-87; 2019, p. 63)

Por último, em estruturas como (28), o sujeito sentencial se realiza com NP no feminino ('moto'), e o predicativo, com AP no masculino ('perigoso'), o que resulta em aparente "disparidade" morfológica na concordância em gênero. Pereira (2020b, 2024) demonstrou que a flexão do AP no masculino se deve à sua concordância com um *silent noun* ALGO, também no masculino, situado na estrutura interna do DP predicativo. Nesse caso, o predicado da sentença copular não é simplesmente um adjetivo, mas um DP composto de um pronome indefinido nulo mais adjetivo. Esse pronome (alvo) comporta traços de gênero masculino e desencadeia a concordância em gênero do adjetivo (sonda).

- (28) Moto é [(ALGO) perigoso]. (Pereira, 2020b, p. 79; 2024, p. 126)

Em suma, observou-se que, em PB não padrão, existe uma regra para concordância nominal segundo a qual a posição de *silent nouns* funciona como fronteira para a marcação de plural no DP. Desse modo, sintagmas que precedem um *silent noun* plural são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas que sucedem o *silent noun* são encaixados como complementos de uma preposição e podem aparecer não marcados. Assim, traços são checados entre modificadores (sonda) e *silent nouns* (alvo).

3 Análise

Como foi apresentado previamente na revisão teórica, o PB tem mostrado um padrão consistente de concordância entre modificadores e *silent nouns*.

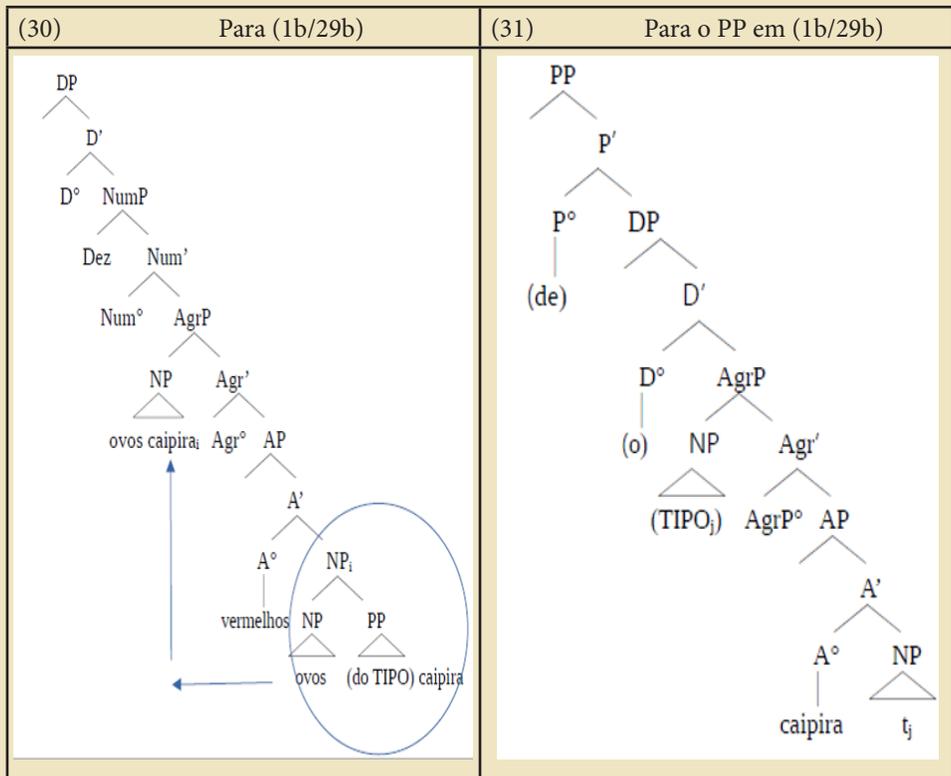
Minha linha de análise, para os dados deste estudo, segue o que propus, a partir de Kayne (2005), para dados do PB com 'quantos', 'umas', 'cadas' e estruturas panquecas, que licenciam, respectivamente, os nomes nulos AMOUNT, HOUR, SET e SOMETHING (Pereira, 2017, 2018a,

2018b, 2019, 2020b, 2024). Dessa forma, levanto a hipótese segundo a qual, em (1a, b), retomados adiante como (29a, b), projeta-se um *silent noun* TIPO, precedido da preposição ‘de’. Portanto, ‘caipira’ está no singular, pois concorda em número com o *silent noun* TIPO, também no singular. Esse mesmo *silent noun* se realiza foneticamente em (1c/29c).

- (29) a. “ovos [(do TIPO) caipira]”
 b. “10 ovos [(do TIPO) caipira] vermelhos”
 c. “10 ovos tipo jumbo brancos”

(Embalagens de ovos, em supermercado de Belo Horizonte-MG, 04/12/2021)

A estrutura sintática arbórea ilustra esses fatos, como se observa nas derivações (30, 31), para (29b), feitas com base em Cinque (2005).



Fonte: Elaborado pela autora.

Em (30), nota-se que o PP ‘(do tipo) caipira’ é gerado em posição de adjunção ao nome ‘ovos’. O movimento de ‘ovos (do tipo) caipira’, em *pied-piping*, para uma posição Agree acima de onde o AP ‘vermelhos’ é inserido, garante a realização do adjetivo de cor posposto a ‘ovos caipira’. Desse modo, a flexão no singular de ‘caipira’ se dá porque ‘caipira’ concorda em número com o *silent noun* TIPO, que se aloja dentro do PP ‘(do tipo) caipira’ (31).

Para análise das construções de (2) a (7), retomadas adiante de (32) a (37), sigo a mesma linha de raciocínio, apresentada para a análise de (29). Tais estruturas projetam os *silent nouns* TIPO, TAMANHO, TOM e SOBRENOME com os quais concordam os constituintes que os seguem: em número singular, tais como ‘doce’ (32), ‘P’ (33), ‘infantil’ (34a) e Moreira (37); e em gênero masculino, tais como ‘expresso’ (35), ‘feminino’ (34b), ‘adulto’ (34c) e ‘vermelho escuro’ (36).

- (32) “amêndoas [(do TIPO) doce]”¹⁵
- (33) camisas [(de TAMANHO) P] novas
- (34) a. “máscaras [(do TIPO) infantil]” (Status de WhatsApp comercial de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 05/03/2022)
b. “roupas [(do TIPO) infantil feminino]” (Status de WhatsApp comercial de trabalhadora autônoma em Perdões-MG, 27/11/2021)
c. “50 máscaras [(do TIPO) adulto] descartáveis”¹⁶
- (35) “lavagem [(do TIPO) expresso]”¹⁷
- (36) saia [(de TOM) vermelho escuro]
- (37) os [(familiares de SOBRENOME) Moreira]

Desse modo, questiona-se a noção de concordância *default* (geralmente usada para tratar de flexão no singular e no masculino, na presença de elementos no plural e no feminino). Com efeito, em (1-7 ou 29,32-37), a concordância se dá por meio de checagem de traços entre um item nominal (*silent noun*), no singular e no masculino, e um item modificador subsequente, que compartilha desses mesmos traços. Portanto, a concordância do modificador não se dá com os itens explícitos do DP, no plural e no feminino, mas com o *silent noun*, no singular e no masculino, o que consiste em um padrão regular de checagem de traços.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/oleo-de-amendoas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.tradetoner.com.br/produto/50-mascaras-adulto-descartaveis-tripla-anvisa-82010680001.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹⁷ Disponível em: <http://www.vitorialavanderia.com.br/servicos.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

4 Discussão e aplicação

Adiante, levantarei, para discussão, alguns pontos que estão em elaboração e aprofundamento, tais como: o papel dos domínios pré e pós-*spell out* na concordância analisada e a marcação de plural em adjetivos linearmente situados após o *silent noun*.

Para responder à questão se, nos dados examinados, a concordância acontece no domínio da sintaxe (*narrow syntax*) ou após *spell out*, como fenômeno de interface, apresento primeiramente o trabalho de Kučerová (2019) acerca de um padrão interessante de concordância no italiano (38a-c). De acordo com a autora, os três padrões seguintes são aceitos quando o nome *chirurgo* ('cirurgião'), seja com final *-a* ou *-o*, refere-se a um indivíduo feminino.

- (38) a. La chirurg-a è andat-a.
the.F surgeon-F is gone-F
'The female surgeon is gone.'
- b. La chirurgo è andat-a.
the.F surgeon is gone-F
'The female surgeon is gone.'
- c. Il chirurgo è andat-a.
the.M surgeon is gone-F
'The female surgeon is gone.' (Kučerová, 2019, p. 656-657)

Enquanto, em (38a), o predicado partitivo (*andat-a*) concorda em gênero feminino com o nome (*chirurg-a*), na posição de sujeito, em (38b) e em (38c), o partitivo também é flexionado no feminino, apesar do fato de que o nome (*chirurgo*), na posição de sujeito, está na forma de gênero masculino. De acordo com Kučerová (2019), isso ocorre porque *-o*, na palavra *chirurgo*, passa por uma reanálise de morfema de gênero masculino para marcador de classe, sem gênero.

Nesse sentido, a autora assume que, na sintaxe estrita, *chirurgo* teria traços de gênero não valorados. Desse modo, quando se refere a um profissional masculino, esse item desencadearia a concordância *default*, que é pronunciada com a forma masculina (39). Diferentemente, quando se refere a um profissional feminino, *chirurgo* (38b e 38c) obteria traços

valorados na interface sintaxe-semântica. Somente depois de ser dotado com tais traços, *chirurgo* desencadearia a concordância em gênero feminino no predicado (*andat-a*).

- (39) Il chirurg-o è andat-o.
the.M surgeon-M is gone-M
'The (male) surgeon is gone.' (Kučerová, 2019, p. 656)

Ademais, de acordo com a autora, o fenômeno seria o resultado de um processo de mudança em andamento no italiano envolvendo essa e outras palavras que se referem a profissões, previamente restritas a homens, mas progressivamente desempenhadas por mulheres. Esses nomes “mudam de portador de gênero masculino, lexicalmente especificado, para uma representação nominal mínima, sem traço de gênero valorado. Essa representação então permite um nível mais amplo de flexibilidade no que diz respeito a um gênero atribuído contextualmente”¹⁸ (Kučerová, 2019, p. 656, tradução minha).

De um ponto de vista comparativo, o tipo de concordância desencadeado por *chirurgo*, no italiano, difere do que ocorre com os dados do PB examinados neste artigo, em pelo menos duas direções: por um lado, a concordância em análise no PB ocorre na sintaxe estrita e dispensa qualquer procedimento de interface para checagem de traços; por outro lado, não consta que os dados considerados no PB estejam passando por algum processo de mudança na atribuição de gênero. A proposta geral é que o nome TIPO, por exemplo, venha do léxico para a sintaxe com traços de gênero masculino, antes de *spell out*.

Portanto, em estruturas como (35) ‘lavagem expresso’, ‘expresso’ obtém traços de gênero masculino disparados pela concordância com o *silent noun* TIPO de gênero masculino. Tudo isso ocorre antes de *spell out*, na sintaxe, como assumido. O mesmo raciocínio parece se aplicar à concordância de número, em (29a) ‘ovos caipira’, dado no qual ‘caipira’ obtém traços de número singular disparados pela concordância com o *silent noun* TIPO no singular.

Neste ponto, a seguinte dúvida pode surgir: por que ‘vermelhos’ (29b), um sintagma à direita de um *silent noun*, está marcado com o

¹⁸ “shift from having a lexically specified grammatical masculine gender to a minimal nominal representation without a valued gender feature. This minimal representation then allows a larger level of flexibility with respect to contextually assigned gender” (Kučerová, 2019, p. 656).

morfema de plural, quando venho mostrando o oposto, isto é, que sintagmas à direita de *silent nouns* são não marcados? É importante esclarecer que a concordância de ‘vermelhos’ nessa estrutura não é desencadeada pelo *silent noun* TYPE.

Como podemos observar em (40) abaixo, “[do tipo) caipira]” está incluído em um sintagma que, por sua vez, está em posição de adjunção nominal (cf. figuras (30) e (31) na seção anterior) e tem escopo sobre ‘ovos vermelhos’. Por essa razão, “[do tipo) caipira]” é relativamente flexível no DP, podendo aparecer depois de ‘ovos’ (40a) ou de ‘ovos vermelhos’ (40b).

- (40) a. 10 ovos [(do tipo) caipira] vermelhos
b. 10 ovos vermelhos [(do tipo) caipira]

Sendo assim, o *silent noun* desencadeia a concordância no interior de seu domínio sintagmático: “[do tipo) caipira]”. Como tal, a flexão de ‘vermelhos’ não tem relação com o *silent noun* TYPE, porque ‘vermelhos’, diferentemente de ‘caipira’, está fora do sintagma contendo o *silent noun*. Em contraste, tanto ‘ovos’ quanto ‘vermelhos’ são flexionados no plural, porque são governados pela regra corrente em português padrão segundo a qual todos os sintagmas internos ao DP que comportam flexão devem ser marcados com o plural, de forma redundante. A aplicação desta regra é coerente com o suporte (ex.: caixas de ovos em estabelecimentos comerciais urbanos), fonte da qual os dados foram coletados e na qual um estilo mais formal (ou “uniforme”) é esperado. Por outro lado, ‘caipira’ está no singular, porque se localiza em um domínio contendo o *silent* TYPE, também no singular, com o qual concorda.

Por isso, a predição segundo a qual sintagmas localizados à direita de um *silent noun* são não marcados se mantém, pois ‘caipira’ está à direita do *silent noun* e está no singular. Logo, o fato de ‘vermelhos’ estar linearmente situado à direita do *silent noun* não é, neste caso específico, um argumento contra a predição principal até então elaborada, porque ‘vermelhos’ está, hierarquicamente, fora do domínio sintagmático contendo o *silent noun*.

Há ainda um outro ponto da análise que precisa ser esclarecido: a possibilidade de ‘caipiras’ ocorrer no plural, como em (41a). A esse respeito, é preciso entender que, quando ocorre flexão no plural, nem o *silent noun* (TIPO) nem muito menos uma fase (PP) de adjunção (‘dos tipos caipira’) são licenciados (41b). Assim, enquanto, em (42a), ‘caipira’ gravita em torno do nome nulo ‘tipo’, em (41a), ‘caipiras’ gravita em torno do nome explícito ‘ovos’.

- (41) a. 10 ovos caipiras vermelhos
 b. # 10 ovos [(dos tipos) caipiras] vermelhos
- (42) a. 10 ovos do tipo caipira vermelhos
 b. # 10 ovos dos tipos caipiras vermelhos

Consequentemente, o plural ‘caipiras’ não é compatível com a contraparte foneticamente realizada do *silent noun* TYPE. Com efeito, (41b) e (42b), contendo o nome explícito ‘tipos’ no plural, veiculam um significado diferente¹⁹ de (41a) e (42a), respectivamente. Isso significa que ‘ovos caipira vermelhos’ (com ‘caipira’ no singular) aceita a realização explícita do nome ‘tipo’ sem mudar seu significado. Diferentemente, ‘ovos caipiras vermelhos’ (com ‘caipiras’ no plural) não a aceita, sem que haja alteração no significado.

Em conclusão, se é verdade que a presença da marca de plural em ‘caipiras’ (41a) não é compatível com a contraparte foneticamente realizada do nome nulo TIPO e, portanto, não o licencia, é também verdade que a ausência da marca de plural em ‘caipira’ (1b/29b) não é meramente opcional ou um fenômeno de interface. Há algo interno à computação sintática que governa o padrão mostrado em (1-7 ou 29,32-37) e que tem a ver com o licenciamento de um *silent noun*²⁰.

19 Em (41a) “10 ovos caipiras vermelhos”, ‘caipiras’ modifica o nome ‘ovos’ e se refere a um certo tipo de ovo produzido quando as galinhas são criadas livremente, em campo aberto. Em contraste, (41b) “10 ovos dos tipos caipiras vermelhos”, com ‘tipos’ no plural, ‘caipiras’ modifica o nome ‘tipos’ e se refere provavelmente a certos tipos de ‘caipira’ que poderiam ser explicados da seguinte maneira: ovos caipiras genuínos seriam aqueles obtidos diretamente do pequeno produtor rural, como em feirinhas locais. Esses ovos podem ser conhecidos também como ‘ovo caipirão’. Esse seria um primeiro tipo de caipira. Diferentemente, ovos não tão genuinamente caipiras seriam aqueles comprados em supermercados. Eles vêm de produção em larga escala com rótulos indicando serem caipiras, mas sua origem não é sempre conhecida pelos consumidores. Esse seria um segundo tipo de caipira. Portanto, (41a) e (41b) veiculam significados levemente diferentes.

20 Em tempo, vale ressaltar que a proposta desenvolvida neste artigo pode também se estender à concordância em compostos nominais formados por N+N no PB. Existe uma predição na literatura, em Morfologia Distribuída, segundo a qual a concordância em compostos é governada por regras sintáticas do mesmo modo que a concordância em sintagmas, no nível sentencial. Por exemplo, Prim (2019) observa que tanto (ia) quanto (ib) são permitidos no PB.

(i)a. palavras-chave

b. palavras-chaves

Para Prim (2019), o primeiro padrão (‘palavras-chave’) se deve à análise pelo falante da construção como possuindo dois núcleos nominais e, desse modo, somente o primeiro nome iria para o plural. Por sua vez, o segundo padrão (‘palavras-chaves’), na visão da autora, deve-se à análise pelo falante da construção como contendo um item nominal e outro adjetival. Desse modo, o modificador concordaria com o nome, exatamente como ocorre na concordância nominal. No caso em questão, uma consequência da aplicação da proposta desenvolvida neste artigo aos compostos seria justificar a concordância em (ia) pela presença de um *silent noun* TIPO: “palavras (do TIPO) chave”.

5 Conclusão

A proposta de análise desenvolvida neste estudo demonstra que as estruturas em questão apresentam, para muito além de “disparidade”, um padrão coeso e consistente de concordância entre adjetivo (sonda) e *silent noun* (alvo), na cartografia interna do DP.

Referências

ARONOFF, Mark. Automobile Semantics. *Linguistic Inquiry*, vol. 12, n. 3, p. 329-347, 1981.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg’s Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 6, n.3, p.315-332, 2005.

DANON, Gabi. Agreement and DP-Internal Feature Distribution. *Syntax*, v. 14, n. 4, p. 297-317, 2011.

HÖHN, Georg. Unagreement is an illusion: apparent person mismatches and nominal structure. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 34, n. 2, p. 543-592, 2016.

KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

KAYNE, Richard. *A note on the tension between silent elements and lexical ambiguity, with special reference to inalienable possession*. Mailing List, November 24th, 2019.

KAYNE, Richard. *On certain aspects of the interaction between cartography and silent elements*. Mailing List, October 31st, 2021a. p. 1-8.

KAYNE, Richard. *On the why of NP-deletion*. Mailing List, November 6th, 2021b. p. 1-10.

KUČEROVÁ, Ivona. On the role of person in the mapping of syntactic features onto their interpretable counterparts. *The Canadian Journal of Linguistics*, 64(4), p. 649-672, 2019.

MIYAGAWA, Shigeru. *Agreement beyond ϕ* . Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

NORRIS, Mark. *A theory of nominal concord*. PhD Dissertation, University of California, Santa Cruz, 2014.

PEREIRA, Bruna Karla. Exclamatives and interrogatives with 'ques': the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-611, 2016a.

PEREIRA, Bruna Karla. Feature interpretability and the positions of 2nd person possessives in Brazilian Portuguese. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), v. 18, p. 199-229, 2016b.

PEREIRA, Bruna Karla. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics* (Papers on Morphology, edited by Snezana Iovtcheva and Benjamin Storme), v. 81, p. 85-104, 2017.

PEREIRA, Bruna Karla. Inflection of 'cada' and number feature valuation in BP. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 61, p. 85-103, 2018a.

PEREIRA, Bruna Karla. NumP e *silent nouns*: fronteiras sintáticas na marcação de plural no PB. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 18-39, 2018b.

PEREIRA, Bruna Karla. O possessivo de 2a pessoa em PB dialetal. *CALETROSCÓPIO*, v. 6, p. 133-149, 2018c.

PEREIRA, Bruna Karla. Flexão de 'cada' em concordância com o *silent noun* SET. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene; OSÓRIO, Paulo; LUCENA, Rubens (org.). *Estudos Linguísticos* (Teorias e Aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina - ALFAL. São Paulo: Terracota, 2019. p. 63-79.

PEREIRA, Bruna Karla. Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal. *SCRIPTA*, v. 24, p. 514-538, 2020a.

PEREIRA, Bruna Karla. Gênero em sentenças copulares no PB: da “discordância” entre sujeito e predicativo para a concordância entre adjetivo e *silent noun*. *Caderno de Squibs*, v.6, p. 66-90, 2020b.

PEREIRA, Bruna Karla. Copular exclamatives and gender agreement. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS, Paulo (org.). Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: *Issues on Brazilian Portuguese*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2024, p. 117-141.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, Simin et al. (ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

PESETSKY, David. *Russian case morphology and the syntactic categories*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

PRIM, Cristina. A concordância nominal em compostos formados por adjetivos e nomes do português brasileiro. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 5, n. 1, p. 50-60, 2019.

Realizações Adverbiais de *perfect* universal no inglês estadunidense

Adriana Leitão Martins*

Arthur Döhler Machado Fernandes**

Carla Cristina de Souza Abrahão da Silva***

Resumo

O objeto de estudo desta pesquisa é o aspecto *perfect* universal, que, quando associado ao tempo presente, indica uma situação iniciada em algum momento do passado que perdura até o momento presente. O objetivo desta pesquisa é investigar como os falantes nativos de inglês estadunidense usam expressões adverbiais para veicular o *perfect* universal associado ao tempo presente. Nossa hipótese é de que o *perfect* universal associado ao presente é exclusivamente veiculado no inglês estadunidense pelos advérbios “*still*”, “*lately*”, “*always*” e “*never*”, por expressões adverbiais encabeçadas por “*for*”, “*since*”, “*to*” e “*until/till*” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente, tais como “*this year*” e “*this month*”. A metodologia envolve a aplicação de um teste linguístico de produção eliciada a falantes nativos de inglês estadunidense. Totalizaram-se 92 voluntários, geograficamente distribuídos por todo país, com diferentes níveis de escolaridade. Nos estímulos alvo, foram obtidas sentenças veiculadoras de *perfect* universal com expressões adverbiais encabeçadas por “*since*” (288), “*from*” (23), “*for*” (11) e “*till/to*” (3) e com o advérbio “*still*” (12). Observou-se que todas as expressões adverbiais encabeçadas por “*from*” eram constituídas por uma estrutura como “*from X time to X time*”. A obtenção dessas expressões adverbiais levou à refutação da nossa hipótese. Discutiu-se que tais expressões são mais articuladas do que aquelas previstas na hipótese por marcarem simultaneamente as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo de tempo de *perfect*.

Palavras-chave: aspecto; *perfect* universal; inglês; realizações adverbiais.

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0510-2586>.

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-graduando em Linguagens, Tecnologia e Educação (LTE). Quality Review Specialist na Duolingo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7193-2866>.

*** Graduada em Letras: Português-Literaturas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instrutora de Inglês no Cultural Norte-Americano. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0294-9003>.

Adverbial realizations of universal *perfect* in American English

Abstract

The object of study of this research is the universal perfect aspect, which, when associated with the present tense, indicates a situation that began at some point in the past and continues until the present moment. The aim of this research is to investigate how native speakers of American English use adverbial expressions to convey the universal perfect associated with the present tense. Our hypothesis is that the present associated with the universal perfect is exclusively conveyed in American English by the adverbs “still”, “lately”, “always”, and “never”, by adverbial expressions headed by “for”, “since”, “to”, and “until/till”, and by adverbial expressions that indicate a time interval between the past and the present, such as “this year” and “this month”. The methodology involves the application of a linguistically elicited production test to native speakers of American English. A total of 92 volunteers were recruited, geographically distributed throughout the country, with varying levels of education. In the target stimuli, sentences conveying the universal perfect with adverbial expressions headed by “since” (288), “from” (23), “for” (11), and “till/to” (3), and with the adverb “still” (12) were obtained. It was observed that all adverbial expressions headed by “from” were structured as “from X time to X time”. Obtaining these adverbial expressions led to the refutation of our hypothesis. It was discussed that such expressions are more complex than those anticipated in the hypothesis because they simultaneously mark the boundaries on the left and right of the perfect time span.

Keywords: aspect; universal perfect; English; adverbial realizations.

1 Introdução

As línguas dispõem de diversas formas verbais e adverbiais que permitem expressar as informações aspectuais que os seres humanos buscam codificar. A categoria linguística aspectual, conforme postulado por Comrie (1976), é responsável pela expressão das diferentes maneiras como a estrutura temporal interna de uma situação é percebida. O aspecto gramatical, mais especificamente, refere-se à informação expressa, por exemplo, por meio da morfologia verbal e de determinadas expressões adverbiais.

Dentre os aspectos gramaticais, destaca-se o *perfect*, objeto de estudo desta pesquisa, pelo qual se estabelece uma associação entre dois momentos no tempo: o do início ou da ocorrência de uma situação (um primeiro momento na linha temporal) e o da continuidade ou do efeito dessa situação (um segundo momento na linha temporal) (Comrie, 1976; Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003; Pancheva, 2003). Assim, o *perfect* não representa apenas um ponto no tempo, mas um intervalo, chamado por Pancheva (2003) de *perfect time span* (PTS).

Segundo McCawley (1981) e Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), o *perfect* pode ser dividido em dois tipos, *perfect* universal e *perfect* existencial, sendo o primeiro o foco deste trabalho. Esclarece-se também que, ainda que o *perfect* possa ser associado aos tempos presente, passado e futuro, apenas o *perfect* associado ao presente é relevante para esta pesquisa. Nesse sentido, pode-se definir o *perfect* universal associado ao presente como aquele que denota uma situação que teve início em algum momento do passado e se estende até o momento presente (Iatridou; Anagnostopoulou; Izvorski, 2003; Pancheva, 2003).

Neste trabalho, defendemos que o aspecto *perfect* universal constitua-se como um traço funcional presente na gramática mental dos falantes de todas as línguas, ainda que esse traço seja diferentemente manifestado em cada língua (Nespoli, 2018). No inglês, língua sobre a qual nos debruçamos neste estudo, o traço associado ao *perfect* universal é expresso tanto por meio de morfologias, quanto por expressões adverbiais, como se verifica no exemplo em (1), respectivamente, nas formas verbais em negrito e nas expressões adverbiais sublinhadas.

(1) I *study* / am *studying* French *since 2015* / *for eight years*.

Eu estudo / estou estudando francês desde 2015 / por oito anos.

A sentença em (1) exemplifica dois mecanismos de expressão do *perfect* universal na língua inglesa. Estruturalmente, o verbo no presente (simples ou contínuo) marca a fronteira à direita, indicando a perpetuação da situação no momento presente, enquanto a expressão adverbial marca a fronteira à esquerda, indicando o início da situação no tempo passado. Nesse sentido, reiteramos que advérbios e expressões adverbiais cumprem um papel importante na veiculação de *perfect* universal.

Analisando exemplos extraídos de gramáticas tradicionais da língua inglesa, como a de Raymond Murphy (2019), e de estudos sobre a expressão do *perfect* em diferentes línguas, como o de Nespoli (2018), verificamos que se constituem como realizações adverbiais do *perfect* universal advérbios como “*still*”, “*lately*”, “*always*” e “*never*” e expressões adverbiais encabeçadas por “*for*”, “*since*”, “*to*” e “*until*” e aquelas que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente, tais como “*this year*” e “*this month*”. Questionamo-nos, contudo, se a variedade estadunidense do inglês não dispõe de outras possíveis realizações adverbiais desse tipo de *perfect*.

Logo, o objetivo deste estudo é analisar como os falantes nativos de inglês estadunidense utilizam advérbios e expressões adverbiais para veicular o *perfect* universal associado ao presente, comparando os dados coletados nesta pesquisa com as formas adverbiais identificadas na literatura descritas no parágrafo acima. Para isso, partindo de Nespoli (2018) e Murphy (2019), assumimos a hipótese de que o *perfect* universal associado ao presente é exclusivamente veiculado no inglês estadunidense pelos advérbios “*still*”, “*lately*”, “*always*” e “*never*”, por expressões adverbiais encabeçadas por “*for*”, “*since*”, “*to*”, “*until/till*” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente, tais como “*this year*” e “*this month*”. Buscamos verificar essa hipótese por meio da elaboração e da aplicação de um experimento linguístico de produção eliciada a falantes nativos do inglês estadunidense¹.

¹ O objetivo e a hipótese cunhados para este estudo, voltados exclusivamente para o estudo do inglês estadunidense, refletem o recorte metodológico empreendido, em que se selecionaram como participantes do experimento linguístico especificamente falantes dessa variedade do inglês. Logo, ainda que outras variedades da língua inglesa possam ter comportamento semelhante quanto ao fenômeno linguístico investigado, não é possível, por meio dos dados obtidos neste estudo, tecer considerações acerca dessas outras variedades.

O artigo aqui apresentado encontra-se dividido em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. Na segunda, apresenta-se a fundamentação teórica deste estudo, com a retomada de informações acerca do aspecto *perfect*. Na terceira, expõe-se a metodologia adotada nesta pesquisa. Na quarta, verificam-se os resultados obtidos e as análises empreendidas. Na última seção, fornecem-se as considerações finais ao estudo.

2 As realizações adverbiais aspectuais

Aprofundando-nos em uma informação apresentada na seção anterior, faz-se necessário destacar que, como determinadas formas verbais podem codificar inúmeras informações aspectuais em diferentes línguas, outros elementos que compõem as sentenças têm a finalidade de evocar a natureza aspectual das sentenças em que figuram tais formas verbais. Cinque (1999) defende que informações funcionais, como as de natureza aspectual, podem ser veiculadas por certos advérbios e expressões adverbiais. Esses constituintes são essenciais na veiculação do aspecto *perfect* universal, como é sustentado pelos trabalhos de Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018) ao analisarem o português e o italiano. A fim de ilustrar tal ponto, comparemos as sentenças do português com a mesma forma verbal apresentadas de (2) a (4) a seguir:

(2) O João conserta bicicleta.

(3) O João ainda conserta bicicleta.

(4) O João conserta bicicleta desde muito novo.

Em todas as sentenças acima, expressa-se o tempo presente, havendo diferenças na informação aspectual nelas codificada. Enquanto a sentença em (2), ao ser vista fora de um contexto, pode ser interpretada puramente como a expressão de uma situação habitual – sendo, por isso, veiculadora do aspecto imperfeito habitual (cf. Comrie, 1976) –, as sentenças em (3) e (4), graças ao advérbio “ainda” e à expressão adverbial “desde muito novo”, são interpretadas como a expressão de situações que se iniciaram no

passado e continuam no presente – sendo, por isso, veiculadoras do aspecto *perfect* universal.

Como descrito acima para o português, também no inglês uma mesma forma verbal pode veicular diferentes informações aspectuais, de modo que as realizações adverbiais são igualmente relevantes para a expressão do *perfect* universal nesta língua. Raymond Murphy (2019) exemplifica alguns advérbios e expressões adverbiais com esse valor aspectual ao introduzir em sua gramática as formas verbais *present perfect*, *present perfect continuous* e *present continuous*, as quais são veiculadoras do aspecto *perfect* universal associado ao presente no inglês segundo Lopes (2016), Jesus (2016) e Fernandes e Nespoli (2021). Os exemplos de (5) a (8) abaixo são extraídos de Murphy (2019, p. 16 -18). As formas destacadas em negrito nesses exemplos referem-se às expressões adverbiais que contribuem para a codificação do *perfect* universal:

(5) *The weather is bad here. It's rained every day **since you arrived**.*

O tempo está ruim aqui. Choveu todos os dias desde que você chegou.

(6) *Andy is phoning his girlfriend again. It's the third time he's phoned her **this evening**.*

Andy está telefonando para sua namorada de novo. É a terceira vez que ele telefona para ela esta tarde.

(7) *Every morning they meet in the same cafe. They've been going there **for years**.*

Todas as manhãs eles se encontram no mesmo café. Eles vão lá há anos.

(8) *The activity is **still** happening.*

A atividade ainda está acontecendo.

Além das expressões adverbiais apresentadas acima, sabe-se que outras podem veicular *perfect* universal na língua inglesa. Nespoli (2018), embora tenha estudado a realização verbal e adverbial desse aspecto apenas em línguas românicas, apresenta uma compilação mais abrangente de realizações adverbiais que possivelmente são igualmente utilizadas em outras famílias de línguas, como as anglo-germânicas. Adaptando-se o quadro de realizações adverbiais elaborado por Nespoli (2018) com base nas línguas românicas para a língua inglesa, tem-se o exposto no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Realizações adverbiais de perfect universal no inglês

Advérbio/Expressão adverbial	Expressa <i>perfect</i> universal?
<i>Still</i> (Ainda)	Sim
<i>Lately</i> (Ultimamente)	Sim
<i>Always</i> (Sempre)	Sim
<i>Never</i> (Nunca)	Sim
<i>For X time</i> (Há/Faz X tempo)	Sim
<i>Since X time</i> (Desde X tempo)	Sim
<i>To/Until/Till X time</i> (Até X tempo no presente)	Sim

Fonte: Adaptado de Nespoli (2018, p. 138).

Conforme apresentado na introdução deste artigo, baseando-nos nos exemplos e descrições de realizações adverbiais de *perfect* universal verificados em Murphy (2019) e Nespoli (2018), cunhamos a hipótese de que esse aspecto associado ao presente é exclusivamente veiculado no inglês estadunidense pelos advérbios “*still*”, “*lately*”, “*always*” e “*never*”, por expressões adverbiais encabeçadas por “*for*”, “*since*”, “*to*”, “*until/till*” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente, tais como “*this year*” e “*this month*”. Buscamos verificar essa hipótese e, assim, ampliar a descrição do modo como os falantes nativos dessa língua expressam o *perfect* universal associado ao presente, particularmente por meio de advérbios e expressões adverbiais.

3 Metodologia

A pesquisa adotou como abordagem metodológica a coleta de dados por viés experimental. Desse modo, desenvolveu-se um teste linguístico de produção eliciada escrita. A seguir, apresentam-se o design do experimento, os seus estímulos alvo, o procedimento de aplicação e as informações acerca dos participantes.

Quanto ao design, o teste foi constituído por dez estímulos, sendo quatro alvo e seis distratores. Todos eles caracterizavam-se pela exposição de uma imagem, um nome, um verbo no infinitivo e um intervalo de tempo expresso por uma data, como dois anos (e.g. [1984 - 2003]) ou um ano seguido da palavra “*currently*” (“atualmente”) (e.g. [2003 - currently]). A tarefa solicitada foi que o participante criasse uma sentença utilizando-

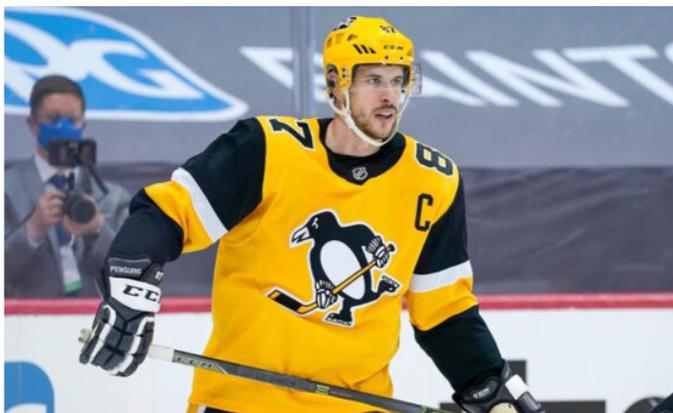
se das informações disponíveis no estímulo. No caso dos estímulos alvo, voltados para eliciar a produção de *perfect* universal associado ao presente, todos continham necessariamente a imagem de uma personalidade amplamente conhecida, como um artista ou um esportista, o nome próprio dessa personalidade, um verbo no infinitivo e uma data indicando um ano de início do evento expresso pelo verbo seguido da palavra “currently” (“atualmente”). No caso dos estímulos distratores, todos continham uma imagem (de uma pessoa ou de um evento), um nome, um verbo no infinitivo e uma data indicando um período de tempo fechado, isto é, duas datas que configuravam um intervalo de tempo no passado ou no futuro.

Os estímulos alvo da pesquisa são descritos de (9) a (12) a seguir e, na sequência, são apresentados, na Figura 1, um exemplo de estímulo alvo e, na Figura 2, um exemplo de estímulo distrator, tal como exibido aos participantes.

- (9) (Beyoncé) (to sing) - [2003 - currently] / imagem da cantora Beyoncé em um palco
- (10) (Messi) (to get awards) - [2004 - currently] / imagem do jogador Messi com um prêmio nas mãos em um palco
- (11) (Sidney Crosby) (to play hockey) - [2005 - currently] / imagem do esportista Sidney Crosby jogando hockey
- (12) (Angelina Jolie) (to be an actress) - [1996 - currently] / imagem da atriz Angelina Jolie atuando

Figura 1: Exemplo de estímulo alvo

(Sidney Crosby) (to play hockey) - [2005 - currently] *



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Figura 2: Exemplo de estímulo distrator

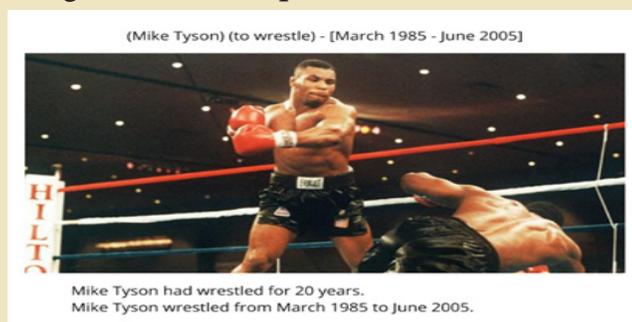


Fonte: elaborado pelos autores (2023).

No que tange ao procedimento adotado para aplicação, o teste desenvolvido foi aplicado a falantes nativos de inglês estadunidense através da plataforma *Google Forms* divulgada por meio de redes sociais, e-mails e aplicativos de comunicação como WhatsApp. A plataforma não contabilizava o tempo de resposta dos informantes e não oferecia um limite temporal máximo para que a resposta fosse fornecida, de modo que tempo de resposta não foi uma variável considerada nos resultados. Inicialmente, uma introdução ao experimento destacava o caráter voluntário das participações, bem como descrevia a tarefa a ser executada pelos participantes e restringia as respostas válidas como oriundas de sujeitos nativos dos Estados Unidos da América. Após declarado o entendimento acerca da tarefa e concedida a concordância na participação da pesquisa por meio da seleção de uma caixa de texto, o participante era dirigido a um questionário elaborado com a finalidade de colher informações básicas acerca de seu perfil, como nível de escolaridade e região de nascimento e de moradia no país. Em seguida, o voluntário era direcionado a uma prática do experimento composta por um estímulo com duas possibilidades de resposta. Finalmente, o participante era direcionado à tarefa propriamente dita. Após o teste linguístico, o voluntário era convidado a opcionalmente deixar seu e-mail, caso desejasse manter-se informado sobre os desdobramentos do trabalho para o qual havia contribuído.

A prática fornecida ao informante antes do início da tarefa continha a mesma composição utilizada nos estímulos distratores, de forma que não se influenciasse a resposta do participante nos estímulos alvo. A utilização de duas opções de resposta válidas tinha o objetivo de ilustrar que não havia apenas um modelo possível ou correto de sentença, incentivando que o informante usasse sua intuição para produzir as sentenças do experimento da forma que lhe parecesse mais natural. A Figura 3 apresentada a seguir expõe a prática exibida ao informante.

Figura 3: Prática apresentada antes do teste



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Quanto aos participantes da pesquisa, destaca-se que, por meio da análise das respostas obtidas no questionário que precedia o teste, descartaram-se as respostas oriundas de informantes que, embora vivessem nos Estados Unidos da América, não haviam nascido nesse país, de forma que fossem analisados somente dados de participantes que passaram seu período crítico de aquisição de linguagem nos Estados Unidos da América. Com isso, totalizaram-se 92 participantes, distribuídos representativamente em todo o país e com níveis de educação formal que variavam do Ensino Médio ao Pós-Doutorado. No Quadro 2 abaixo, encontra-se um resumo quantificado dos dados geográficos fornecidos pelos voluntários e agrupados em regiões:

Quadro 2: Região de nascimento e de residência dos participantes

Regiões	Local de nascimento	Local de residência atual
Centro-Oeste	26	21
Nordeste	24	26
Sul	16	18
Oeste	10	17
Não especificado	16	2
Fora dos EUA	-	8

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em “não especificado”, enquadram-se respostas como “United States” ou “US”, sem especificação de cidade ou estado, fornecidas por alguns voluntários nas perguntas acerca dos locais de nascimento ou de residência. Em “fora dos EUA”, incluem-se respostas como “nômades” ou “sem residência fixa” fornecidas por alguns voluntários na pergunta acerca do local de residência. Embora o local de residência dos informantes possa influenciar na produção dos sujeitos, optou-se por não excluir os oito informantes que não necessariamente moram nos Estados Unidos da América por uma análise prévia dos resultados ter revelado que suas produções não divergiam daquelas dos demais participantes. Logo, o critério para inclusão dos sujeitos na pesquisa foi apenas a língua a que os participantes foram expostos durante a aquisição de linguagem, sendo necessário que todos tivessem o inglês estadunidense como L1.

4 Resultados

O teste aplicado gerou 368 respostas, uma vez que havia 92 informantes que responderam quatro estímulos alvo cada. Entretanto, o número de advérbios/expressões adverbiais analisados não corresponde a esse total especialmente por conta de dois fatores. Primeiro, devido ao fato de alguns informantes terem produzido mais de uma oração na mesma sentença ou mais de um advérbio/expressão adverbial veiculador de *perfect* universal associado ao presente na mesma sentença, como se observa, respectivamente, em (13) e (14) a seguir. Em segundo, devido ao fato de

alguns informantes terem produzido respostas em determinados estímulos alvo que tiveram de ser descartadas por não veicularem, efetivamente, *perfect* universal associado ao presente, como se observa em (15) a seguir.

(13) *Beyonce has been singing on stage as a solo artist since 2003 and is still currently a top performing artist of the industry.*

Beyoncé está cantando no palco como artista solo desde 2003 e ainda é atualmente uma das principais artistas da indústria.

(14) *Beyoncé has sung for twenty years, from 2003 to present.*

Beyoncé tem cantando por vinte anos, de 2003 até hoje.

(15) *Beyonce sang from 2003 to now.*

Beyoncé cantou de 2003 até o presente.²

Ao analisarem-se os dados obtidos, contabilizamos um total de 337 advérbios/expressões adverbiais que contribuíam com a veiculação de *perfect* associado ao presente empregados nas sentenças. Tais advérbios/expressões adverbiais e seus quantitativos de uso foram os seguintes: (i) expressão adverbial iniciada por “*since*” (“desde”) em 288 ocorrências, (ii) expressão adverbial iniciada por “*from*” (“de”) em 23 ocorrências, (iii) advérbio “*still*” (“ainda”) em 12 ocorrências, (iv) expressão adverbial iniciada por “*for*” (“por”) em 11 ocorrências e (v) expressão adverbial iniciada por “*till/into*”³ (“até”) em 3 ocorrências.

Dentre os usos da expressão adverbial iniciada por “*since*”, verificou-se ainda a utilização, em um caso, do advérbio “*ever*” antes de “*since*” e, em um caso, de uma marcação adverbial de fronteira à direita “*to this day*” (“até o presente”) em seguida, como exemplificado em (16) e (17) abaixo. Quanto ao emprego da expressão adverbial iniciada por “*from*”, observou-se que ela era sempre constituída por uma marcação da fronteira à esquerda (“*from X time*”) e da fronteira à direita (“*to X time*”, “*up to X time*”, “*until X time*”, “*up until X time*”, “*through X time*”, “*up through X time*” ou “*onwards*”), como ilustrado em (18) e (19). Já relacionado ao uso do advérbio “*still*”, constatou-se que, em três ocorrências, ele foi associado a uma marcação da fronteira à direita por meio da expressão “*to this day*” e, em quinze ocorrências, desassociado de outra expressão adverbial ou associado ao advérbio “*today*”

² Na sentença em questão, ao realizar o verbo no passado, o informante expressa uma situação que já se encerrou no presente, possivelmente próximo ao momento da fala, de modo que não continua neste, não havendo veiculação de *perfect* universal associado ao presente.

³ No inglês falado, “*till*” é comumente empregado no lugar de “*until*”, de modo que tomamos esses como sinônimos.

ou “currently”⁴, como exemplificado em (20) e (21) abaixo. Quanto ao uso da expressão adverbial iniciada por “for”, observou-se que, em todos os casos, ela é constituída por “for X time”, como ilustrado em (22) abaixo. Finalmente, quanto ao uso da expressão adverbial iniciada por “til/into”, verificou-se que, em um caso, ela foi antecedida pelo advérbio “even” e, em dois casos, a oração em que ela figurava continha o verbo to continue (“continuar”), como exemplificado em (23) e (24) a seguir.

- (16) *Sidney Crosby is still playing hockey today ever since he started in 2005.*
Sidney Crosby ainda está jogando hóquei hoje, desde que começou em 2005.
- (17) *Messi has been receiving awards since 2004 up to this day.*
Messi tem recebido prêmio desde 2004 até os dias de hoje.
- (18) *Sidney Crosby has been playing hockey from 2005 up to this day.*
Sidney Crosby tem jogado hóquei desde 2005 até o dia de hoje.
- (19) *Messi has won awards from 2004 up through the present.*
Messi ganhou prêmios de 2004 até agora
- (20) *Beyoncé has been singing since 2003 and still sings to this day.*
Beyoncé tem cantado desde 2003 e ainda canta até o dia de hoje.
- (21) *Beyoncé started singing in 2003 and still sings today.*
Beyoncé começou a cantar em 2003 e ainda canta hoje em dia.
- (22) *Beyoncé has been singing for two decades.*
Beyoncé tem cantado por duas décadas.
- (23) *Even til this day Lionel Messi has been getting awards nonstop.*
Até o dia de hoje, Lionel Messi continua recebendo prêmios sem parar.
- (24) *Beyoncé has been singing since 2003 and continues into the present day.*
Beyoncé tem cantado desde 2003, e continua até os dias atuais.

Com base nos resultados obtidos, discute-se, primeiramente, que a alta incidência da expressão adverbial iniciada por “since” pode ter sido favorecida pelo fato de a forma verbal empregada pelos informantes já expressar a continuidade da situação até o presente (fronteira à direita do intervalo PTS), de modo que a expressão adverbial utilizada buscava destacar o momento de início da situação no passado (fronteira à esquerda do intervalo PTS). Em segundo lugar, destaca-se que a baixa incidência do advérbio “still”, empregado em apenas 12 ocorrências, apesar de descrito como um

⁴ Interpretamos, contudo, que os advérbios “today” e “currently” expressam o valor aspectual de habitualidade, de modo que a situação referida, além de continuar até o presente, configura-se como um hábito nesse tempo.

advérbio típico de *perfect* universal por Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), pode ser decorrente da natureza do experimento, uma vez que nele se apresentavam datas e, desse modo, possivelmente os informantes foram influenciados a produzirem sentenças em que se expressassem tais datas.

Em terceiro lugar, conforme descrito anteriormente, ressalta-se que a expressão adverbial iniciada por “*from*” era sempre constituída por “*from X time*” e seguida de “*to X time*”, “*up to X time*”, “*until X time*”, “*up until X time*”, “*through X time*”, “*up through X time*” ou “*onwards*”, de modo que, nessas expressões adverbiais, necessariamente expressavam-se as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo PTS, respectivamente. Nesse sentido, esta expressão adverbial pode ser considerada uma forma mais articulada do que a expressão “até X tempo no presente” apresentada em Nespoli (2018) – traduzida para o inglês como “*to/until X time*” no Quadro 1 deste artigo –, uma vez que, enquanto a aquela apresentada por Nespoli (2018) destaca exclusivamente a fronteira à direita do intervalo PTS, a obtida neste artigo ressalta ambas as fronteiras desse intervalo. A produção dessa expressão adverbial mais articulada pode ter sido favorecida, como discutido no parágrafo anterior, pelo fato de os estímulos experimentais conterem explicitamente um intervalo de tempo, como “[2003 - *currently*]”.

Ainda sobre a expressão adverbial obtida nos resultados deste estudo e descrita no parágrafo acima, destaca-se que, por ela não constar dentre as apresentadas por Nespoli (2018) ou ter sido identificada dentre os exemplos veiculadores de *perfect* universal associado ao presente verificados em Murphy (2019), tal expressão adverbial não estava prevista na hipótese deste estudo. Em função disso, a hipótese deste artigo foi refutada, uma vez que, para além da produção de alguns dos advérbios/expressões adverbiais previstos na hipótese, foi verificado também o uso da expressão adverbial iniciada por “*from*”.

5 Considerações finais

Neste estudo, buscou-se analisar como falantes nativos de inglês estadunidense utilizam advérbios e expressões adverbiais para veicular o *perfect* universal associado ao presente. Para tanto, desenvolveu-se um teste linguístico de produção eliciada, que foi aplicado a falantes nativos dessa língua, tendo sido consideradas as respostas fornecidas por 92 informantes.

Por meio da análise dos resultados, identificou-se, em sentenças veiculadoras de *perfect* universal associado ao presente, o emprego de expressões adverbiais iniciadas por “*since*” (“desde”), “*from*” (“de”), “*for*” (“por”) e “*till/into*” (“até”) e o advérbio “*still*” (“ainda”).

A hipótese inicial deste estudo era de que o *perfect* universal associado ao presente é exclusivamente veiculado no inglês estadunidense pelos advérbios “*still*”, “*lately*”, “*always*” e “*never*”, por expressões adverbiais encabeçadas por “*for*”, “*since*”, “*to*”, “*until/till*” e por expressões adverbiais que indicam um intervalo de tempo entre o passado e o presente, tais como “*this year*” e “*this month*”. Tal hipótese foi refutada devido à ocorrência de expressões adverbiais encabeçadas por “*from*”, não previstas originalmente, as quais foram sempre utilizadas em construções como “*from X time (up) to/until/through X time*” (“de X tempo até X tempo”). Discutiu-se que tal expressão adverbial é mais articulada do que as previstas na hipótese desta pesquisa por expressar a um só tempo as fronteiras à esquerda e à direita do intervalo PTS e pode ter sido favorecida pelo modelo de experimento desenvolvido.

Destacam-se duas principais contribuições deste estudo. Uma delas diz respeito à ampliação da descrição das realizações adverbiais de *perfect* universal no inglês estadunidense, o que se constitui como uma contribuição a estudos que se voltam para a descrição das realizações morfossintáticas do aspecto *perfect* nas línguas. A segunda refere-se à contribuição do estudo para o ensino de inglês como língua estrangeira, uma vez que, ainda que o foco desta pesquisa não seja o ensino/aprendizado de um fenômeno linguístico da língua inglesa, a descrição apresentada neste artigo acerca de distintas realizações adverbiais do *perfect* no inglês estadunidense contemporâneo pode amparar o trabalho do professor que queira focalizar o ensino desse aspecto em particular ancorado em produções reais para além daquelas descritas em gramáticas e manuais de ensino de inglês como L2.

Por fim, ressalta-se que um desdobramento deste estudo pode ser a aplicação do mesmo experimento adaptado para línguas neolatinas, como português, francês e italiano, línguas investigadas por Nespoli (2018), a fim de verificar se também nelas a expressão adverbial observada neste estudo e não prevista em nossa hipótese pode ser verificada, o que ampliaria o mapeamento de realizações adverbiais de *perfect* nessas línguas. Além desse, outro desdobramento possível deste estudo envolve o desenvolvimento de outros experimentos linguísticos e a adaptação do experimento apresentado

neste artigo com coleta de dados de produção oral a fim de verificar se os demais advérbios / expressões adverbiais previstos na hipótese e não obtidos nos resultados desta pesquisa podem ser obtidos com informantes falantes nativos de inglês estadunidense por outro viés metodológico.

Referências

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, Bernard. *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FERNANDES, Arthur Döhler Machado; NESPOLI, Juliana Barros. Uma análise da transferência de propriedades aspectuais do perfect na aprendizagem de inglês como segunda língua. *Episteme Transversalis*, [S.l.], v. 12, n. 3, dez. 2021. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2430>. Acesso em: 23 out. 2023.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (orgs.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

JESUS, Júlia Lourenço. O aspecto perfect no inglês dos Estados Unidos (IEU) e no português do Brasil (PB): uma análise do perfect do tipo universal. In: 7ª SIAC. ANAIS [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

LOPES, Thais Lima. *A realização morfológica do aspecto perfect no português do Brasil e no inglês britânico - uma análise comparativa*, 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MCCAWLEY, James David. Notes on the English present perfect. *Australian Journal of Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 81-90, jun. 1981.

MURPHY, Raymond. *English grammar in use book without answers: a self-study reference and practice book for intermediate students of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NESPOLI, Juliana Barros. *Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NESPOLI, Juliana Barros; MARTINS, Adriana Leitão. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 30-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649668>. Acesso em: 23 out. 2023.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (org.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

Por uma abordagem cognitiva da linguagem humana

Sandra Maria Silva Cavalcante*

Resumo

Este artigo tem por objetivo convidar o leitor a refletir sobre a importância da realização de estudos que focalizam a linguagem humana em sua indissociável relação com a cognição. Para isso, são apresentadas diferentes perspectivas para os estudos da linguagem, de forma a priorizar uma concepção corporificada e situada, contextualizada, dialógica de cognição. O estudo defende a tese de que independentemente da ascendência científica e filosófica a que pesquisadores, professores e estudantes se afilem, faz-se necessário considerar a natureza multifacetada, pluridimensional e, portanto, complexa desse objeto de investigação. Dentre as referências teóricas que sustentam e justificam a discussão desenvolvida no artigo, destacam-se Lakoff e Johnson (1999); Sinha (1999); Donald (1999); Morin (1999, 2004); Geeraerts (2006) e Tomasello (2003a, 2003b, 2008). Por fim, para ilustrar a potencialidade da abordagem cognitiva para os estudos linguísticos, o artigo propõe uma redefinição do fenômeno da intertextualidade.

Palavras-chave: cognição; linguagem; dialogismo; atos linguísticos; intertextualidade.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8433-1792>.

Towards a cognitive approach of human language

Abstract

This article aims to invite the reader to reflect on the importance of carrying out studies that focus on human language in its inseparable relationship with cognition. In order to do so, different perspectives for language studies are presented, prioritizing an embodied and situated, contextualized, dialogic conception of cognition. The study defends the thesis that regardless of the scientific and philosophical roots to which researchers, teachers and students are affiliated, it is necessary to consider the multifaceted, multidimensional and, therefore, complex nature of this object of investigation. Among the theoretical references that support and justify the discussion developed in the article stand out Lakoff and Johnson (1999); Sinha (1999); Donald (1999); Morin (1999, 2004); Geeraerts (2006) and Tomasello (2003a, 2003b, 2008). Lastly, in order to illustrate the potentiality of a cognitive approach for linguistic studies, the article proposes a redefinition of the intertextuality phenomenon.

Keywords: cognition; language; dialogism; linguistic acts; intertextuality.

[...] a cognição não é apenas o que acontece na mente individual [...] a cognição é encéfala, corporificada, enculturada, estendida e distribuída.

Geertz (2010, p. 305)

Estudos realizados em diferentes campos do saber, no âmbito das Ciências Cognitivas, assumem diferentes concepções para a busca de compreensão da indissociável relação entre cognição e linguagem. Nos trabalhos de pesquisa e de formação de professores que desenvolvemos, o estudo dessa relação pressupõe que a cognição humana deve ser reconhecida e compreendida em uma perspectiva corporificada¹. Essa compreensão não deve nos afastar, no entanto, do reconhecimento da importância de estudos realizados com base em outros princípios epistemológicos, em diferentes concepções de cognição e de linguagem², as quais, inclusive, podem ser identificadas em trabalhos publicados nesta edição.

Neste texto, a tensão entre (ou a atenção a) diferentes perspectivas para o estudo da relação entre cognição e linguagem tem por objetivo convidar o leitor a refletir sobre como e por que a linguagem humana pode e deve ser estudada em uma perspectiva cognitiva.

1 Cognição e linguagem: estudos em diferentes perspectivas

Uma retomada do percurso adotado pela Ciência Cognitiva, no que concerne ao campo da Linguística, para o estudo da relação entre Linguagem e Cognição, coloca-nos diante de estudos que se encaminham em diferentes perspectivas. Uma primeira perspectiva, assumida por cognitivistas clássicos, toma como objetos de investigação aspectos mentais, considerados inatos, autônomos e universais no processamento linguístico, que permitiriam uma precisa descrição lógico-formal de sua estruturação. Uma severa crítica a essa forma de investigação científica se constitui com base no argumento de que, quando se trata da relação entre linguagem e sociedade, essa perspectiva poderia denominar-se *descorporificada*³, isto é, uma perspectiva que considera a mente como radicalmente dissociada do

1 Sobre o assunto, conferir Cavalcante (2020, 2021) e Cavalcante, Militão (2019).

2 Sobre o assunto, conferir Cavalcante (2002; 2009).

3 Sobre isso, conferir Lakoff e Johnson (1999).

“corpo” humano e de suas capacidades e experiências sensório-perceptuais. Na obra *Philosophy in the Flesh*, Lakoff e Johnson (1999) apresentam essa crítica:

Herdamos da tradição filosófica ocidental uma teoria psicológica, segundo a qual temos uma “faculdade” da razão que se encontra separada e independente daquilo que fazemos com nossos corpos. Em particular, a razão é vista como independente da percepção e dos movimentos corporais. Na tradição ocidental, essa capacidade autônoma da razão é considerada como aquilo que nos torna essencialmente humanos, distinguindo-nos de todos os outros animais [...]. As evidências fornecidas pela Ciência Cognitiva mostram que esta psicologia clássica baseada na faculdade da razão está errada. Não há nenhuma faculdade da razão autônoma, separada e independente de capacidades corporais como a percepção e o movimento. (Lakoff; Johnson, 1999, p. 16-17, tradução da autora)

Em consonância com os argumentos apresentados por Lakoff e Johnson (1999), uma concepção subjacente a essa primeira perspectiva fundamenta-se em uma visão objetivista (platônico-aristotélica) da natureza da linguagem, da produção de sentido e da racionalidade humana⁴. Essa visão, pautada na longa tradição filosófica ocidental, tem exercido forte influência em um amplo e dominante programa de pesquisa que congrega um número expressivo de disciplinas — Filosofia, Psicologia, Ciências Computacionais e, como carro-chefe, a própria Linguística.

Ao discutir os fundamentos da tradição filosófica ocidental objetivista, no prefácio da obra *The Body in the Mind*, Johnson (1987) contesta a concepção racionalista da realidade, segundo a qual a razão é uma capacidade puramente formal de conectar e “desenhar” conceitos literais de acordo com regras lógicas. Segundo Johnson, nessa perspectiva, para descrever uma realidade objetiva, precisamos de uma linguagem que expresse conceitos que possam ser mapeados entre objetos, propriedades e relações que se instituem de forma contextualmente literal, unívoca e independente.

Crescente a partir dos anos 80, uma segunda perspectiva dos estudos da linguagem, também denominada Linguística Cognitiva, contrapõe-se francamente ao cognitivismo clássico e investe no desenvolvimento

⁴ A esse respeito, conferir *A crisis in the theory of meaning and rationality*, em Johnson (1987). Além disso, em Lakoff e Johnson (1999), o capítulo que dá nome à obra *Philosophy in the flesh*.

de práticas investigativas de caráter empírico que buscam compreender a linguagem como uma forma de ação no mundo, integrada a habilidades cognitivas mais gerais, dentre as quais a percepção, a atenção, a memória, e decorrentes de operações cognitivas básicas como a esquematização, a categorização e a perspectivação. Investigações científicas que privilegiam essa compreensão de linguagem têm apresentado importantes avanços no que se refere à corporeidade da mente, à inconsciência cognitiva e ao pensamento metafórico.

Na verdade, estamos defendendo a idéia de que a segunda geração da Ciência Cognitiva adote uma nova postura diante da filosofia — a de uma filosofia corporificada que será consistente com as descobertas sobre a corporificação da mente, o inconsciente cognitivo e o pensamento metafórico [...]. A Linguística Cognitiva surgiu de mãos dadas com a segunda geração da Ciência Cognitiva e, ao longo dos anos, vem se tornando parte dela. Tal lingüística não está sujeita à intrusão da filosofia cartesiana e formalista. Ela, certamente, tem suas próprias pressuposições filosóficas, mas essas são de natureza metodológica, tendo a ver com a demanda por generalizações, por evidências convergentes e pela realidade cognitiva. Elas [essas evidências] não especificam, a priori, o que a investigação empírica deve descobrir [...]. (Lakoff; Johnson, 1999, p. 495-496, tradução da autora)

As perspectivas teórico-metodológicas adotadas pelo Cognitismo Clássico e pela segunda geração da Ciência Cognitiva, apesar de serem consideradas controversas em sua essência, apontam para o fato de que o heterogêneo campo de estudo em que se investigam as relações entre linguagem e cognição configura-se a partir de um consenso: a linguagem humana é um “fenômeno”, indiscutivelmente, complexo, multifacetado e, portanto, passível de diferentes e nem sempre convergentes abordagens. Geeraerts (2006), assim, descreve o cenário em que essas diferentes abordagens se instituem no final do século XX e início do século XXI:

O desenvolvimento da linguística no século XX se caracteriza pela sucessão de duas abordagens predominantes: a estruturalista e o gerativista. Atualmente, na primeira década do século XXI, o paradigma gerativista não é mais a moldura principal, embora não haja ainda, de forma clara, uma nova abordagem central.

Se olharmos para a Linguística Cognitiva a partir desta perspectiva, há indicações de que ela combina um número de tendências que podem ser encontradas em outros desenvolvimentos contemporâneos da linguística teórica, ou seja, no amplo leque de abordagens funcionalistas da linguística. [...] Especificamente falando, se reconhecemos que a descontextualização é uma característica subjacente fundamental do desenvolvimento da teoria gramatical na linguística do século XX, podemos dizer que a Linguística Cognitiva corporifica vigorosamente a tendência de recontextualização que é compartilhada pela maioria das abordagens funcionalistas. (Geeraerts, 2006, p. 25)

Nesse percurso epistemológico, o final da década de 80 do século XX marca um importante momento: a busca de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento por respostas para uma antiga pergunta: que relação há entre cognição humana, linguagem e vida social?

Assumir este questionamento pressupõe integrar-se a uma agenda de investigação científica que focaliza os processos cognitivos relacionados à linguagem como processos que se, por um lado, são determinados pela fisiologia cerebral, pela arquitetura mental da espécie humana, por outro, constituem e são constituídos pelas práticas sociais e culturais dos diferentes grupos em que os seres humanos se organizam. As práticas sociais e culturais, por sua vez, se realizam — e se atualizam — em concretas situações de interação humana, ou seja, nas concretas e dinâmicas formas de uso da linguagem a que os seres humanos se integram, desde a mais tenra infância.

As habilidades linguísticas que um indivíduo possui em qualquer momento — sob a forma de um “inventário estruturado de unidades simbólicas” — resulta de suas experiências acumuladas com a língua e são obtidas pela totalidade de eventos de usos ao longo de sua vida. Essa experiência linguística acumulada sofre processos de entrenchamento, devido aos usos repetidos de expressões específicas no decorrer desses eventos de uso, e a processos de abstração resultantes das variações de expressões específicas no decorrer dos eventos de uso. Sob esse foco, nos eventos de uso e nos processos de aprendizagem de línguas, que ocorrem nesses eventos, um aspecto crucial na agenda de pesquisa dos modelos de língua baseados em uso é, ou deveria ser, o estudo de como os seres humanos constroem os aspectos mais básicos de sua competência linguística desde a infância (Tomasello, 2006, p. 439)

Da mesma forma como deve ser compreendido o próprio conhecimento humano, no desafio maior da agenda de pesquisas do início do século XXI, a linguagem humana passa a ser concebida — e, portanto, investigada — como um “fenômeno” inextricavelmente biofisiológico, psicocognitivo, sociocultural e histórico⁵. O aparato científico-metodológico e tecnológico de que dispomos nos tem permitido alcançar importantes resultados de pesquisa sobre a linguagem humana nessas diferentes dimensões⁶. Esses resultados provêm do aprofundamento de estudos realizados em áreas do conhecimento como a Biologia Evolucionária, a Antropologia Cognitiva, a Psicologia Cognitiva, a Psicolinguística, a Linguística Cognitiva.

Em função da longa tradição lógico-formal que ainda se institui, inclusive, no campo das Ciências Humanas, esse aparato científico, no entanto, ainda não nos permitiu uma abordagem que integrasse, definitivamente, essas diferentes e inextricáveis dimensões. No decorrer de séculos, dividimos o ser humano em peças tão pequenas, organizadas em compartimentos tão bem definidos, que, hoje, nos custa um esforço enorme a reconstituição da imagem original que se esconde entre as partes desse quebra-cabeça.

Nesse contexto, cabe enfatizar que, independentemente da ascendência filosófica a que nos afiliemos, da peça que desejemos eleger como fundamental para a montagem desse complexo quebra-cabeça, da perspectiva epistemológica que adotemos, a opção por um paradigma “pragmaticista” ou um paradigma “mentalista” que fundamente um trabalho científico sobre a constituição e o funcionamento da linguagem humana não nos permite desconhecer — desconsiderar — a natureza multifacetada, pluridimensional e, portanto, complexa desse objeto de investigação.

5 Para fundamentar a necessária abordagem multidimensional da construção do conhecimento humano e, em especial, da linguagem humana, conferir Morin (1999, 2004).

6 Recursos amplamente utilizados pelas Tecnologias da Comunicação e da Informação, dentre os quais gravação em som e vídeo digital; aparelhos de ressonância magnética e de tomografia computadorizada; tecnologia *Eye tracking*, softwares especializados, entre os quais o Elan (versão 6.0, 2020), vêm contribuindo, de forma significativa, para a qualidade de trabalhos de pesquisa que investigam diferentes aspectos da linguagem humana.

2 Cognição, linguagem e atos linguísticos: concepções convergentes

Uma análise histórica das origens da Linguística como ciência nos coloca diante da recomendação saussuriana de que a adoção de um determinado ponto de vista define o objeto de investigação (Saussure, 2002, p. 25). Trabalhos empíricos realizados no campo da Antropologia Evolucionária e da Psicologia Cognitiva vêm apresentando evidências científicas que nos permitem defender a tese de que a **cognição humana** é, fundamentalmente, marcada por processos *filogenéticos*, *históricos* e *ontogenéticos* que permitem ao homem beneficiar-se das diversas formas de conhecimento acumuladas pelos grupos sociais e que, ao mesmo tempo, determinam essas diversas formas de conhecimento, entre elas a própria comunicação linguística.

Na obra *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*, Tomasello afirma que a cognição humana tem as qualidades únicas da espécie porque

- (1) filogeneticamente, os seres humanos modernos desenvolveram a capacidade de identificar-se com seus co-específicos, o que levou a uma compreensão destes como seres mentais e intencionais iguais a eles mesmos;
- (2) historicamente, isso favoreceu novas formas de aprendizagem cultural e sociogenese, que levou a artefatos culturais e tradições comportamentais que acumularam modificações ao longo do tempo histórico;
- (3) ontogeneticamente, as crianças humanas crescem no meio desses artefatos e tradições social e historicamente construídos, o que faculta a elas (a) beneficiar-se do conhecimento e das habilidades acumuladas de seus grupos sociais, (b) adquirir e usar representações cognitivas perspectivas na forma de símbolos lingüísticos (e analogias e metáforas construídas a partir desses símbolos) e (c) internalizar certos tipos de interações discursivas, o que promove a capacidade de metacognição, redescrição representacional e pensamento dialógico. (Tomasello, 2003a, p. 13)

Por que uma hipótese multidimensional da cognição humana se revela coerente para o propósito de descrição e de explicação de diferentes fenômenos linguísticos e discursivos?

Para responder a esse questionamento, pensemos em duas das mais revolucionárias descobertas da espécie humana: o fogo e a roda. Não inventamos o fogo ou a roda todos os dias. Imaginamos e (re) inventamos os artefatos culturais com base na experiência que acumulamos filogeneticamente, historicamente e ontogeneticamente. Nossa evolução cultural é cumulativa. Desenvolvemos, utilizamos, compartilhamos e perpetuamos o nosso potencial cognitivo em meio a artefatos e práticas sociais que, apesar de sempre novos, não surgem do nada. Esses artefatos e práticas sociais reúnem a memória social da espécie humana, ou seja, toda experiência e sabedoria coletiva acumulada pelos grupos sociais a que pertencemos. A cognição humana é, nesse sentido, essencialmente social.

O fato de nascermos e crescermos em um mundo cultural traz implicações cognitivas profundas para a constituição da espécie. Sobre isso, o cientista cognitivo Merlin Donald, em trabalho intitulado *Origens do Pensamento Moderno*, afirma:

Talvez os nossos genes sejam muito idênticos aos dos chimpanzés e dos gorilas, mas a nossa arquitetura cognitiva não é. E tendo atingido um ponto crucial na nossa evolução cognitiva, somos criaturas que usam símbolos, ligados em rede, diferentes de qualquer criatura anterior a nós. Independentemente de o nosso contexto cronológico atual vir a ser posto em causa ou radicalmente alterado por investigações futuras [...]: os seres humanos são diferentes. As nossas mentes funcionam em vários planos representacionais, filogeneticamente novos, nenhum dos quais está disponível aos outros animais. Atuamos em coletividades cognitivas, em simbioses com sistemas externos de memória. À medida que desenvolvemos novas configurações simbólicas externas e novas modalidades, reconstruímos a nossa própria arquitetura mental de uma forma não trivial. (Donald, 1999, p. 456)

Desde crianças bem pequenas, reconhecemos no outro um sujeito intencional e compartilhamos com esse sujeito a aprendizagem das regras de sobrevivência natural e, da mesma forma, das regras de sobrevivência cultural, social. Nossa percepção, atenção, memória, nossa capacidade de

categorizar, de perspectivar, de criar analogias e metáforas, de resolver problemas, de referenciar e de significar, através do uso comunicativo, estético e religioso de símbolos linguísticos e não linguísticos, criados e compartilhados culturalmente, enfim, nossa cognição é impactada e parametrizada pelas nossas vivências culturais, pelas nossas experiências sociais. Essas, por sua vez, se instituem, desde a mais tenra infância, de maneira subjetiva, pessoal, idiossincrática e, simultaneamente, de maneira intersubjetiva, compartilhada, conjunta, coletiva.

A cognição humana pressupõe o conjunto de atividades mentais que envolvem a aquisição, a representação, a transformação e o emprego das diferentes formas de conhecimento e de experiências sensorio-perceptuais humanas. Essas atividades são passíveis de realização porque, diferentemente de outras espécies animais, os seres humanos modernos desenvolveram um modo particular de interagir com o mundo físico e social em que vivem. Esse modo particular de interação decorre de processos identificados nas inextricáveis dimensões — filogenética, histórica e ontogenética — que constituem a espécie. Dessas três dimensões, desdobram-se três estruturas temporais distintas que constituem a cognição humana:

[...] não se pode compreender plenamente a cognição humana — ao menos nos seus aspectos exclusivamente humanos — sem considerar em detalhes seu desdobramento em três estruturas temporais distintas: no tempo filogenético, quando o primata humano desenvolveu sua maneira única de compreender os co-específicos; no tempo histórico, quando essa forma particular de compreensão social conduziu a formas particulares de herança cultural com artefatos materiais e simbólicos que acumulam modificações no transcurso do tempo; e no tempo ontogenético, quando crianças humanas absorvem tudo o que suas culturas têm para oferecer, desenvolvendo, nesse processo, modos únicos de representação cognitiva baseado na diversidade de perspectiva. (Tomasello, 2003a, p. 283)

Ao discutir a função estruturante da linguagem, no desenvolvimento cognitivo da espécie humana, resultados de pesquisa de caráter empírico realizadas por Tomasello (2003a, 2006, 2008) descrevem evidências que corroboram a tese de que a linguagem humana deve ser compreendida como uma capacidade de expressão simbólica, associada a capacidades cognitivas mais gerais, dentre as quais as capacidades de compreensão dos

processos de atenção e de intenção que os seres humanos compartilham, constroem conjuntamente, desde a infância. Segundo Tomasello,

[...] no transcurso do tempo histórico, os seres humanos criaram em colaboração uma incrível coleção de perspectivas e interpretações categoriais sobre todo tipo de objetos, eventos e relações, e as incorporaram em seus sistemas de comunicação simbólica chamados de línguas naturais. À medida que as crianças se desenvolvem ontogeneticamente, usam suas aptidões básicas [...] em combinação com a capacidade de compreender as intenções comunicativas dos adultos — para aprender o uso das formas simbólicas relevantes. Isso lhes permite tirar vantagem de um vasto número de categorias e analogias que outros membros de sua cultura consideraram adequado criar e simbolizar e que muito provavelmente elas nunca teriam pensado em criar sozinhas. Além disso, é claro, em alguns casos elas também podem generalizar isso tudo e criar categorias e analogias novas por conta própria — lembrando sempre que a linha individual de desenvolvimento funciona a partir de materiais fornecidos pela linha cultural de desenvolvimento — que outras pessoas podem vir a adotar. (Tomasello, 2003a, p. 236-237)

Os atos linguísticos são atos sociais que um indivíduo dirige ao outro de forma intencional (e acentua que está fazendo isto) para fins de direcionar a intenção e imaginação do outro de formas específicas, de modo que um irá fazer, conhecer ou sentir aquilo que o outro deseja que ele queira. Tais atos só serão bem sucedidos quando tanto um participante quanto o outro estiverem equipados de uma infra-estrutura psicológica de habilidades e motivações de intencionalidade compartilhada desenvolvidas para facilitar interações com os outros por meio de atividades colaborativas. A linguagem, ou melhor, a comunicação linguística não é, portanto, um tipo qualquer de objeto, seja ele formal ou não; ao contrário, é uma forma de ação social constituída por convenções sociais para atingir finalidades sociais, sob premissas que contenham, no mínimo, alguns entendimentos bem como propósitos compartilhados dentre seus usuários. (Tomasello, 2008, p. 343, tradução da autora)

Em consonância com os trabalhos desenvolvidos por Tomasello, defendemos a tese de que a **linguagem humana** se caracteriza como uma “capacidade de comunicação simbólica” inerente, inata, à espécie humana.

Essa capacidade se institui e se manifesta pela ativação de domínios de conhecimento construídos, adquiridos e compartilhados intencionalmente pelos seres humanos em situações concretas de comunicação e, portanto, de interação social.

Nesse contexto epistemológico, as **línguas naturais** são compreendidas como um “sistema simbólico de comunicação” que se institui pela ativação de diferentes domínios de conhecimento semântico-pragmático, manifestados na forma de estruturas fônicas, lexicais e sintáticas compartilhadas por interlocutores que se instituem sujeitos enunciadore — aqueles que colocam a língua em atividade.

Esses sujeitos, ao se instituírem e interagirem, em uma dada cena comunicativa, produzem sucessivos e simultâneos enquadramentos ou focalizações do contexto comunicativo, através de padrões subjetivos e intersubjetivos de percepção, de atenção e de intenção que lhes permitem selecionar, desse contexto, informações que lhes sejam relevantes no e para o processo interacional. Esses diferentes enquadramentos e focalizações são operações cognitivas implicadas no que denominamos atos de referenciação e de significação.

O ato de referenciação se institui em termos de especificações e reespecificações sucessivas de informações que, perceptualmente, identificamos e selecionamos como sendo relevantes para o contexto comunicativo em foco. Nesse contexto, referenciar não é um ato intrinsecamente linguístico, mas sim um ato que decorre de rotinas cognitivas que se instituem em episódios pré-linguísticos de atenção conjunta e de performance gestual (Sinha, 1999, p. 17). Referenciamos para produzir significado(s) na e para a vida. Assim sendo, o ato de referenciação, indissociavelmente constitutivo do ato de significação, de produção de sentidos, é uma atividade cognitiva discursivamente situada e dependente da situação comunicativa.

Ao selecionar informações consideradas relevantes para um dado contexto comunicativo, os seres humanos desencadeiam formas inventivas, imaginativas, figurativas de “apreensão” e de “representação” dessas informações. O ato de significação pressupõe essas diferentes maneiras que o ser humano constrói para apreender e para representar o mundo. A produção de sentidos que emergem do processo de identificação, de seleção e de integração de informações que consideramos relevantes para

uma certa situação interacional, é uma atividade cognitiva subjetivamente experienciada e intersubjetivamente compartilhada.

Faz-se importante notar que, nessa perspectiva teórica, o contexto comunicativo não é compreendido em termos de propriedades objetivas de uma situação social, mas como a instauração de bases de conhecimentos comuns, consideradas relevantes para os participantes envolvidos na situação interacional.

Em Tomasello, identificamos uma definição de contexto comunicativo que, à medida que enfatiza a noção de “relevância” para os sujeitos da situação interacional, converge para aquela que adotamos neste artigo:

Para os seres humanos, o contexto comunicativo não se resume simplesmente a tudo aquilo que está no ambiente imediato, desde a temperatura de uma sala até o som dos pássaros ao fundo, mas, ao contrário, o contexto comunicativo é aquilo que é “relevante” para a interação social, ou seja, aquilo que o participante percebe como relevante e sabe que o outro sabe disso também e assim por diante, potencialmente e ad infinitum. Este tipo de contexto compartilhado e intersubjetivo é o que podemos denominar, como faz Clark (1996), de terreno comum ou, algumas vezes, (quando desejamos enfatizar o contexto perceptual compartilhado), de moldura atencional conjunta. Este terreno comum inclui tudo que ambos conhecemos (e pensamos que conhecemos, etc.) a partir de fatos sobre o mundo até o modo como pessoas racionais atuam em certas condições, e àquilo que as pessoas acham particularmente saliente e interessante. (Tomasello, 2008, p. 74-75, tradução da autora)

Consideradas as concepções de cognição, linguagem, língua e, a partir dessas concepções, aquelas que adotamos para atos de referenciação, atos de significação e, por fim, para contexto comunicativo, opto por discutir, neste momento, uma última concepção teórica que contribui para a defesa de uma abordagem cognitiva o estudo da linguagem humana.

Neste momento, apresento argumentos em defesa da tese de que o dialogismo, para além de um princípio constitutivo da linguagem (Bakhtin, 2000/[1929], 2003/[1979]), pode ser compreendido como uma capacidade cognitiva básica da espécie humana (Tomasello, 2003a[1999], 2003b, 2008).

3 Do pensamento dialógico como capacidade cognitiva

Pesquisas científicas de caráter empírico realizadas por Tomasello (2003a/[1999], 2003b, 2008), no campo da Psicologia Evolucionária, permitem afirmar que, desde a mais tenra idade⁷, em uma perspectiva ontogênica, o pensamento dialógico é elemento constitutivo da cognição humana.

Tanto no campo social como no campo físico do conhecimento [...] envolver-se dialógicamente com outras mentes por meio de símbolos e de discursos durante um período de vários anos acaba por transformar as habilidades cognitivas de crianças de um ou dois anos [...]. Sem esse envolvimento dialógico com outras mentes, essa transformação não ocorreria. (Tomasello, 2003a, p. 243)

As pesquisas realizadas pelo psicólogo evolucionista com vistas à comprovação de sua hipótese filogenética, histórica e ontogenética da cognição humana, corroboraram o argumento de que o dialogismo, para além de um princípio constitutivo da linguagem humana, pode ser compreendido como uma capacidade básica específica da cognição humana. Essa capacidade pode ser flagrada de diferentes maneiras, no processamento discursivo, dentre as quais, por meio do que tradicionalmente denomina-se fenômeno da intertextualidade.

O ato de colocar a língua em funcionamento na forma de textos, para fins da comunicação cooperativa humana, pressupõe o envolvimento dialógico do ser humano com outras mentes. Pelo processo de interação linguística, o ser humano cria um complexo “cenário” discursivo, a partir da instauração de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras. Essa parece ser a essência da comunicação linguística dos seres humanos modernos.

Interagimos, comunicamo-nos cooperativamente, no decorrer de toda a vida e em situações as mais diversas, através de textos, e não de um inventário de palavras ou de expressões linguísticas desamarradas entre si, des(con)textualizadas e não intencionais, ou seja, desconectadas da nossa relação com outros seres humanos e da situação comunicativa em foco. O

⁷ Sobre o assunto, conferir, também, Sinha (1999): *Biology, culture and the emergence and elaboration of symbolization*.

texto verbal é um dos artefatos simbólico-culturais com os quais os seres humanos convivem desde o nascimento.

As origens da comunicação cooperativa humana são, portanto, muitas e sua culminância em habilidades de comunicação lingüística representam uma instância a mais — talvez a instância fundamental — do processo coevolucionário pelo qual habilidades cognitivas básicas evoluem filogeneticamente, permitindo, historicamente, a criação de produtos culturais que, por sua vez, provêem crianças em desenvolvimento com ferramentas biológicas e culturais de que necessitam para se desenvolverem ontogeneticamente. (Tomasello, 2008, p. 345, tradução da autora)

Através do uso sistemático e criativo do artefato simbólico-cultural a que denominamos “textos”, os seres humanos interagem entre si, instituem-se intersubjetivamente como sujeitos de linguagem, evoluem culturalmente e, dessa forma, potencializam outra habilidade cognitiva básica da espécie humana, inextricavelmente associada ao pensamento dialógico: a perspectivação conceitual.

Desde os primórdios da civilização humana e, da mesma forma, da mais tenra idade à velhice, os seres humanos utilizam os sentidos da visão, audição, tato e gustação para estabelecer e marcar sua relação com o mundo que os cerca. Sua sobrevivência e evolução dependem, comprovadamente, de suas habilidades percepto-cognitivas. Dentre as habilidades ontogênicas que os seres humanos compartilham, associada ao pensamento dialógico, destaca-se a habilidade de criar perspectivas, ou seja, a habilidade de focalizar, em maior ou menor nível de precisão (proximidade e afastamento), os objetos, os cenários, os eventos com que interagem.

Diante de uma dada posição no espaço, os objetos e os cenários com os quais interagimos são vistos em algum de seus aspectos. Quando o sujeito da visão muda sua posição ou o seu ponto de vista, outros aspectos do mesmo objeto entram em (ou saem de) seu espaço de visão. Mover-se em torno de um objeto ou mover o objeto diante de nós não são as únicas maneiras, no entanto, de experienciar uma relação sinestésica com um dado objeto da nossa percepção.

Os seres humanos coexistem e interagem em seu ambiente sociocultural; portanto, percebem o que os demais seres humanos veem

de outros pontos de vista e aprendem a tomá-los como outras perspectivas para um mesmo objeto perceptual. O mesmo ocorre quando o ser humano adquire, (re)cria e utiliza, para fins comunicativos, os símbolos linguísticos. Ao utilizar os símbolos linguísticos para fins de ativar um processo de encenação discursiva, na forma de textos, a perspectivação conceitual, habilidade perceptuo-cognitiva preliminarmente descrita em termos da interação com um objeto físico, também é ativada.

Quando utilizadas em atos de comunicação, [...] habilidades sociocognitivas servem para criar símbolos linguísticos entendidos intersubjetivamente e perspectivamente, os quais podem ser usados para convidar as outras pessoas a conceptualizar fenômenos de alguma das várias perspectivas, simultaneamente, disponíveis. A internalização de tais atos de comunicação simbólica cria formas de representação cognitiva especialmente flexíveis e poderosas e essas, então, mais tarde, na ontogenia, permitem pensamentos metafóricos, dialógicos e reflexivos. (Tomasello, 2003b, p. 11, tradução da autora)

A intersubjetividade, estreita relação estabelecida entre os seres humanos no ato de produzir linguagem, está associada às aptidões humanas de pensar dialogicamente e de adotar diferentes perspectivas para construir uma determinada referência:

[...] a intersubjetividade é de fundamental importância para compreender o modo como os símbolos linguísticos funcionam, [...] mas não diferencia os símbolos linguísticos de outros símbolos humanos. O que distingue o símbolo linguístico, de modo mais claro, é sua natureza perspectiva. Esse aspecto deriva da aptidão humana de adotar diferentes perspectivas sobre a mesma coisa para propósitos comunicativos diversos e, inversamente, de tratar diferentes entidades como se fossem uma mesma para algum propósito comunicativo; na medida em que as perspectivas estão incorporadas em símbolos, elas criam contrastes. A intersubjetividade dos signos linguísticos revela-se para as crianças pequenas muito cedo no processo de aquisição da linguagem, mas sua natureza perspectiva emerge de forma mais gradual à medida que a criança percebe que existem modos alternativos de ver as coisas e de falar sobre elas. (Tomasello, 2003a, p. 171-172)

A espécie humana interage intersubjetivamente para fins comunicativos. Do ponto de vista cognitivo, essa interação é possível porque os seres humanos compartilham a capacidade de perspectivação conceitual, ou seja, a capacidade de criar, reconhecer e adotar diferentes perspectivas para um mesmo objeto referencial, para um mesmo evento, para uma mesma situação. A perspectivação conceitual é uma capacidade que se desencadeia, ao longo da infância, por meio dos diversos tipos de interação discursiva a que a criança está exposta em seu cotidiano, ou seja, por meio da interação discursiva que se estabelece com aqueles que a criança reconhece como sujeitos intencionais e atencionais iguais a ela:

[...] o que acontece é que, gradualmente, ao longo da primeira infância, as crianças ganham experiência com o interjogo entre suas próprias mentes e as dos outros, sobretudo por meio de vários tipos de interações discursivas. [...] Para compreender as comunicações alheias, as crianças têm de simular, de alguma forma, a perspectiva das outras pessoas quando elas se expressam linguisticamente, e, nesse sentido, o ir e vir da conversa obriga a criança a uma constante mudança de perspectiva, da sua para a dos outros e novamente para a sua. (Tomasello, 2003a, p. 246)

A fim de se comunicarem cooperativamente, os seres humanos, ontogeneticamente, vivenciam e compartilham a natureza, simultaneamente, intersubjetiva — portanto, dialógica — e perspectiva da cognição.

Diante de resultados de pesquisa alcançados, contemporaneamente, no campo da psicologia evolucionária, alguns dos insights filosóficos de Bakhtin (1895-1975) parecem ganhar sustentação de caráter científico. Naqueles apresentados por Tomasello (2003a, 2003b, 2008), é possível constatar que, na perspectiva ontogênica, duas habilidades cognitivas básicas constitutivas da espécie humana podem ser descritas em termos da aquisição e do uso de representações cognitivas perspectivas, na forma de símbolos linguísticos, e do desenvolvimento do “pensamento dialógico”. Segundo o psicólogo evolucionista, enquanto a primeira habilidade (a perspectivação conceitual) subjaz no uso de analogias e de metáforas, a segunda (a intersubjetividade) se desenvolve à medida que os seres humanos, desde a infância, internalizam certos tipos de interação discursiva, aprendidas e utilizadas em concretos contextos comunicativos (Tomasello, 2003a, p. 14).

De acordo com os argumentos aqui apresentados, inúmeros fenômenos linguísticos, das dimensões mais discretas do processo de estruturação linguística a fenômenos de natureza semântico-pragmática — identificados de diferentes formas em diferentes situações de uso da linguagem verbal — passam a ser compreendidos como uma manifestação concreta da natureza, simultaneamente dialógica e perspectiva da cognição humana. Diante dessa compreensão, podemos redefinir ou delimitar, por exemplo, a forma como compreendemos o fenômeno da intertextualidade.

4 Por uma redefinição do conceito de (inter)textualidade

Como discutido no tópico anterior, os seres humanos modernos compartilham um aparato cognitivo que se institui com base em experiências cumulativas vivenciadas, simultaneamente, nas dimensões filogenética, histórica e ontogenética da espécie.

Na dimensão filogenética, desenvolvemos a capacidade de nos identificar com os nossos coespecíficos, reconhecendo-os como sujeitos mentais e intencionais iguais a nós mesmos. Na dimensão histórica, compartilhamos artefatos culturais e tradições comportamentais que, na forma de textos (orais e escritos), acumulam modificações ao longo do tempo. Na dimensão ontogenética, crescemos em meio aos artefatos culturais, dentre os quais “textos” dos mais variados tipos e funções. A aquisição e uso desses artefatos simbólico-culturais nos facultam capacidades específicas à espécie humana, dentre essas capacidades destacam-se o pensamento dialógico e a perspectivação.

Através da interação verbal, os seres humanos se instituem sujeitos de linguagem, ou seja, sujeitos que colocam a língua em atividade em concretos contextos sociocomunicativos. Esses contextos são intersubjetivamente construídos para fins comunicativos, em última análise, para fins da co-construção da referência e do sentido, e isso ocorre a partir da adoção de diferentes perspectivas.

Podemos retomar os argumentos anteriores, adotando um outro modo de dizer, uma outra perspectiva. Isso pode ser flagrado, em todo momento, no processo de leitura de uma tese acadêmica, no decorrer de

um romance, em situações informais e íntimas de interação, como em uma conversa entre amigos.

Nós, seres humanos, nos instituímos sujeitos de linguagem na relação que estabelecemos com outros sujeitos de linguagem. Produzimos discurso/texto na relação que estabelecemos com outros discursos/textos. Através do ato de enunciação, instauramos e revelamos a capacidade humana de pensar dialogicamente, de interagir com outros sujeitos empíricos que reconhecemos como sujeitos de linguagem, que reconhecemos como coespecíficos, iguais a nós mesmos. O processo de enunciação pode ser compreendido, metaforicamente, como um “palco” em que, no aqui-e-agora do discurso, diferentes vozes e diferentes dizeres são flagrados em diferentes espaços e tempos. Essas vozes e dizeres não se instituem de maneira fundadora, inaugural, adâmica. Elas polemizam com vozes identificadas em outras situações interacionais, em outros discursos, em outros textos, que passam a ser, no aqui-e-agora, recordados, recontados, conhecidos em outra perspectiva. No palco enunciativo em que todos nós atuamos, podem ser flagradas manifestações concretas daquilo que ocorre nos bastidores da cognição: a capacidade humana de pensar dialogicamente e de criar e reconhecer diferentes perspectivas para um mesmo objeto.

No processo de textualização da linguagem humana, a manifestação do fenômeno da intertextualidade pressupõe a (re)contextualização de um cenário enunciativo já construído, que passa a ser “recordado”, “recontado”, “reconstruído”, “reconhecido”, no aqui-e-agora, em outra perspectiva. Cenários enunciativos, já vivenciados e compartilhados culturalmente, quando recontados, reconstruídos, tomados em outra perspectiva e reconhecidos pelos interlocutores de uma dada situação interacional, desencadeiam a construção e a compreensão de um cenário discursivo novo, denominado “cenário discursivo intertextual”.

Na linguagem verbal, os aspectos discursivos recontextualizados pelo/no processo de encenação discursiva intertextual podem ser reconhecidos em diferentes níveis de granularidade, ou seja, nas dimensões fonético-fonológica, lexical, morfossintática, semântico-pragmática. Quando adotamos um conceito mais amplo de texto, este artefato simbólico-cultural pode ser constituído em outras semioses e, sendo assim, com base em outros sistemas simbólicos. Dessa forma, podemos destacar textos pictóricos, cinematográficos, musicais, matemáticos etc.

Da mesma forma como ocorre com o fenômeno metafórico e metonímico, o fenômeno da intertextualidade, investigado em diferentes perspectivas e, em particular, na perspectiva cognitiva, não se restringe, à dimensão linguística dos processos de comunicação humana, ao uso do sistema simbólico a que denominamos língua⁸. Em outros universos semióticos, esses fenômenos (e o da intertextualidade, em particular) também estão indiciados em diferentes níveis de granularidade, o que abre possibilidade para que trabalhos de pesquisa, em diversas perspectivas, possam ser realizados.

Em termos operacionais, a intertextualidade pode ser compreendida, portanto, como um processo de encenação discursiva desencadeado por interlocutores que, em um dado contexto comunicativo, (re)contextualizam, (re)perspectivam, intencionalmente, aspectos de um cenário discursivo prévio e, dessa forma, criam um cenário discursivo novo, atual.

Em termos cognitivos, um processo de encenação discursiva intertextual, indiciado em textos de diferentes tipos e funções, em diferentes sistemas semióticos e em diferentes níveis de granularidade, ocorre porque os seres humanos compartilham capacidades cognitivas específicas à espécie — dentre as quais o pensamento dialógico e a perspectivação conceitual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1929].

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. *A metáfora no processo de referenciação*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-

⁸ Para estudos, em uma perspectiva cognitiva, que focalizam fenômenos de natureza discursiva (semântico-pragmática) manifestados em diferentes sistemas semióticos, conferir: CAVALCANTE, GOMES JR (2021); OLIVEIRA (2016, 2022); VALLE (2018); VICENTINI (2023).

Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. *O fenômeno da Intertextualidade em uma perspectiva cognitiva*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística (POSLIN), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAVALCANTE, Sandra; MILITÃO, Josiane. Vida na marginal: constituição identitária, emoções e metáfora em uma perspectiva cognitiva. In: CAVALCANTE, Sandra; MILITÃO, Josiane (org.). *Linguagem e Cognição: desafios e perspectivas contemporâneas*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras. Série Ideias sobre Linguagem. 2019. p. 225-262.

CAVALCANTE, Sandra. Novas intersubjetividades, pontos de vista e emoções em práticas discursivas de migrantes. In: CAVALCANTE, Sandra; GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.). *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*. Campinas: Mercado de Letras, 2020. v.1, p. 261-290.

CAVALCANTE, Sandra; GOMES JR, Ronaldo Correa. Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da COVID-19. *Calidoscópico*, v. 19, n. 1, p. 104-119, 2021. <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.08>

DONALD, Merlin. *Origens do pensamento moderno*. Tradução de Carlos de Jesus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

ELAN (Versão 6.0) [Computer software]. (2020). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retirado de: <https://archive.mpi.nl/tla/elan> Acesso em: 4 fev. 2024.

GEERAERTS, Dirk. A rough guide to cognitive linguistics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 1-28.

GEERTZ, Armin W. *Brain, body and culture: A biocultural theory of religion*. *Method & Theory in the Study of Religion*, Leiden, v. 22, n. 4, p. 304-321, 2010.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western Thought*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1999.

MORIN, Edgard. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Tradução e notas Flávia Nascimento. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgard. *O método 3: a consciência da consciência*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

OLIVEIRA, Juliane Ferraz. *O cômico popular na era digital: um estudo sobre o processo de metaforização implicado na experiência humana do riso*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016..

OLIVEIRA, Juliane Ferraz. *Como narramos o modo como amamos? Um estudo sobre processos de encenação da experiência do amor em conversas instituídas por mulheres negras*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SAUSURRE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SINHA, Chris. Grounding, mapping and acts of meaning. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed.). *Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 223-255.

SINHA, Chris. (2005). Biology, Culture and the Emergence and Elaboration of Symbolization. In: A. P. Saleemi, O. S. Bohn, & A. Gjedde. (eds.). *In: Search of a Language for the Mind-Brain: Can the Multiple Perspectives Be Unified?* Aarhus University Press, 2005. p. 311-335.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1999].

TOMASELLO, Michael. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.

TOMASELLO, Michael. The key is social cognition. In: GENTNER, Dendree; GOLDIN-MEADOW, Susan (ed.). *Language in mind*. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 2003b. p. 47-57.

TOMASELLO, Michael. Usage-based linguistics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 439-458.

VALLE, Karoline Faria. *Construção de imagens mentais: uma análise cognitiva do processo de enunciação radiofônica*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2018.

VICENTINI, Sabrina Gabriela. *Migração e refúgio em campanhas publicitárias: um estudo de natureza semiótico-cognitiva*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

Mariana Almeida Paes Leme*

Resumo

Este ensaio é fruto de uma investigação que busca entender a produtividade de teorias da Linguística Cognitiva, em especial, da Gramática de Construções, bem como de reflexões advindas das teorias do Dialogismo e da Análise de Discurso, para a análise da fala infantil. Para tanto, foram analisadas, em especial, a recursividade e a mesclagem para lançar luz sobre algumas falas infantis retiradas da página “Frases de Crianças”, empreendendo uma análise que investigou a complexidade cognitiva e linguístico-social dos fenômenos linguísticos apresentados por elas. O estudo buscou, então, compreender como a observância da atuação de princípios cognitivos gerais manifestados linguisticamente, bem como de outras capacidades cognitivas – como a memória e a recursão – é campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças.

Palavras-chave: cognição; fala infantil; mesclagem; recursividade.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7965-6162>.

Children's speech from the perspective of Cognitive Linguistics: an investigation into the productivity of the concepts of recursion and blending in understanding linguistic phenomena in children

Abstract

This essay is the result of an investigation that wants to understand the productivity of theories from Cognitive Linguistics, in particular, Construction Grammar, as well as reflections arising from the Enunciation Theory and Discourse Analysis for the analysis of children's speech. To this end, recursion and blending were analyzed in particular to shed light on some children's speeches taken from the "Frases de Crianças" page, undertaking an analysis that investigated the cognitive and linguistic-social complexity of the linguistic phenomena presented by them. The study therefore sought to understand how the observance of the performance of general cognitive principles manifested linguistically as well as other cognitive abilities – such as memory and recursion – is a fruitful field for the analysis of linguistic occurrences in children.

Keywords: cognition; childish speech; blending; recursion

A epistemologia das ciências da linguagem foi palco da disputa de duas vertentes diametralmente opostas em sua compreensão dos fatos linguísticos: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Acerca disso, Volóchinov (2021) define a primeira como aquela que analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua, isto é, como resultado de leis individuais estruturantes da criatividade dos fatos linguísticos, os quais se dariam de maneira ininterrupta e consciente e, portanto, os fenômenos linguísticos deveriam ser lidos a partir de uma ótica imanentista, psicologizante. Na outra ponta, estão aqueles que concebem todos os fenômenos dessa natureza como parte de um sistema cujos parâmetros fonéticos, gramaticais e lexicais – ao contrário do que preveem os subjetivistas, que creem na premissa de fluxo eterno dos atos discursivos a partir do impulso criativo – imobilizam as possibilidades de realização do enunciado, o que é capaz de conferir, pela estabilidade e normatividade dos elementos, sua compreensão por uma coletividade.

Quando pensamos na história das ideias linguísticas, é possível que percebamos como estruturalistas e gerativistas parecem disputar esse cabo de guerra, tendo em vista que, enquanto os primeiros operam, em linhas gerais, com a noção de língua como um sistema homogêneo, composto por um conjunto de signos exterior aos indivíduos, advogando, assim, um estatuto matemático para o trabalho de descrição dos arranjos textuais discursivos, os últimos, liderados por Chomsky, acreditam em uma faculdade inata da linguagem, a qual, por isso mesmo, possibilitaria que crianças pudessem desenvolver tal competência, apresentando, assim, uma predisposição genética que permite a aquisição da linguagem, sendo esta vista como “o espelho da mente”, nas palavras desse estudioso. Embora não desconsiderem os estímulos externos, gerativistas se concentram, em uma resposta às teorias behavioristas centradas na ideia de estímulo-resposta, em criticar tal visão comportamentalista da linguagem, a qual, destituindo o potencial criativo do sujeito, atribui a linguagem humana a um fenômeno externo aos indivíduos. Desse modo, os pesquisadores da gramática gerativa chamam a atenção para o fato de um indivíduo humano sempre agir criativamente no uso da linguagem. Segundo Kenedy (2008), Chomsky chega a afirmar, inclusive, que a criatividade é o principal pilar de sustentação comportamento linguístico humano, distinguindo-a dos sistemas de comunicação. Com isso, fica colocada a sua filiação a um

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:

uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

escopo subjetivista, na medida em que abraça, de forma muito potente, em sua teoria, o protagonismo do sujeito como centro organizador de seus atos enunciativos, os quais são fruto de um dispositivo inato, interno ao organismo humano, que receberia o nome, pela escola gerativista, de competência linguística do falante.

A partir, então, de um escopo positivista, a linguística alçou o sujeito à origem de seus enunciados, os quais, portanto, manifestavam-se a partir de um purismo que produziu uma dicotomia entre fala e escrita, cujas bases semióticas – acústico-auditiva e gráfico-visual, respectivamente – estabilizariam suas diferenças e hierarquizariam seus usos dentro das várias práticas sociais nas quais estamos inseridos. Paralelamente, a vertente estruturalista também ancorou seus debates em um paradigma sistêmico, segundo o qual, a partir da descrição de regularidades, qualquer desvio a estas seria concebido como equívoco e exceção. No entanto, essa disputa ganhou uma perspectiva de interessante revisão a partir do estabelecimento da Linguística Cognitiva (LC), disciplina que, a partir dos anos 1980, buscou orientar sua reflexão não para o caráter modular do conhecimento linguístico, como preconizado pela teoria gerativista, nem por sua dimensão essencialmente formal, feito os estruturalistas, mas como forma de construir conhecimento por meio da experiência humana com o mundo. Nesse sentido, para os cognitivistas, a estrutura formal da linguagem não é, como defendiam os subjetivistas, meramente motivo de consciência individual, mas fruto da organização conceptual, dos princípios de categorização e dos mecanismos de processamento das influências da experiência do falante com seu ambiente. A esse respeito, o campo de estudos cognitivistas denominado Gramática de Construções, longe da perspectiva derivacional, que busca elucidar os fatos linguísticos a partir de sistemas abstratos, ocupa-se da interface conceptual entre sintaxe e semântica, o que elimina a visão modular da língua, dedicando-se ao estudo sobre a continuidade léxico-sintaxe, a qual “está ancorada na hipótese de pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático” (Ferrari, 2002, p. 129), isto é, as expressões linguísticas são lidas, sob a ótica dessa vertente da LC, como parte de um construto que não pode ser separado para que seja compreendido em sua complexidade.

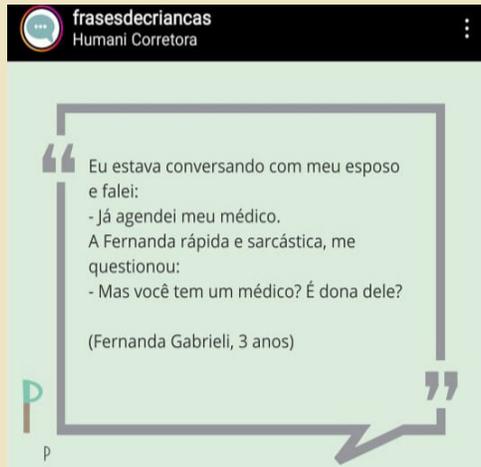
De maneira semelhante às disputas sobre a natureza do conhecimento linguístico, os estudos sobre o desenvolvimento da

linguagem nas crianças se dão também sobre terrenos conflituosos. Embora pioneiro nos experimentos sobre a linguagem infantil, Piaget, cujas reflexões defendem que a linguagem egocêntrica é característica basilar da substância psicológica da criança e é um estágio anterior ao da linguagem socializada (racional, intelectual), ainda não consegue dar conta da complexidade da atividade intelectual da criança. Isso porque, a despeito de se distanciar de uma vertente que até então sempre via a infância segundo uma ótica quantitativa, como o período de “deficiências” em termos de conhecimentos linguísticos, sua abordagem qualitativa apostou na ideia de desenvolvimento, mas, ao colocar o pensamento egocêntrico – que, segundo o pensamento piagetiano retomado por Moreira (1999), duraria até os oito anos –, como intermediário entre o autístico e o socializado, acaba por reduzir a capacidade das crianças em experienciar o mundo social e, partir dele, construir suas hipóteses linguísticas em relação às dimensões gramaticais e morfológicas da língua, por exemplo, falácia que se derruba facilmente a partir da ótica da Linguística Cognitiva que adotarei neste trabalho para analisar algumas falas infantis.

Por isso mesmo, distanciando-se da perspectiva piagetiana de que, no pensamento da criança, há predomínio de um imperativo da ação, não da lógica do pensamento, a reflexão que este ensaio empreenderá está amparada nos pressupostos vigotskianos de que o pensamento egocêntrico, longe de ser forma primária de desenvolvimento, é “solo favorável ao exercício da capacidade intelectual e linguística” (Vigotski, 2009, p. 42), bem como nos estudos da Linguística Cognitiva, segundo os quais a mente humana é recursiva e, por isso, uma criança já possui metacognição para refletir sobre processos linguísticos que circundam seu meio social, construindo significados a partir de processos cognitivos relacionados aos frames. Desse modo, este estudo analisará algumas postagens que tratam do diálogo entre crianças e adultos, a fim de flagrar a pertinência das reflexões acima. Abaixo apresento um primeiro fragmento de diálogo infantil, retirado da página “Frases de Crianças”, na rede social Instagram, a qual se dedica à publicação de conversas interessantes de crianças com suas famílias, as quais, por evidenciarem aspectos destoantes dos códigos sociais ou linguísticos já consolidados pelos adultos, despertam humor:

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:
uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade
e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

Texto I



Fonte: Página “Frases de Crianças” (02/06/2023).

Longe do que Chomsky defendia, Fernanda Gabrieli não parece ter simplesmente um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) acionado por meio de frases ou falas do adulto. Se assim o fosse, como explicar sua atitude de deboche em relação à fala da mãe? No exemplo em questão, o que se nota é que, a partir de todas as ocorrências dos pronomes possessivos aos quais ela foi exposta, a criança elaborou algumas hipóteses em torno de seu uso, o que conduz sua resposta ao que ela considera um “mau uso” pela mãe. Mas, como se constrói o conhecimento na criança em torno do suposto equívoco no emprego de “meu médico”? Com efeito, pela interação com o adulto e o meio social no qual a criança está inserida, esse dispositivo vai amadurecendo, possibilitando a geração da gramática na qual a criança está contextualizada, o que, embora dialogue com a premissa gerativista de que os estímulos externos possibilitam o desenvolvimento de uma faculdade inata – já que seríamos detentores de uma gramática universal –, também refuta a hipótese gerativista que concebe a língua a partir de um sistema homogêneo cujas possibilidades finitas proporcionariam a formulação de enunciados infinitos. Este e outros exemplos demonstram que, ao contrário, a língua em si mesma não é suficiente para determinar a semântica das

palavras, o que implica dizer que todo significado é situado e que, portanto, a dimensão cognitiva de produção do sentido não pode ser vista como fruto de uma atividade individual, segundo uma ótica mentalista, já que “a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sócio-comunicativas”. (Marcuschi, 2007, p. 70).

A menina do texto I, nesse sentido, pode estar, em uma atitude de deboche, provocando sua mãe em relação aos outros usos possíveis de “meu”, a qual é movida por uma morfologia já consolidada e acionada diante dessa estrutura sintática – [PRONOME POSSESSIVO + SUBTANTIVO INDICATIVO DE POSSE, como meu + chapéu; meu + celular, etc], confirmando, com isso, a premissa apresentada pela Gramática de Construções, que defende a postulação de uma configuração sintática que está pareada com a indicação pragmático-semântica correspondente. Por outro lado, a garota também pode estar sendo confrontada a outros usos desse determinante, o que ampliará, a partir do recurso da recursividade, suas ferramentas de emprego desse elemento linguístico. Sob essa perspectiva, é fundamental aludir à discussão de Corballis (2014), o qual situa a recursão como propriedade fundamental da mente humana, tomando as informações de seu output como o próximo input, uma ligação que possibilita a criação de sequências ou estruturas de tamanho infinito ou complexo, o que parece ser, justamente, a base do questionamento da garotinha. Volóchinov (2021), como grande crítico das duas pontas do cabo de guerra apresentado na introdução desse texto, falará sobre a atitude responsiva do enunciado:

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (Volóchinov, 2021, p.135).

Assim, a escuta ativa e responsiva de Fernanda, manifesta a partir do tom inquisidor com que reveste seu enunciado à mãe, oferece uma contrapalavra a todos os enunciados conhecidos, ouvidos formados pelo sintagma [PRONOME POSSESSIVO + SUBTANTIVO INDICATIVO DE POSSE], permitindo, assim, a ampliação de sua compreensão sobre

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva:
uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade
e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

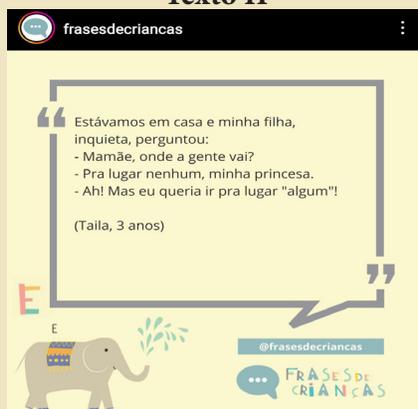
os fenômenos de sua língua. Ela revela, a partir da pergunta, o exercício metacognitivo necessário para consolidar, enquanto falante competente de sua língua, o seu conhecimento linguístico.

Portanto, a partir de um “*cognitive turn*”, a perspectiva da Linguística Cognitiva encabeçará a diretriz de estudos que, distanciando-se tanto de uma lógica subjetivista, quanto objetivista, assumirá o papel central da interlocução na arena cognitiva. Nesse contexto, merece destaque a denominada Gramática de Construções para a compreensão da avaliação feita pela garotinha, já que, ao aproximar as agendas da psicologia e da gramática, a LC deixa de conceber a gramática em termos da geração de sequências simbólicas para pensá-la em termos de um “repertório de construções vinculadas radialmente por relações de herança”. (Salomão, 2002, p.70). Neste caso, é emblemático dessa visão que a criança, ainda com três anos de idade e, por isso, contrariando a visão piagetiana já debatida acerca do pensamento egocêntrico, demonstra sua capacidade em reconhecer e aplicar conhecimentos situados em espaços mentais específicos, admitindo a existência de uma sequência prototípica alocada junto ao pronome possessivo. Nesse sentido, Fernanda percebe que “médico” não constituiria uma unidade simbólica tipicamente associada ao pronome possessivo, pensando em sequências similares com as quais já teve contato em outros contextos. Percebe-se, então, a adoção, por parte da menina, de uma generalização que prevê alguns princípios conforme os quais seria possível ou não o emprego do possessivo. Logo, ainda que a compreensão da expressão “meu médico” extrapole as experiências que a criança tem e, por isso, gere humor sua resposta à mãe, seu questionamento é indicativo de que há o desenho de um espaço mental, isto é, de um domínio epistêmico usado como ferramenta de processamento do discurso, o qual permitiu que a garota fizesse a avaliação do enunciado proferido pela mãe.

Desse modo, torna-se flagrante à analista que não se trata apenas de alguém que possui uma gramática “acionada” por estímulos externos, a qual ativa princípios e parâmetros inatos ao sujeito e que conduzem a realização de seus atos linguísticos. Embora o gerativismo tenha trazido essa importante contribuição, não dar protagonismo a nossas experiências provindas das relações sociais e à habilidade do sujeito em extrapolar tal condição imanente para, ativamente, questionar parâmetros, formular hipóteses e testar novas configurações parece ser uma teorização redutora do exercício de desenvolvimento da linguagem apresentado por Fernanda

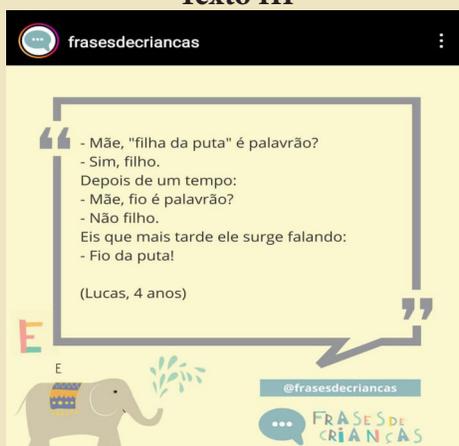
no texto I. Desse modo, os debates em torno do processo de aprendizagem da linguagem, denominado “problema de Platão”, ainda que sob uma pobreza de estímulos, bem como da capacidade criativa na elaboração de enunciados inéditos (“problema de Descartes/Humboldt”) ocuparam grande parte do Programa Minimalista proposto na segunda metade do século XX por Chomsky. Porém, sem descredibilizar as investigações do estudioso, é com o avançar do campo analítico da Linguística Cognitiva que olharemos para a complexidade dos fenômenos linguísticos apresentados por Taila e Lucas, nos exemplos abaixo:

Texto II



Fonte: Página “Frases de Crianças”, (10/05/2023).

Texto III

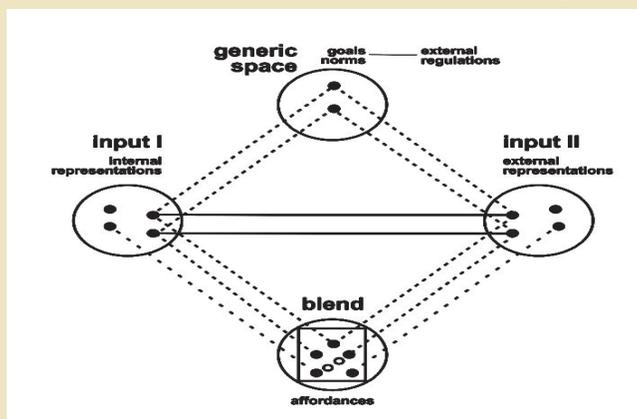


Fonte: Página “Frases de Crianças”, (30/04/2023).

A fala infantil sob a perspectiva da Linguística Cognitiva: uma investigação sobre a produtividade dos conceitos de recursividade e mesclagem na compreensão dos fenômenos linguísticos em crianças

O processo cognitivo de mesclagem, estudado especialmente por Michael Turner e retomado por Salomão (2002) no artigo aqui referido, é fundamental à compreensão do agenciamento de domínios-fonte feito pelas crianças em questão em suas construções de “lugar algum” e “fio da puta”. Ao defender que acionamos tanto esquemas sintáticos genéricos, quanto o léxico como base de conhecimento para operacionalizar a atividade de produção de novos enunciados e de interpretação, a noção de mesclagem lança luz importante sobre o conhecimento dessas crianças acerca do seu arsenal linguístico e da sua cognição. Abaixo, retomo o esquema usado por Salomão (2002) a fim de que possamos compreender o movimento feito pelas crianças na mobilização de domínios-fonte:

Domínios-fonte na operação de mesclagem



Fonte: Salomão (2002)

A partir dessa discussão idealizada na Teoria dos Espaços Mentais, nega-se que o significado de determinada estrutura seja dado ao falante e este, por sua vez, não interfere, nem agrega nenhuma informação nova, como seria típico de uma discussão estruturalista. Ao mesmo tempo, não se trata de uma dimensão imanente do sujeito, embora este seja, sim, protagonista dos processos que aciona. Na verdade, este é um complexo processo de projeções, mesclagens e articulação de múltiplos domínios conceituais: tal processo cognitivo – denominado mesclagem ou *blending* – a partir de domínios-fonte (*input*), “produz um espaço-mescla, emergente, integrando conceptualmente, ainda que de forma precária, uma rede de domínios-fonte”. (Salomão, 2002, p. 70). Isto é, o falante projeta o conhecimento

adquirido, revelando sua capacidade de criar domínios-mescla a partir do input recebido.

Salomão (2002) alerta, em sua abordagem, sobre o risco de conceber o processo de mesclagem como meramente derivacional, o que silenciaria toda a ativação de uma rede conceptual, por parte das falas das crianças aqui analisadas, que faz aparecer, inclusive, informações ainda não previstas no domínio-fonte, fenômeno que não poderia ser explicado a partir da lente da composicionalidade. No texto II, por exemplo, entender o par “lugar nenhum” e “lugar algum” só é possível se concebermos o fenômeno a partir de uma abordagem processual, na qual a criança, a partir de seus domínios-fonte, ativa uma rede conceptual acerca das negativas e, por isso, para expressar seu desejo de sair de casa, ainda que desconsidere alguns usos específicos dos pronomes indefinidos, parece entender que, a partir do domínio fonte “algum” e “nenhum”, é possível construir uma mescla positiva com “lugar algum”. De igual modo, embora outras ocorrências precisassem ser analisadas para que nos certificássemos desse segundo argumento, a garotinha indicia saber que a posição ocupada pelo pronome indefinido pode mudar o efeito de sentido provocado e, embora faça a aposta errada neste caso, está testando seus domínios-fonte, explorando as possibilidades de mesclagem. O exemplo é revelador de que não se trata meramente de um processo derivacional, já que não há exatamente no domínio-fonte a informação criada no domínio-mescla, o que inclusive leva ao efeito de humor, já que Taila faz emergir um uso que desconsidera que se trata igualmente de uma negativa o uso de pronome “algum” após substantivo. Ela demonstra, com isso, fazer uso de seu *input*, testar hipóteses, criar.

No texto III, observa-se fenômeno semelhante, mas ainda mais complexo quando percebemos o atravessamento, por este sujeito, das interdições sociais que produzem uma regulação em torno do que pode ou não pode ser dito. Lucas demonstra, assim, conhecer alguns códigos sociais, estar já sob a injunção das instituições (Foucault, 2014) reguladoras do dizer, como a família, que conduzem o filho em seus modos de dizer, como indicia a pergunta com a qual inicia seu diálogo com a mãe, evidenciando o caráter de negociação do evento comunicativo, sua natureza essencialmente dialógica, não meramente psicológica (Volóchinov, 2021). Além disso, a criança demonstra saber que o lexema “filho” possui variações em suas

ocorrências, recorrendo, para isso, a seus domínios-fonte, sendo o fonema lateral palatal passível de realização vocalizada ou despalatalizada, como em “fio”, embora ainda ignore o fato de que essa variação não constituiria mudança semântica na expressão “fio da puta” em relação a seu par “filho da puta”. De todo modo, é interessante, ainda, observar, sob a ótica da cognição, o exercício de categorização feito por Lucas em seu processo de atribuição de sentido às palavras que constituiriam teor ofensivo.

A partir da observância dos fenômenos linguísticos apresentados nos textos II e III, nota-se como, a partir da exploração da teoria dos espaços mentais, a mesclagem constitui um modelo interessante para a compreensão da interação entre conexões cognitivas e a linguagem. Segundo Fauconnier & Sweetser (1996, p. 8), as primeiras desempenham um papel central na semântica e, de forma geral, na sistematização do pensamento. Isso porque, na teoria dos espaços mentais, a operação geradora de delimitação semântica depende de três passos essenciais segundo os autores, os quais serão aqui explorados a fim de ampliar o olhar sobre os exemplos apresentados. O primeiro ponto destacado pelos autores é a *Identidade*, isto é, o reconhecimento das semelhanças e diferenças, estabelecendo relações de cotejamento para flagrar oposições e identidades. A esse respeito, nota-se como especialmente a criança do texto II, ao perguntar à mãe sobre a validade ou não da equivalência entre “filho” e “fio”, busca, justamente, estabelecer uma postura avaliativa em relação a essas aproximações. O segundo aspecto pontuado pelos estudiosos revela a operação da *Integração*, pois, ao buscar o valor semântico das formas linguísticas, a criança realiza integração, ou seja, mesclagem (*blending*), explorando propriedades dinâmicas e lidando com restrições operacionais – fato bastante evidenciado na clareza que Lucas, com apenas 4 anos, revela mobilizar em um diálogo que demonstra todos os espaços de delimitação com os quais deve operar em seu processo criativo. Pensando de maneira ainda mais complexa, a criança já demonstra sua inscrição em uma ordem sociodiscursiva, na qual precisa lidar com o fato de a palavra ser “um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem procede quanto por aquele para quem se dirige” (Volóchinov, 2021, p. 205), daí a necessidade de correção: posso dizer “fio da puta” ao invés de “filho da puta”, tendo em vista que “fio” não constitui palavra de baixo calão? Se a palavra é “uma ponte que liga o eu ao outro” (Volóchinov, 2021, p. 205), não se trata de uma passagem cuja via é de mão única, e a

criança não está, diferente do que advogado pela corrente piagetiana, em posição autística que a incapacite de se lançar ao corpo social – bem como à elaboração cognitiva das informações ali obtidas – e dele aprender sua engrenagem. Por último, cabe destacar também a etapa da *Imaginação*, a qual, segundo os autores em questão, revelaria ser o produto sempre imaginativo da integração conceptual, tendo em vista que a mesclagem conjuga a integração de estruturas parciais de dois espaços mentais separados em uma estrutura única cujas propriedades, emergentes dentro de um espaço mescla, apresenta-se mais rica, nesse sentido, mais criativa – dado seu ineditismo na fala daquela criança, na variante a que está exposta ou mesmos nas formas conhecidas e já coletivamente apropriadas da língua – do que as estruturas presentes nos espaços *input*. Tal fato também se torna flagrante na fala de Lucas: ele cria um sintagma que nunca ouviu, tendo em vista a variante linguística de sua família, mas que é capaz de elaborar por meio de associações a partir da operação da mesclagem.

Já em relação propriamente à operação da mesclagem, os autores evidenciam 4 etapas essenciais, pensando em sua ancoragem na teoria dos espaços mentais, sendo a primeira a operação de mapeamento destes, na qual há um rastreamento entre os dois *input*. Logo após, aconteceria a formação de um espaço genérico, responsável pelo levantamento das informações presentes em cada um desses *input*. Como parte dessa segunda etapa, esse espaço genérico reflete a estrutura e a organização (comuns e abstratas) partilhadas pelos espaços *input* e define o mapeamento central entre os espaços. O próximo passo, então, é propriamente a mescla, da qual deriva, como último processo, uma estrutura emergente, nova, isto é, não fornecida pelos espaços *input*. Tal sistematização é valiosa à compreensão da complexidade e da multiplicidade de operações inter-relacionadas geradoras dos fenômenos analisados nas falas infantis: a agilidade cognitiva entre receber do *input* da mãe a expressão “lugar nenhum” e, imediatamente acionar um *input* em que se possa identificar informações de oposição com o pronome indefinido “nenhum”, projetar tais informações em um espaço genérico capaz de combinar tais informações e, então, produzir, por mesclagem, uma estrutura emergente nova é revelador da criatividade e da atuação ativo-responsiva das crianças na produção de seus enunciados.

Sendo assim, é perceptível para a analista que as ocorrências infantis analisadas sob a ótica da Linguística Cognitiva, bem como de alguns diálogos estabelecidos com a Análise de Discurso e a Teoria da Enunciação, demonstram que mecanismos da cognição humana, sobretudo os de recursividade e mesclagem aqui investigados, refletem-se na linguagem humana, sendo fundamentais como operações básicas que ensinam a construção do significado. Portanto, como se vê, a observância da atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem, bem de como outras capacidades cognitivas aqui trabalhadas – como a memória e a recursão – é campo frutífero à análise de ocorrências linguísticas em crianças por possibilitarem que tais fenômenos sejam vistos a partir de um campo multidisciplinar, no qual operam as interdições sociais, a gramática, a predisposição genética e os estímulos interacionais. Ao analista cabe, então, ampliar sempre seu olhar para o objeto, cuja complexidade escapa a qualquer reducionismo.

Referências

CORBALLIS, Michael C. *The recursive mind: the origins of human language, thought and civilization*. Princeton University Press, 2014.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (ed.). *Spaces worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2022.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRASES DE CRIANÇAS. Instagram: @frasesdecrianças. Disponível em: <https://www.instagram.com/frasesdecrianças/>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (org.). *In.: Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOREIRA, M. A. Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, Jan./Jun. 2002.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2021.

Mãenarquia, Demãecracia? A criatividade lexical em falas espontâneas de crianças

Mariana Queiroga Gomes*

Arabie Bezri Hermont**

Resumo

A pesquisa apresentada neste artigo teve como objetivo analisar como se dá o processo de formação de novas palavras, os neologismos, em falas espontâneas de crianças. O corpus de análise se constitui das publicações da página Frases de Crianças no Instagram. Como embasamento teórico, inicialmente, recorreremos a Rocha (2008), que discorre acerca do motivo pelo qual formamos novas palavras, além de apresentar as contribuições da teoria gerativa para os estudos morfológicos, como a apresentação das Regras de Formação de Palavras (RFPs) e as Regras de Análise Estrutural (RAEs). Valemo-nos também das contribuições de Gonçalves (2016) referentes aos estudos dos neologismos derivacionais, as formações imotivadas e as formas como única expressão da língua, bem como dos novos fenômenos da morfologia do português. O estudo mostrou que as crianças, ao criarem novas palavras, valem-se do processo de analogia de palavras já institucionalizadas e utilizam de recursos tais como o cruzamento vocabular e hibridismo.

Palavras-chave: crianças; gerativa; morfologia; neologismo.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista CAPES.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Linguística. Professora da Graduação em Letras e da Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

Mãenarquia, Demãecracia? Lexical creativity in spontaneous speech of children

Abstract

The research presented in this article aimed to analyze how the process of forming new words, neologisms, occurs in children's spontaneous speech. The analysis corpus consists of publications from the Frases de Crianças page on Instagram. As a theoretical basis, we initially turn to Rocha (2008), who discusses the reason why we form new words, in addition to presenting the contributions of generative theory to morphological studies, such as the presentation of Word Formation Rules (RFPs) and the Structural Analysis Rules (RAEs). We also draw upon the contributions of Gonçalves (2016) regarding the studies of derivational neologisms, unmotivated formations, and forms as the only expression of the language, as well as new manifestations of Portuguese morphology. The study showed that children, when creating new words, use the process of analogy of already institutionalized words and use resources such as vocabulary indexes and hybridity.

Keywords: children; generative; morphology; neologism.

Introdução

Marcelo, marmelo, martelo, obra de Ruth Rocha (1976), narra a história do menino Marcelo, uma criança que questiona o nome dado aos objetos que estão ao seu redor. Ele não entende, por exemplo, por que *cadeira* se chama *cadeira* ou por que *travesseiro* tem o nome de *travesseiro*. Nessa brincadeira com as palavras, a obra trabalha com a arbitrariedade do signo linguístico e, por isso, ao longo da narrativa, Marcelo vai criando novas palavras para nomear as coisas.

Ao criar os novos itens lexicais, contudo, o personagem utiliza regras de formações de palavras e segue a mesma estrutura de palavras que já existe em nossa língua. É o caso, por exemplo, de *mexedorzinho*, em que o sufixo *-inho* liga-se à base de *mexer*, tal como acontece com a palavra *colherinha*.

Fora do campo literário, mas da mesma maneira que o menino Marcelo, as crianças estão sempre criando neologismos, talvez não com o mesmo propósito de questionar os nomes já existentes, mas porque, por vezes, ainda estão aprendendo as regularidades e irregularidades da língua, ou até mesmo porque possuem alguma intencionalidade, dado o contexto da comunicação. Bechara (2009) *apud* Ferreira (2021) aponta que “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades, culturais, científicas e da comunicação de um modo geral”. (Bechara, 2009, p. 351 *apud* Ferreira, 2021, p. 13). Ferreira (2021) tem a hipótese de que “os processos participantes do nascimento de uma nova palavra promovem relações vinculadas às necessidades humanas comunicativas em um caráter primário, primitivo até; [...] a nova palavra – a neologia – seria inerente à língua.” (Ferreira, 2021, p. 13).

Com o propósito de estudar a criatividade lexical, este artigo tem como objetivo apresentar como se dá o processo de formação de novas palavras em falas espontâneas de crianças com idade variando entre quatro e dez anos. Para tal, valemo-nos das contribuições de autores de dois quadros teóricos que, embora sejam de vertentes diferentes, apresentam ricos estudos para os processos de criatividade e produtividade lexical; são eles Rocha (2008), que faz um estudo à luz dos pressupostos da teoria

gerativa, e Gonçalves (2016), seguindo a morfologia construcional. O *corpus* deste trabalho se constitui de diálogos de crianças publicados na página de Instagram intitulada Frases de Crianças (@frasesdecrianças).

Este artigo tem a seguinte organização: no primeiro momento discorreremos sobre o porquê e quando se formam novas palavras. Em seguida, apresentamos a abordagem da gerativa no que se refere aos estudos morfológicos, especificamente os processos de formação de novas palavras. Depois, trazemos apontamentos do trabalho de Gonçalves (2016). Na última seção, demonstramos a análise dos neologismos criados pelas crianças.

Por que e quando se formam novas palavras?

Antes de discutirmos como se dá o processo de formação de novos itens lexicais, é importante entendermos dois questionamentos feitos por Rocha (2008, p. 77): a) por que se formam novas palavras? e b) quando se formam novas palavras? Referentemente à primeira pergunta, Rocha (2008) afirma que novas palavras são formadas por conta de três funções.

A primeira função é a mudança categorial, que acontece por exigência do nosso sistema linguístico. Essa exigência acontece quando há uma adaptação morfológica, isto é, quando o falante faz uso de um sufixo, por exemplo, para mudar a classe gramatical de uma palavra em um determinado contexto. A palavra *atingimento* na seguinte frase é um exemplo dessa função: “[...] somente quando atingir essa cifra, o País será auto-suficiente. Mas esse *atingimento* só será possível [...]” (Rocha, 2008, p. 78).

A segunda função da formação de uma palavra está relacionada com a expressão da subjetividade do falante; Rocha (2008) nomeia essa função como expressiva de avaliação, que acontece quando o falante faz uso de sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores. É o caso, por exemplo, do sufixo diminutivo *-inho*: “– *Filhinho*, vai para a *caminha*, tomar o seu *leitinho*”.

Por fim, a terceira função é a rotulação que, por sua vez, de acordo com Rocha (2008), está diretamente ligada à pragmática, à cultura, à história e à tecnologia. Atualmente, essa função também está muito relacionada,

por exemplo, com a criação de memes que viralizam nas redes sociais, ou seja, é uma função que está ligada “com a necessidade que tem o homem de dar nome às coisas, às ações, aos lugares, etc.” (Rocha, 2008, p. 79). Alguns exemplos¹ citados pelo autor: malufar, tancredar, sacoleiro, etc.

Para responder ao questionamento b) quando se formam novas palavras?, falaremos sobre formações esporádicas e formações institucionalizadas. A formação esporádica, de acordo com Bauer (1983, p. 45 *apud* Rocha, 2008, p. 79), “pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/escritor, sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata”. Assim, podemos inferir que essas palavras não são institucionalizadas, mas nada impede que elas passem a ser, na medida em que uma determinada comunidade linguística passe a fazer uso delas. Rocha (2008, p. 80) cita como exemplo a palavra *imexível*, a princípio uma formação esporádica, mas que passou a ser uma forma institucionalizada quando foi dita por um ministro diante da imprensa. Na seção seguinte, estudaremos, de forma mais aprofundada, sobre as concepções de Rocha (2008) acerca da morfologia na perspectiva da teoria gerativa.

Morfologia gerativa

Rocha (2008) ancora-se nos estudos de Basílio (1980) para uma abordagem gerativista no que se refere aos estudos morfológicos. Desse modo, o autor aponta que na teoria gerativa há

uma preocupação dos linguistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a sua capacidade de formar novas palavras, rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo, etc. (Rocha, 2008, p. 30).

Importante dizer que competência, conceito que advém da teoria gerativa, refere-se à Língua-I (interna), isto é, “a nossa capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas compostas pelos códigos da

¹ Importante destacar que essas palavras já foram derivadas há tempos e, talvez, alguns falantes podem não reconhecê-las mais.

língua-E de nosso ambiente” (Kenedy, 2016, p. 54). Em outras palavras, seria aquilo que o falante sabe quando ele diz que sabe português, por exemplo. Assim, considerando a vertente da morfologia, é possível dizer que há no léxico regras que nos permitem criar novas palavras. Nesse sentido, Basílio (1980) apud Rocha (2008) define competência lexical como

a) O conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais). (Basílio, 1980, p. 9 apud Rocha, 2008, p. 35).

No tópico a), Rocha (2008) aponta que Basílio (1980), ao citar as entradas lexicais, está se referindo às formas linguísticas as quais o falante conhece e de que faz uso, ou seja, não é apenas uma lista de palavras, mas também as formas que são compreendidas como os afixos (prefixo e sufixo), desinências, entre outros. Logo, conforme aponta Rocha (2008), não se trata do que conhecemos como dicionário, mas, sim, do léxico mental, aquilo que está internalizado na gramática mental do falante.

Nesse léxico mental, estão agrupadas as formas livres, dependentes e presas. Nas formas livres, encontram-se os lexemas puros que, conforme aponta Rocha (2008, p. 64), “apresentam apenas um elemento lexical. São elementos lexicais a raiz e os afixos”. As formas livres também abarcam os lexemas complexos, que, por sua vez, possuem dois ou mais elementos lexicais (Rocha, 2008, p. 64). Além disso, nas formas livres, encontram-se os vocábulos dêiticos, tais como eu, nosso, isto, algum, aqui, lá, etc., que são livres porque, conforme esse autor, não apresentam raiz, nem podem servir de base para a formação de outras palavras.

As formas dependentes, que compreendem as preposições, artigos, pronomes e conjunções, são classificadas como tal porque não aparecem de forma isolada em uma sentença, sempre se associam a outros termos da oração. Já como formas presas, que não são palavras, temos as bases, afixos, desinências e vogais temáticas. As bases funcionam como raízes, isto é, “servem como bases para a formação de novos itens lexicais” (Rocha, 2008, p. 64).

O quadro a seguir, proposto por Rocha (2008), resume e exemplifica essas formas linguísticas que estão presentes nas entradas lexicais:

Quadro 1 - ENTRADAS LEXICAIS

LIVRES	LEXEMAS	<i>Puros</i> – mar, café, livro, gato, calmo, varrer, agachar, vinte, segundo, cedo, sempre <i>Complexos</i> – simples: livreiro, reler, esclarecer <i>Complexos</i> – compostos: Guarda-roupa, secretária-eletrônica, biologia
	VOCÁBULOS DÊITICOS	eu, nosso, isto, algum, aqui, lá
DEPENDENTES	de, para, embora, que, o, uma	
PRESAS	BASES	hipo-, hidro-, eco-, -log(ia), -latr(ia)
	AFIXOS	<i>Prefixos</i> : -re, in-, des-, inter- <i>Sufixos</i> : -ção, -agem, -ice, -it(ar), -ec(er)
	DESINÊNCIAS	<i>Nominais</i> : livro-s, alegre-s, risonh-o, bonit-a <i>Verbais</i> : caminha-mos, anda-va-s, ouvi-ndo, argumenta-r
	VOGAIS TEMÁTICAS	<i>Nominais</i> : livr-o, hort-a, pont-e, gat-o, gal-o <i>Verbais</i> : par-a-r, venc-e-r, ouv-i-r

Fonte: Rocha (2008, p. 63).

Os itens b) e c) da definição de Basílio (1980), conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais e as relações entre os vários itens, bem como o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais), serão discutidos aqui neste artigo junto a análise do *corpus*. Por ora, vamos

trabalhar com outras duas importantes definições para entendermos a estrutura de palavras já existentes e a formação de uma nova palavra: Regras de Análise Estrutural (RAE) e Regras de Formação de Palavras (RFP).

As RAE se referem às estruturas de palavras que são institucionalizadas, isto é, as palavras que fazemos uso no nosso dia, que já são consolidadas na nossa língua. Assim, com a aplicação da RAE, podemos entender a estrutura de palavras como *declaração*, que vem de *declarar*, ou *sentimento*, que vem de *sentir*. Rocha (2008) apresenta o seguinte esquema para representar a análise da estrutura de uma palavra como, por exemplo, *preparação*:

$$\begin{aligned} & [[X] a] Y] b \\ & [[preparar]_v [-ção]_s \end{aligned}$$

Já as RFP dizem respeito à produção de novos itens lexicais, ou seja, as formas não institucionalizadas, aquelas que não encontramos nos dicionários, mas que surgem em uma conversa informal, na fala de uma criança (conforme veremos na última seção), nas publicações nas redes sociais, nos memes, etc. Pensemos no exemplo da palavra *apelidador* proposto por Rocha (2008). A regra de formação dessa palavra pode ser esquematizada da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & [X] a \rightarrow [[X] a Y] b \\ & [apelidar]_v \rightarrow [[apelidar]_v -dor]_s \end{aligned}$$

Rocha (2008, p. 41) nos mostra ainda que as RFPs são estabelecidas tendo como base uma relação paradigmática. Assim, a RFP que explica a formação, por exemplo, de taxista, $[táxi]_s \rightarrow [[táxi]]_s -ista]_s$, segue a relação paradigmática que encontramos em *roteiro – roteirista*, *dente – dentista*, *arte – artista*, *máquina – maquinista*, etc. Dessa forma, “ao criar uma palavra nova ou ao interpretar um novo item lexical, o falante demonstra conhecer a estrutura do item recém-criado”. (Rocha, 2008, p. 42). Por isso, é possível dizer que toda RFP corresponde a uma RAE, mas nem toda RAE corresponde a uma RFP. Rocha (2008) exemplifica essa diferença com os sufixos *-âneo*, *-este*, *-estre*, *-eo* e *-ício*, já que atualmente não temos novas palavras formadas com esses sufixos.

Rocha (2008) discorre ainda sobre as condições de produtividade das RFP, considerando que podem surgir questionamentos acerca de formações que são possíveis e institucionalizadas, tais como *taxista*, *florista*, *frentista* e outras que não o são, como *escadista*, *apartamentista*, *arvorista*, etc. Assim, é necessário fazer uma distinção entre as condições de produtividade e *condições de produção* de uma RFP. Basílio (1990, p. 3 *apud* Rocha, 2008, p. 35) aponta que

[...] uma vez estabelecida a esfera da competência lexical no conceito de produtividade, este conceito deve ser entendido tão-somente como medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis [...]. As condições de produtividade de uma regra devem ser distintas das condições de produção, que dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática. (Basílio, 1990, p. 3 *apud* Rocha, 2008, p. 35)

Dessa forma, entendemos que um novo item lexical pode ser formado dadas as condições de produtividade, por exemplo a RFP S→S-eiro permite a criação de *eureiro*. Contudo, de acordo com Rocha (2008), essa não é uma palavra real da língua, diferentemente de *doleiro*, palavra institucionalizada e que passa pela mesma RFP.

Morfologia construcional

Gonçalves (2016), em suas pesquisas, segue os pressupostos da morfologia construcional. Essa morfologia é proposta por Booij (2010 *apud* Gonçalves, 2016) e estuda os fenômenos de formação de palavras em um viés que se aproxima da linguística cognitiva. Assim, tendo como base o trabalho de Bogdan Szymanek que versou acerca dos fenômenos envolvidos na formação de palavras em inglês, Gonçalves (2016) propôs um estudo da formação de palavras no Português Brasileiro (PB). Dentro desse quadro teórico, o autor destaca três fenômenos sobre o processo de formação de novas palavras: 1) neologismos derivacionais; 2) formações imotivadas; e 3) as formas com única ocorrência na língua.

Szymanek (2005) *apud* Gonçalves (2016) aponta que os neologismos derivacionais são as palavras complexas atribuídas de acordo com padrões produtivos da língua. Como exemplo, o autor cita o sufixo *eiro*, que está diretamente ligado à noção de agente. Assim, tem-se o seguinte esquema:

$$[[X]s_i \text{ eiro}]s_j \leftrightarrow [\text{AGENTE em relação à SEM de } [X].]_j$$

Nesse modelo, Gonçalves (2016) explica que $[X]$ representa a base e a formação *X-eiro*, o produto (*i* e *j* indicam que tanto base, quanto produto fazem parte do léxico), sendo que eles são indexados em *S*, que, nesse caso, refere-se à classe dos substantivos. Ainda, “o símbolo \leftrightarrow diz respeito ao pareamento forma/significado e SEM remete ao significado da base ou do produto.” (Gonçalves, 2016, p. 30). O autor aponta que o falante, ao ter domínio desse esquema, consegue formar palavras tais como *blogueiro*, *chapeiro*, *dogueiro*, como também formar outras novas palavras que não são institucionalizadas, conforme veremos nas análises de dados, última seção deste artigo.

No tópico 2, formações inativadas, encontram-se as palavras que não possuem motivações morfológicas e nem semânticas. Gonçalves (2016) nomeia-as com a expressão latina *Ex-nihilo*, que significa “do nada”. Contudo, o autor questiona se realmente existe esse tipo de formação, uma vez que as palavras podem ter uma formação linguística cujo significado desconhecemos. Por exemplo, inicialmente podemos pensar que a palavra *mocreia* não possui nenhuma motivação morfológica ou mesmo semântica, mas Gonçalves (2016) cita que ela pode estar relacionada à expressão mó (redução de maior) e ao nome *Creia/Cleia*, nome este que pode significar feiura dentro de um determinado contexto, daí a expressão tal como a conhecemos: *mocreia*. Esse exemplo nos mostra como as formações *Ex-nihilo* podem ser relativas (Gonçalves, 2016, p. 33).

Já no tópico 3, as formas com única expressão na língua são denominadas por Gonçalves (2016) como *hápax legomenon*, justamente porque fazem alusão a palavras que possuem apenas uma referência, de tal forma que podem ser consideradas como “genuínos neologismos (alguns são simplesmente velhos ou mesmo palavras obsoletas, usadas apenas uma vez e depois esquecidas)” (Szymanek, 2005 *apud* Gonçalves, 2016, p. 34). É o caso de palavras que são muito utilizadas no campo literário, como

exemplo, Gonçalves (2016) cita o seguinte trecho do poema intitulado *Caso pluvioso*, de Carlos Drummond de Andrade:

Chuvadeira maria, chuvadonha,
Chuvinhenta, chivil, pluvimedonha

Os sufixos que ocorrem apenas em um caso isolado de uma única palavra também podem ser considerados como *hapaces* que, por sua vez, são palavras que ocorrem apenas uma vez dentro de um contexto. É o caso da palavra casebre, cujo sufixo *ebre* não é produtivo como o sufixo *eiro*, por exemplo.

Entender, a princípio, essas três definições é importante para compreendermos os processos de formação de novas palavras que surgem na nossa língua. Na seção de análise de dados, veremos sobre o cruzamento vocabular, um dos fenômenos inovadores da morfologia propostos por Gonçalves (2016).

Demãecracia e Mãenarquia – os processos de formação de palavras

Nesta seção, iremos analisar o processo de formação de novas palavras em diálogos espontâneos de crianças. Para este artigo, selecionamos dez diálogos que contemplaram onze novos itens lexicais. Assim, a proposta é analisar a formação dessas novas palavras à luz das teorias aqui discutidas. Portanto, ora lançamos mão de Rocha (2008), ora Gonçalves (2016).

Mais do que nos afiliar a um dos quadros teóricos apresentados, já que ambos procuram ter poder descritivo e explicativo em relação ao processo de inovação lexical, explicitando de que forma, cognitivamente, o falante busca uma solução num momento de “impasse” em relação à nomeação ou categorização lexical (necessária em situação interlocutiva se desejam referenciar algo do contexto linguístico ou extralinguístico), entendemos que a explicação da neologia pode se dar por meio de uma regra (visão formalista, da teoria gerativa) ou de uma construção (visão cognitivo-funcional).

Das onze palavras selecionadas, cinco podem ter o processo de formação explicado pelo cruzamento vocabular. Fandrych (2008) apud Gonçalves (2016) aponta que o termo cruzamento é utilizado em referência à mistura de fragmentos de palavras existentes, ou seja, é um processo de formação de palavra que consiste na fusão de duas bases (Gonçalves, 2016, p. 76). O cruzamento vocabular contempla três grupos: entranhamento lexical, combinação truncada e substituição sublexical.

Analisemos, a seguir, duas narrativas:

1) Vinícius sempre reclama que eu mando muito nele e que não vê a hora de ser adulto para poder decidir tudo da sua vida. Certo dia, pedi para ele descer na garagem para pegar algo que eu havia esquecido no carro. Ele me olhou e falou:
– Estou cansado de viver em uma **mãenarquia**. Queria viver em uma **demãecracia**.
(V, 10 anos)

2) – Mãe, quando crescer quero ser **jardinheiro**.
– O certo é jardineiro.
– Não, mãe. É **jardinheiro** que planta dinheiro.
(D, 5 anos)

Nesses diálogos das crianças analisados, encontramos três formações correspondentes ao estranhamento lexical que, por sua vez, consiste na fusão de duas palavras pela interposição de uma à outra. Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são literalmente superpostas, de modo que um ou vários segmentos são compartilhados. (Gonçalves, 2016, p. 77). Assim, nessas duas narrativas, temos três exemplos de palavras que aparecem de forma integral dentro da outra, é o caso de mãenarquia e demãecracia, mesmo que haja uma mudança na base original das palavras monarquia e democracia. Em **jardinheiro** temos as duas formas: jardim e dinheiro. Vejamos mais duas narrativas:

3) – Maria, o que você quer fazer quando crescer?
– Eu quero ser cientista.
– E com o que você vai trabalhar nisso?
– Ué, com **cientimentos**.
(M C, 4 anos)

- 4) – Mamãe, amanhã eu tenho prova.
 – Ah, tudo bem, você estará na escola.
 – A **condenadora** da escola disse pra não faltar.
 (J P, 6 anos)

Nos exemplos 3 e 4 é possível perceber a combinação truncada, que também está contida no cruzamento vocabular. De acordo com Gonçalves (2016), nesse tipo de formação, há “um tipo de composição em que uma palavra componente é truncada (isto é, sofre encurtamento; perde massa fônica) e se une à outra, igualmente truncada ou não.” (Gonçalves, 2016, p. 77). É o caso dos exemplos apresentados, em que há truncamento das duas palavras: *ciência* e *sentimentos* (*cientimentos*) e *condenar* e *coordenar* (*condenadora*) > *condenadora* / *coordenadora*.

Outra nova palavra que apareceu nos dados coletados foi referente à Regra de Formação de Palavra S→S_{-eiro}. Essa é uma regra específica em que, de acordo com Rocha (2008), o produto designa um nome agentivo. Analisemos a seguinte narrativa:

- 5) Estávamos no carro e ele perguntou:
 – Mãe, quem trabalha na padaria é padreiro, né?
 – Sim, filho.
 – E na marcenaria é marceneiro?
 – Sim.
 – E quem entrega iFood?
 – Entregador de lanche.
 – Não, mãe! É **ifodeiro**!
 (J P, 9 anos)

Esse exemplo mostra como nessa regra está subjacente a noção de relação paradigmática, conforme vimos na seção anterior, evidenciando ainda como as condições de produtividade permitem esse tipo de formação, que pode ser esquematizada da seguinte maneira:

$$S \rightarrow S_{-eiro}$$

$$iFood \rightarrow iFood_{-eiro}$$

Nesse esquema, vemos que o produto apresenta ideia de agente humano, ainda que *iFood* seja o nome de uma marca, portanto um substantivo próprio. Nesse exemplo, é interessante notar que a criança ao perguntar “E quem entrega *iFood*? e a mãe responde “entregador de lanche.”, ela não responde corrigindo a mãe, dizendo, por exemplo, “entregueiro”, uma vez que a RFP não se aplica a bases que designam agentes/indivíduos. (Rocha, 2008, p. 130).

Gonçalves (2016), no viés da morfologia construcional, explica que novas palavras são formadas a partir de padrões produtivos e bem estabelecidos na língua. É o caso desse exemplo que estamos analisando, uma vez que a fórmula $[[x]s_{j\text{ eiro}}]si \rightarrow i\text{Foodeiro}$, em que tanto a base $[x]$, quanto produto fazem parte do léxico, designa nomeação de agentes. Vejamos mais uma narrativa:

6) Meu irmão por parte de pai mora em outra cidade e perguntei:

- Lipe, você faz aula de natação?

- Não. Só de **escreveção!**

(L F, 4 anos)

Nesse exemplo, vemos que a criança, ao estabelecer uma RFP, emprega a seguinte RAE, tendo como base a palavra natação que foi dita anteriormente no diálogo, e possivelmente outras palavras que possuem o sufixo *-ção*, que é sufixo com ideia de agentividade, por exemplo, a palavra reparação:

$[[X]]a]Y]b / [[\text{reparar}]v]-\text{ção}]s$

$[[X]]a]Y]b / [[\text{escrever}]v]-\text{ção}]s$

Contudo, na palavra escrever há uma irregularidade morfológica, ela não segue o padrão de *declarar* → *declaração*, *reparar* → *reparação*, *punir* → *punição*, não há *escrever* → (?) *escreveção*, e sim *escrever* → *escrita*.

Na perspectiva de Gonçalves (2011), temos o padrão determinante-determinado para derivação. Por exemplo: *declarar* > *declara* + *ção* > *declaração*. Assim, ao falar *escreveção*, a criança pode ter seguido essa construção. Vejamos, agora, a narrativa 7:

- 7) Eu estava doente e minha filha estava no quarto, ajudando com meus cuidados. Ela pegou o termômetro e me perguntou:
– Mãe, precisa medir o **temperamento**?
(M, 4 anos)

Aqui há um exemplo de lexicalização semântica. A criança segue, por exemplo, a RAE de *acabar* → *acabamento* e utiliza *temperar* → *temperamento*, em que a base é um verbo. Contudo, dado o contexto, percebemos que *temperamento* não é a palavra adequada, uma vez que ela não está se referindo ao verbo temperar, mas, sim, ao substantivo temperatura.

Na próxima narrativa vemos um exemplo da RFP: V → S_{-dor}. Analisemos:

- 8) Assistindo ao jogo do Brasil na Copa, Isabela soltou um comentário sobre o jogador número 11 da Suíça, que levou um cartão amarelo:
– Ele é bonito por fora, mas por dentro é **derrubador**.
(I, 8 anos).

Essa RFP corresponde a RAE que se aplica em formações tais como *pescar* → *pescador*, *jogar* → *jogador*, *paquerar* → *paquerador*, daí a formação *derrubar* → ***derrubador***.

Por fim, nas duas últimas duas narrativas selecionadas, percebemos a presença do hibridismo. Vejamos:

- 9) Na aula de inglês, disse para minha aluna
– Oh sorry, Ana!
– Tá **sorryado**, teacher!
(A L, 6 anos)

- 10) – Mãe, a teacher fala “open the book” para mandar a gente abrir o livro.
– E para fechar, meu filho, como ela fala?
– Não sei... mas acho que é **desopen** the book.
(D, 5 anos)

Gonçalves (2016) aponta que o hibridismo é formado por elementos tirados de línguas diferentes. No exemplo 9, há a junção da palavra *sorry*, do

inglês, com o sufixo *-ado* do particípio passado do PB. Já no exemplo 10, a criança utiliza o prefixo *-des* e a palavra *open* do inglês.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar a criatividade lexical em falas espontâneas de crianças. Para tal fizemos, inicialmente, um pequeno estudo sobre dois questionamentos feitos por Rocha (2008): por que se formam novas palavras? e quando se formam novas palavras?. Depois, nos valem também das contribuições de Gonçalves (2016) acerca dos fenômenos morfológicos, tais como os neologismos derivacionais, as formações imotivadas e as formas como única ocorrência na língua.

Além disso, com base em Rocha (2008), versamos sobre a formação de palavras à luz da teoria gerativa. A proposta foi analisar quais processos as crianças utilizam ao formarem novos itens lexicais. O estudo mostrou que os neologismos criados pelas crianças, nos diálogos selecionados para este artigo, não foram criados de forma arbitrária. Ao criar novas palavras, elas se valem de fenômenos como cruzamento vocabular e hibridismo, além de utilizarem as RFPs com base nas RAEs. Algumas outras formações puderam ser descritas à luz de Gonçalves (2016).

Para futuras pesquisas, é interessante analisar um número maior de dados e, assim, verificar a ocorrência de outros fenômenos morfológicos nos neologismos criados pelas crianças.

Referências

FERREIRA, Paulo Ricardo Sousa. *Neologismos e processos lexicais criativos: a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2016.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

ROCHA, RUTH. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. Rio de Janeiro: Salamandra consultoria editorial, 1976.

Gramaticalização e discursivização da partícula “aí” sob a lupa da teoria funcionalista

Izabel Luiz Santos Colling*
Márcio Leonardo Lima Pereira**

Resumo

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Neste contexto, este estudo busca discorrer sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, classificada como um advérbio de lugar numa visão sistêmica e tradicional de língua, mas que passa a exercer, em determinados contextos de uso, outra função gramatical. Para orientar a discussão aqui proposta, mobilizamos os conceitos de gramaticalização e discursivização, bem como conceitos da Teoria Funcionalista e, a partir desse campo teórico, tomaremos como corpus de análise um fragmento do episódio #251 do Podcast “Pod Delas”. Assim, através deste estudo, observa-se que a partícula “aí” passa pelo processo de gramaticalização. Ademais, a fim de ampliar esta análise, propõe-se refletir se o uso desta partícula pode ser compreendido, também, como um processo de discursivização, tendo em vista que a trajetória desse processo ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo. A discussão realizada neste ensaio permite inferir que, em determinados contextos, a partícula “aí” pode ser gramaticalizada e discursivizada.

Palavras-chave: funcionalismo; gramaticalização; discursivização; partícula “aí”.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela PUC Minas. Bolsista CAPES I. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1070-6791>

** Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela PUC Minas. Bolsista CAPES II. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9369-6089>

Grammaticalization and discursivization of the particle 'aí' under the lens of functionalist theory

Abstract

The functionalist approach seeks to explain the observed regularities in the interactive use of language by analyzing the discursive conditions in which this usage occurs. In this context, this study aims to expound upon the grammaticalization process of the particle “aí,” traditionally classified as an adverb of place in a systemic view of language, but which assumes another grammatical function in specific usage contexts. To guide the proposed discussion, we employ the concepts of grammaticalization and discursivization, as well as principles from Functional Theory. Within this theoretical framework, we analyze a fragment from episode #251 of the podcast ‘Pod Delas’ as our corpus. Through this study, it is observed that the particle “aí” undergoes the process of grammaticalization. Furthermore, to broaden this analysis, we propose contemplating whether the use of this particle can also be understood as a process of discursivization. This consideration arises from the fact that the trajectory of this process unfolds from lexicon to discourse via grammar, and the term then assumes the function of a discursive marker. The discussion presented in this essay allows for the inference that, in specific contexts, the particle “aí” can undergo both grammaticalization and discursivization.

Keywords: functionalism; grammaticalization; discursivization; particle “aí”.

A língua é viva. É maleável. A língua se move, se embaralha, se refaz, se transforma, se adapta. E o que é a língua sem o sujeito para colocá-la em uso? Em todas as atividades de manifestação de uma língua (sejam orais, sejam escritas), sujeitos interagem em determinados contextos e a utilizam para se comunicarem. Ao interagirmos socialmente por meio da língua, é inevitável que a tornemos viva e, conseqüentemente, em movimento.

Neste ensaio, propomo-nos debruçar sobre os conceitos de gramaticalização e discursivização sob a lente da teoria funcionalista dos estudos linguísticos, tomando como análise o uso da partícula “aí” em um fragmento do episódio #251 do podcast “Pod Delas” (2023). Conforme Cunha (2011, p. 157), para compreender efetivamente os processos linguísticos faz-se necessário “[...] explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Dessa forma, valemo-nos da análise de um contexto de situação real de comunicação para discorrer sobre o processo de gramaticalização da partícula “aí”, que é classificada como um advérbio de lugar numa visão sistêmica e tradicional de língua. No entanto, observaremos que essa partícula pode passar a exercer, em alguns contextos de uso, uma outra função, sobre a qual discorreremos neste ensaio.

Antes de tomarmos como reflexão as concepções teóricas sobre gramaticalização e discursivização, que serão centrais neste ensaio, acreditamos ser importante sintetizar três correntes teóricas, sendo elas: i) Estruturalismo; ii) Gerativismo; e iii) Funcionalismo. Mas por que trazer o Estruturalismo e o Gerativismo, tendo em vista que a proposta deste ensaio é trabalhar sob a lupa da perspectiva funcionalista?

Acreditamos ser fundamental a compreensão das lacunas deixadas por teorias, pois elas colaboram para que outras existam e/ou se atualizem no campo dos estudos linguísticos. Sendo assim, retomaremos a seguir, essas três correntes teóricas que estão na base dos estudos linguísticos contemporâneos, das quais apontaremos as concepções de “língua”, “linguagem” e “gramática” com que trabalham cada uma delas. À guisa de compreensão do caminho que tomaremos neste ensaio, apontamos de que modo este se estruturará. Primeiramente, abordaremos sobre o Estruturalismo. Posteriormente, sobre o Gerativismo. Sobre esta segunda, cabe ressaltar que suas divergências são fundamentais que devem ser colocadas em pauta, uma vez que a corrente do Funcionalismo desenvolve-se enquanto uma

reação ao Gerativismo. Após este breve caminho teórico por vertentes que antecederam ao Funcionalismo, apresentaremos a corrente funcionalista propriamente dita e trabalharemos com as concepções de gramaticalização e discursivização da partícula “aí”. Postas as questões teóricas, por fim, desenvolveremos a análise do *corpus*. A seguir, apontamos as correntes linguísticas e suas teorias.

As teorias linguísticas contemporâneas tomam fôlego com as discussões apresentadas pelo estruturalista suíço Ferdinand de Saussure. Para Saussure (2012), a língua é um sistema abstrato e estruturado de signos linguísticos que são compartilhados por uma comunidade de falantes. Segundo Costa (2011), Saussure considerava a língua como uma entidade coletiva e estável, que existe independentemente dos indivíduos. Portanto, o indivíduo não teria nenhum poder de transformação da língua. A partir da corrente estruturalista de Saussure, outras correntes se desenvolvem. Dentre elas, o gerativismo e o funcionalismo, que serão abordadas a seguir.

O Gerativismo origina-se nos anos 50 e tem como principal teórico o americano Noam Chomsky. Segundo Kenedy (2011), a teoria de Chomsky é baseada na ideia central de que a linguagem é inata ao homem e que a faculdade da linguagem é geneticamente transmitida entre os seres humanos, tornando-os capazes de desenvolverem a língua mesmo sob a pobreza de estímulos através do “[...] uso infinito de meios finitos [...]” (Chomsky, 2005, p. 33). Sendo assim, para esta corrente, a língua é compreendida enquanto um componente interno do cérebro/mente (Língua-I). Os gerativistas pensam e analisam a concepção de língua enquanto um processo interno e individual. A gramática, por sua vez, é compreendida considerando que os seres humanos são naturalmente aptos para desenvolvê-la (ou adquiri-la) por possuírem a faculdade da linguagem. Segundo Lyons (1987, p. 178),

[...] a versão de Chomsky de gramática universal tem os mesmos pressupostos que versões anteriores têm a respeito da universalidade da lógica tradicional e sobre a interdependência da linguagem e do pensamento. É sua opinião, no entanto, que o estudo empírico da linguagem tem mais contribuições a fazer para a filosofia da mente do que a lógica tradicional e a filosofia da linguagem para a lingüística. Isto faz uma diferença profunda na maneira pela qual a argumentação é conduzida, mesmo quando o assunto em discussão é reconhecidamente tradicional, por exemplo, se a faculdade da linguagem é ou não inata.

Os funcionalistas, por outro lado, preocupam-se em pensar e analisar o social enquanto contexto concreto do ato comunicativo, argumentando que a língua evolui para atender às necessidades comunicativas dos falantes. Sobre a corrente funcionalista, Cunha (2011, p. 157) aponta que “[...] seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa [...] a motivação para os fatos da língua”. Assim, para os adeptos dessa escola linguística, a situação extralinguística (experiência humana) é um princípio fundamental para compreender a língua, a gramática e seus usos.

Por conceber o caráter dinâmico do funcionamento das línguas, o Funcionalismo percebe a gramática como maleável, ou seja, adaptativa às necessidades comunicativas e cognitivas dos seus falantes. Conforme Furtado da Cunha (2013, p.164),

[...] considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica em reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. Nesse sentido, a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional.

Diante disso, podemos entender o processo de gramaticalização, através do Funcionalismo, como um fenômeno que se dá a partir das necessidades de se refazer que as gramáticas de todas as línguas apresentam.

Na concepção de Mussalim e Bentes (2009), a própria corrente funcionalista defende seu olhar particular para o fenômeno da linguagem, ao vê-la enquanto um instrumento de comunicação e interação social. Por esse motivo, concebe seu objeto de estudo baseado no uso real do processo de comunicação. Ora, nesse aspecto, a corrente funcionalista estabelece uma oposição tanto ao estruturalismo saussureano - e sua separação de estudos entre *langue* e *parole* —, quanto ao gerativismo chomskyano — e sua distinção para o olhar entre competência e desempenho.

Com o intuito de sintetizar as concepções que serão tomadas neste ensaio, ilustramos, no quadro abaixo, as noções de língua, linguagem e gramática assumidas pela teoria funcionalista:

Quadro 1:

Concepção de língua, linguagem e gramática segundo o Funcionalismo

Língua	Linguagem	Gramática
A língua evolui para atender às necessidades comunicativas dos falantes.	A linguagem é concebida como um instrumento de interação social.	A gramática é maleável, adaptativa às necessidades dos falantes.

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Nessa seara, é mister compreender como estão sendo desenvolvidos os estudos funcionalistas a partir de um panorama brasileiro. Eles ganharam destaque na década de 1980. Como grande influência, têm-se discussões e publicações desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado pelo professor Sebastião Votre em 1992. Anteriormente, em 1978, Votre tem publicada sua tese de Doutorado, na qual desenvolve um estudo sobre variação e mudança semântica e morfossintática na fala e na escrita da comunidade linguística carioca. Ademais, seguiu desenvolvendo trabalhos relevantes sob a perspectiva da linha funcionalista, muitos desses desenvolvidos em conjunto com o linguista Mário Eduardo Martelotta. Os resultados de pesquisas e estudos de ambos autores serão tomados (também) como base de referência, uma vez que reúnem trabalhos sobre os fenômenos sobre os quais nos debruçamos: a gramaticalização e a discursivização no português do Brasil.

Adentrando-nos ao conceito de gramaticalização, Cunha (2011, p. 173) afirma que este conceito “[...] designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. A gramaticalização trata-se, nesta seara teórica, de um processo que “[...] leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas.” (Martelotta, Votre e Cezario, 1996, p. 12).

Ainda sobre a concepção de gramaticalização, Neves (1997, p. 115) define o termo enquanto “[...] o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Desse modo compreendemos, à luz da teoria funcionalista, que o movimento de gramaticalizar se opõe a qualquer concepção fixa com que se conceba à gramática, pois assume que os falantes utilizam itens lexicais e construções sintáticas de maneira nova, assumindo outras funções gramaticais. Acreditamos ser considerável apontar, também, a consideração feita por Sweetser (1988, p. 389), em que descreve que

[...] a gramaticalização não pressupõe o desaparecimento de outras unidades anteriores, nem mesmo de significados mais primitivos. As motivações para a gramaticalização, portanto, não se resumem apenas ao aparecimento de novas formas linguísticas, mas também às necessidades comunicativas e cognitivas ainda não satisfeitas a partir de material linguístico já existente. Afinal, ao lado de perdas, há também ganhos em termos semântico-pragmáticos, muitas vezes sem mudança observável na forma.

Postas essas definições, podemos inferir que discurso e gramática se retroalimentam em uma relação simbiótica de forma que “[...] o discurso precisa dos padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação”. (Martelotta, 2011, p. 63).

No intuito de ampliar a discussão sob a perspectiva da Teoria Funcional, tratamos aqui de um outro processo de mudança linguística paralelo à gramaticalização: a discursivização. Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), este processo pode assumir dois mecanismos: o da metáfora e o da metonímia. Na análise do corpus deste ensaio, o leitor observará a presença da metonímia que consiste em uma “[...] motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto”. (Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 42). Martelotta (1996) assume que esse processo faz com que o elemento linguístico perca suas restrições gramaticais e assumam restrições de cunho pragmático e interativo. Em outras palavras, a discursivização trata de elementos que não são necessários para a organização interna da estrutura

gramatical da frase, mas, sim, de elementos que estão envolvidos em funções pragmáticas em torno da gramática. Na literatura, esses elementos recebem, entre outros termos, o nome de marcadores discursivos e são verbalizados a fim de preencher o vazio causado no processamento de alguma informação, ou seja, na quebra da linearidade informativa.

Embora com raros trabalhos contemporâneos dedicados ao tema, Martelotta (1996) traz à baila esse processo introduzindo o termo discursivização em oposição ao termo pós-gramaticalização. Ainda, de encontro com as posições dos autores anteriores, Vicent, Votre e Laforest (1993) sugerem que há um processo posterior ao da gramaticalização, mas que, segundo os autores, tal processo nem sempre ocorre. Tendo isso em vista, a seguir assumimos somente o trabalho analítico da “discursivização”, compreendendo que ele se adequa ao processo linguístico que é pressuposto enquanto ocorrente da partícula “aí”, da qual tomaremos como análise neste trabalho a partir do corpus a seguir.

O termo “aí” é frequentemente empregado na oralidade dos brasileiros, seja para identificação espacial, seja temporal ou até mesmo em momentos de hesitação. Segundo Tavares (2003, p. 159), o termo provém da palavra “i” (hi/hy) do português arcaico, datado mais ou menos do século XIII que, por sua vez, origina da palavra latina “ibi” que já apresentava sentidos distintos como “nesse lugar, nesse momento”. Ou seja, a palavra já apresentava anteriormente significados associados a lugar e tempo.

Tavares (2003) traz ainda que estava presente há muito tempo e persiste atualmente a peculiaridade dêitica dessa palavra, isto é, caracteriza-se como um elemento responsável por uma conexão entre a situação e o que é dito. A autora ainda comprova que o “aí” passa por estágios do processo de gramaticalização, sendo também utilizado para realizar referências anafóricas locativas e temporais.

No excerto que selecionamos para exemplificar o uso da partícula “aí” por meio de uma situação real de comunicação, seis meninas dialogam em um episódio de podcast. O “Pod Delas” é um espaço de conversa comandado por Boo Unzueta e Tata Estaniecki. A veiculação acontece de diversas maneiras: através de áudios na plataforma Spotify, áudio e vídeo no Youtube e publicações de fragmentos dos episódios via Instagram e TikTok. É, portanto, um destes fragmentos que utilizamos para a nossa análise. A seguir, com o intuito de possibilitar uma melhor visualização e

compreensão do contexto e modo de uso das falas que serão tomadas para exemplificação, trouxemos um fragmento da transcrição do vídeo:

Quadro 2:

Transcrição do fragmento do episódio #251 Podcast “Pod Delas” (2023)

F1: deixa eu contar o presente que o Felipe me deu ano passado, gente... no meu aniversário... Eu fico muito enchendo o saco pra ele tipo ah... o que você vai me dar de presente e tals... cara... o filha da mãe... você ficou sabendo dessa história?

F2: lógico... ele pediu pra mim as caixa

F1: ele pediu uma caixa para uma amiga... aí eu eu aqui oh... pra uma amiga minha... uma caixa tipo de alguma... loja de marca assim... de... de grife. É... e aí uma amiga me emprestou uma caixa da Louis Vuitton

F2: emprestou pra ele.

F1: emprestou pra ele... e ele tipo... quando eu cheguei do pod... era dia 18 pro dia 19... alguma coisa assim... eu cheguei... ele tava... fez um jantar romântico, colocou a caixa com um laço... e eu assim... era da Louis Vuitton assim...eu...

F3: já agradece antes de abrir, né?

F1: aí ele... eu nem vi o celular que tava gravando tudo. Ele tem todo esse vídeo... aí eu fui abrindo a caixa falei gente não, não é possível... ele todo assim oh... fui abrir... era óleo essencial...

[[

F: você nunca postou esse vídeo? pelo amor de Deus...

F: [incompreensível]

F1: óleo essencial...

[...]

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Tomando como suporte o campo da Teoria Funcionalista, é salutar recuperar que seu interesse de investigação linguística extrapola a questão da estrutura gramatical, procurando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (Neves, 2004). Nesse sentido, Martelotta (1996) contribui com a discussão ao tratar do uso potencial da língua, sendo ela uma estratégia que um falante utiliza para organizar seu texto em determinada situação de comunicação. A partir dessas contribuições, vamos observar o uso do termo “aí” nos seguintes enunciados:

(01) “ele pediu uma caixa para uma amiga... aí eu eu aqui oh...”

(02) “e aí uma amiga me emprestou uma caixa da Louis Vuitton”

(03) “aí ele... eu nem vi o celular que tava gravando tudo. Ele tem todo esse vídeo... aí eu fui abrindo a caixa falei gente não, não é possível...”

Neste momento do episódio do podcast, a falante denominada “F1” conta a história do presente de aniversário que ganhou de seu namorado. Neste diálogo, que dura cerca de 1min10seg, a partícula “aí” é empregada quatro vezes.

A gramática normativa (visão sistêmica e tradicional da língua) define que o termo “aí” é um advérbio com valor dêitico espacial, fazendo referência a algo que não se encontra perto do falante, mas, sim, do ouvinte, como por exemplo: “Minhas chaves não estão aqui, mas, sim, *aí*”. Neste exemplo, podemos observar o caráter dêitico do termo. No entanto, em nenhum momento a partícula “aí” é empregada com valor dêitico na fala que trouxemos para análise. Assim, compreendemos que o termo “aí” assume uma nova função que é referente a uma organização interna do discurso: a de sequencializar eventos perfectivos. Segundo Neves (2014, p. 4)

Ao atuar com a função de sequenciador retroativo-propulsor, ele organiza o discurso: unindo informações subseqüentes e introduzindo efeito, concomitantemente ou não, pois essas relações de seqüência temporal e introdução de efeitos estão muito próximas. Essas funções tornam-se tão próximas já que uma função não necessariamente exclui a outra, ocorrendo (co)incidência entre a consequência temporal e a consequência lógica.

Em (01) e (03), a falante introduz a partícula “aí” para sequencializar um fato novo a partir de outro já finalizado, ou seja, o “aí” introduz uma ação posterior a outra já finalizada. Fica claro que o termo em questão usado com valor temporal é derivado do “aí” que outrora é usado com valor espacial, o que nos permite concluir que estamos diante de um fenômeno de gramaticalização.

A proposta de reflexão aqui posta é que a partícula “aí” também passa por um outro processo de mudança linguística além de gramaticalização: o de discursivização. E para que possamos esclarecer essa tese, apontamos o que Silva (2013) afirma em sua dissertação de mestrado, na qual buscou identificar que o uso da partícula “aí” apresenta “[...] distintos graus de instrução, no que se refere aos processos de gramaticalização e discursivização eventualmente sofridos pelo item em questão” (Silva, 2013, p. 1). Os excertos em que se pode observar esse fenômeno são:

(04) “Não, eu sou daqui mesmo que eu moro aqui e já existia *aí* eu vim participar já que eu não tive a oportunidade quando eu era jovem”.

(05) “Eu fui criada na roça, *aí* meu pai não deixava a gente estudar não... era pra trabalhar somente..”

Nos trechos (04) e (05), o termo “aí” pode ser facilmente substituído pelo termo “por isso” sem que haja mudança de sentido. Para Martelotta (1996), a trajetória do processo de discursivização ocorre do léxico para o discurso via gramática e, então, o termo assume função de marcador discursivo, ou seja, a ordem do processo de mudança ocorre na seguinte sequência: i) léxico; ii) gramática e iii) discurso.

Percebe-se que o comportamento da partícula “aí” no corpus de análise está inserido em um contexto de fala natural e espontânea, da qual pode-se observar tanto a presença de um distinto comportamento sintático gramaticalmente esperado, quanto de outra acepção semântico-pragmática do propósito discursivo pré-estabelecido normativamente. Isso ocorre conforme discorrem Pereira e Oliveira (2011) ao assumirem que há estruturas que são pré-fabricadas por serem resultantes de convenções sociais.

A guisa de conclusão, provocamos a seguinte reflexão: uma vez que a partícula “aí”, no presente *corpus* de análise, perde a função lexical

e gramatical, ficando à serviço da organização das ideias e funcionando como marcador de discurso, poderia ser considerada, também, enquanto resultado do processo de discursivização?

Sabendo que os estudos sobre discursivização são relativamente recentes, sobretudo referindo-se juntamente com o processo de gramaticalização, propomos, a partir desse ensaio, instigar a possibilidade de estudos futuros sobre os processos de mudanças linguísticas contemporâneas no Brasil e no mundo, para que a ciência da linguagem possa caminhar levando em conta que a língua é viva e está em constante processo de mudança e evolução. Sendo assim, cabe aos linguistas fomentar discussões científicas que contribuam com a tarefa de analisar e compreender a linguagem, a língua e a gramática enquanto mutáveis e adaptativas às situações comunicacionais.

Referências

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 207p.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-140.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; ALC NTARA, F. Discursivização da partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009. 270 p.

NEVES, Maria Helena M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena M. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A.; HORA, Dermeval; SILVA, Camilo R. (org.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

PEREIRA, Edvaldo dos Santos; OLIVEIRA, Joseane Moreira. *Gramaticalização do item aí: uma abordagem multifuncional*. In: XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. XV, n. 5, t. 2, p. 1833-1844, 2011.

POD DELAS. Rio de Janeiro, 25 fev. 2023. Instagram: @poddelas. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CpGZke-gnLQ/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Hugo Henrique Barbosa da. *O processo de gramaticalização de e, aí, mas, assim e então em falantes de distintos graus de instrução*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SWEETSER, E. *Grammaticalization and Semantic Bleaching*. Berkeley Linguistics Society, Berkeley, n. 14, 1988, p. 389-405.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VINCENT, Dane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. *Grammaticalisation et post grammaticalisation. Langues et Linguistique*, n. 19, Quebec, Université Laval, 1993.

VOTRE, Sebastião; NARO, Anthony J. *Mecanismos funcionais do uso da língua*. D.E.L.T.A, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. 1978. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

Uma análise do conto *Rolézim*¹, de Giovani Martins, à luz do Funcionalismo

Leandro Martins de Sousa*

Resumo

Neste trabalho, analisamos o uso do português brasileiro no conto *Rolézim*, do livro **O sol na cabeça**, escrito por Geovani Martins. Este estudo se justifica pelo fato de haver o interesse de se verificar alguns aspectos de adequação da língua, em especial do português brasileiro, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento. Para a realização deste artigo, fundamentamo-nos em Cunha (2011) e Martelotta, Votre e Cezario (1996), explorando, a partir de recortes do conto, alguns princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Como principal resultado, constata-se como o conto *Rolézim* evidencia o uso real da língua portuguesa brasileira, mostrando como sua estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas de um grupo específico, destacando a importância da abordagem funcionalista na análise linguística.

Palavras-chave: funcionalismo; funcionamento e adequação da língua; *Rolézim*; *O sol na cabeça*; Giovani Martins.

¹ O conto *Rolézim* se encontra disponível também no site: https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA_DAS_LETRAS/SOL_NA_CABECA_O-9788535930528.pdf.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista FAPEMIG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3405-902X>.

An analysis of the short story *Rolézim*, by Giovani Martins, in the light of Functionalism

Abstract

In this work, we analyze the use of Brazilian Portuguese in the short story *Rolézim*, from the book **O sol na cabeça**, written by Geovani Martins. This study is justified by the fact that there is an interest in verifying some aspects of the adequacy of the language, especially Brazilian Portuguese, in order to actually observe its functioning. To carry out this article, we based ourselves on Cunha (2011) and Martelotta, Votre and Cezario (1996), exploring, based on excerpts from the story, some central principles and categories of the functionalist current, namely: grammaticalization, marking, informativeness, iconicity, transitivity and discursive plan. As a main result, it is clear how the short story *Rolézim* highlights the real use of the Brazilian Portuguese language, showing how its grammatical structure adapts to the communicative needs of a specific group, highlighting the importance of the functionalist approach in linguistic analysis.

Keywords: functionalism; functioning and adequacy of the language; *Rolézim*; *O sol na cabeça*; Giovani Martins

1 Considerações iniciais

É inquestionável que a língua, qualquer que ela seja, está sempre em variação ao longo da história, e eventualmente provoca-se alguma mudança, que pode ser mais ou menos explícita. Por exemplo, “vossa mercê” sofreu, ao longo de um dado período, mudanças bastantes expressivas, passando a assumir diversas formas, tais como “vosmecê”, “você”, “ocê” e, atualmente “cê”. No entanto, vale pontuar que tais modificações não se restringem apenas às transformações morfológicas, como no exemplo dado, mas também sintáticas e semânticas. e, atualmente “cê”. No entanto, vale pontuar que tais modificações não se restringem apenas às transformações morfológicas, como no exemplo dado, mas também sintáticas e semânticas.

Pensando nisso, pode-se inferir que tais fenômenos linguísticos, como defende Cunha (2011, p. 174), são resultados da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua, ou seja, são os usos reais da língua que dão, ao longo do tempo, forma ao sistema. Sob essa perspectiva, este artigo se justifica pelo fato de haver o interesse de se analisar alguns aspectos de adequação da língua, em especial da língua portuguesa (LP), em sua variedade brasileira, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo examinar o uso do português brasileiro (PB) no conto *Rolézim*, do livro **O sol na cabeça**, escrito por Geovani Martins¹. A escolha por analisar este conto se dá em razão de ele apresentar uma escrita que se aproxima totalmente da oralidade de falantes da periferia, sobretudo do Rio de Janeiro, o que contribui significativamente para a proposta que aqui se faz.²

A realização desta análise tem como fundamentação teórica a corrente funcionalista, uma vez que esta está voltada para o estudo da relação entre a estrutura gramatical das línguas e as diferentes conjunturas comunicativas em que elas são usadas. Em outras palavras, além de se preocupar com a estrutura gramatical, tal corrente busca, na situação

1 Nascido em 1991, em Bangu, no Rio de Janeiro, Giovanni Martins trabalhou como “homem-placa”, atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia. Nos anos de 2013 e 2015, ele participou das oficinas da Flup (Festa Literária das Periferias), publicou alguns de seus contos na revista Setor X e foi convidado para o programa paralelo da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty).

2 Apesar de o conto apresentar uma escrita que se distancia do que é preconizado nas gramáticas normativas, Martins também escreve de acordo com a norma padrão, o que pode ser observado em outros contos do mesmo livro.

comunicativa, a motivação para os fatos da língua. A partir disso, pode-se afirmar que o Funcionalismo visa a trabalhar com dados reais – seja da fala, seja da escrita – retirados de contextos efetivos de comunicação. Sendo assim, a abordagem do Funcionalismo far-se-á a partir do capítulo *Funcionalismo*, de Angélica Furtado da Cunha, que se encontra no **Manual de Linguística**, organizado por Mário Eduardo Martelotta (2011), e na obra **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**, organizada por Mário Eduardo Martelotta, Sebastião Votre e Josué Maria Maura Cezario (1996).

A metodologia a ser utilizada nesta pesquisa será a realização de uma análise linguística, cujo foco será dado a alguns recortes do conto em questão, com o fito de descrever e explorar analiticamente o funcionamento da língua, tendo como base, primordialmente, alguns princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Além disso, para fins de exemplificação, ao longo da análise do *corpus*, haverá palavras ou expressões focalizadas, em excertos do conto (marcadas em negrito).

2 Funcionamento e adequação da língua no conto *Rolézim*

Primeiro dos 13 contos do livro **O sol na cabeça**, de Geovanni Martins, *Rolézim* é uma narrativa em primeira pessoa, na qual o personagem-narrador descreve todo um dia ao sair de casa para ir à praia e se encontrar com seus amigos e aproveitar o dia ensolarado. Ao ler o conto, percebe-se que se trata de uma conversa informal entre o narrador e um ouvinte não nomeado, pois é possível evidenciar vocativos – tais como *Mó parada, né não, menó?* e *Mano, os pará peidou na hora, saíram voado, descendo a laje.*, – e expressões que mantêm o ato comunicativo – tais como *Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte* e *Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom* – ao longo de toda a história. Embora seja possível evidenciar apenas uma voz no texto, devemos apreender que o narrador ³ interage com alguém que é de seu convívio, posto que há informações que somente quem faz parte daquela cena enunciativa compreende. Essa assertiva é bastante importante, pois ela fará parte da análise que aqui será feita.

³ A partir desse momento, chamaremos o narrador de falante, dado que o conto se assemelha a uma conversa descontraída e informal.

Nessa perspectiva, como mencionado, alguns trechos do conto serão considerados a partir dos seguintes princípios e categorias centrais da corrente funcionalista: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Isso é feito com a finalidade de descrever e analisar o funcionamento da língua.

A gramaticalização é um processo responsável por diversas alterações (fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas), demonstrando-se relevante para a compreensão do funcionamento variável de certos itens e estruturas da língua⁴. Partindo da ideia de que, devido às necessidades de comunicação dos falantes, a gramática se adapta para satisfazer essas necessidades, “gramaticalização designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Cunha, 2011, p. 173). Para comprovar isso, veremos alguns excertos retirados do conto *Rolézim*.

Por exemplo, o termo *nem*, gramaticalmente, é uma conjunção coordenativa que conecta palavras ou orações em contexto negativo, equivalendo, desse modo, a “e não”. No entanto, nas sentenças (1) e (2), *nem* tem função de advérbio negativo, equivalendo a *não*. Podemos inferir que a escolha por *nem* em vez de *não* se justifica em razão de aquele apresentar um valor mais expressivo do que este. Já em (3) e (4), *nem* torna-se um conector de dois constituintes informacionais e estabelece entre eles um vínculo comparativo, equivalendo a “igual a”.

(1) O pior é que eu *nem* lembro de nada.

(2) O piloto *nem* roncou quando nosso bonde subiu na traseira, [...].

(3) Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir *que nem* criança.

(4) [...] ele começou a fumar com dez anos, *que nem* eu.

A priori, *tipo* tem função de substantivo, com sentido de “modelo”; porém, tal termo pode assumir função de advérbio, com o sentido de “igual a”, quando acompanhado do item *que*, como se observa em (5).

(5) Quando eles tão sozinho, olha pra tu *tipo* que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha *tipo que* como fosse juntar ni tu⁵.

4 Ao longo de todo o conto, há outros casos de gramaticalização que não foram explicitados na análise, como o item que e os advérbios terminados em -mente; todavia, deu-se foco a apenas algumas ocorrências que foram julgadas mais pertinentes para serem abordadas.

5 Neste caso, a conjunção *que* é facultativa e, mesmo que ela seja omitida, o sentido de *tipo* ainda seria o mesmo, isto é, ainda equivaleria a “igual a”.

Outro caso de gramaticalização é o termo *até*, que, a princípio, tem função de preposição, mas pode assumir outras funções, como advérbio de inclusão, com teor de operador argumentativo, como nas sentenças (6) e (7).

- (6) Antigamente vagabundo fumava *até* na folha de caderno, no papel de pão.
- (7) Maluco resposta, me salvou *até* um cigarro!

No caso de *aí*, trata-se, num primeiro momento, de um advérbio dêitico locativo, mas, ao considerar seus usos referenciais o percurso espaço > tempo, ele apresenta função anafórica temporal, o qual codifica, nessa forma, uma informação mais abstrata, como se observa nas sentenças (8), (9) e (10):

- (8) *Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.*
- (9) *Os play ficou de bucha, com o celular na mão, panguando. **Aí** passou mais um menó e levou o celular também.*
- (10) *Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já, **aí** escoltamos os canas dando dura nuns menó.*

Outrossim, os pronomes não estão fora desse fenômeno, haja vista que podemos observar que os pronomes pessoais retos têm apresentado função de pronomes pessoais oblíquos. Isso pode ser evidenciado, nas sentenças (11), (12), (13), (14) e (15), em que os pronomes *ele* (instigar ele), *eles* (roubar eles) e *nós* (escoltando nós/ viu nós/ manda nós) não assumem aquela função, mas sim esta, sendo que, no caso de pronome oblíquo, deveria ser *o* (instigá-lo), *os* (roubá-los) e *nos* (nos escoltando/ nos viu/ nos manda), respectivamente.

- (11) Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar **ele** a dar um belengo pra ficar na atividade.
- (12) [...] como se tu fosse sempre na intenção de roubar **eles**.
- (13) O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando **nós**.
- (14) A merda é que um dos cana viu **nós** também [...].
- (15) [...] o filho da puta manda **nós** encostar também.

No caso do item *hoje*, embora não mude sua função, isto é, advérbio temporal, ele pode assumir um sentido mais amplo. Em outras palavras, no primeiro momento, *hoje* se refere ao momento da fala, estabelecendo uma

relação temporal com *ontem* e *amanhã*; contudo, vê-se que tal termo pode se referir aos dias que correm, isto é, a atualidade. Isso pode ser evidenciado no exemplo (16), em que *hoje* não necessariamente está atrelado ao momento da fala, mas sim a um período mais extenso.

(16) *Hoje* eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda⁶.

Vale citar, também, o caso do verbo *ter*, embora sua gramaticalização seja de conhecimento de muitos. Diferentemente da maioria dos casos que vimos até aqui, *ter* não deixa de assumir sua função de verbo, mas assume outros sentidos. Assim, tal verbo assume função de posse em (17); de verbo auxiliar em (18); e de verbo modal em (19).

(17) [...] outro perrengue: ninguém **tinha** seda!

(18) *Foda é que já **tinha** revirado a casa toda antes de dormir, [...].*

(19) **Tem** mais é que encher esses cu azul de bala.

Todavia, em relação às funções supracitadas, vê-se que o verbo *ter* tem assumido, também, sentido de existência, equivalendo a “existir” e “haver” (na sua forma impessoal). Como veremos nas próximas sentenças, é possível evidenciar que o verbo *ter*, quando possui o sentido de “existir”, age da mesma forma que o verbo “haver”, ou seja, é impessoal e, por isso, não é conjugado.

(20) [...] **tinha** umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele.

(21) O bagulho era que **tinha** uns cana ali parado, escoltando nós.

Outro item que podemos evidenciar no conto e que passou pelo processo de gramaticalização é *então*. Como podemos perceber nos exemplos abaixo, esse elemento tem valor anafórico em (22), posto que ele se refere a dados temporais anteriormente mencionados; enquanto que, em (23), quando acompanhado da conjunção *ou*, ele forma uma locução que expressa um valor alternativo.

⁶ Na verdade, neste caso, pode-se dizer que *hoje* gera ambiguidade, posto que ele pode assumir as duas funções como foi mencionado. Sendo assim, caso o falante não faça uma retificação, o ouvinte poderá interpretar de uma das duas formas.

(22) *A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum.*

(23) *Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.*

De acordo com a Gramática Tradicional, *lá* é considerado advérbio de lugar; porém tal elemento pode assumir outras funções. Por exemplo, *lá* pode fazer alusão dêitica a algo do mundo real, mas que se encontra longe do falante e, sendo assim, está relacionado ao discurso. Desse modo, o elemento *lá* pode se referir ao local mencionado (anáfora), como em (24), ou que será mencionado (catáfora), como em (25) e (26).

(24) *Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado.*

(25) *Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando ronda [...].*

(26) *Cria lá do Maranhão, ele.*

Outra função que *lá* pode assumir é a de modalizador discursivo, quando ligado ao verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei*). Tal ocorrência pode ser observada no final da sentença (23), uma vez que ele funciona como um elemento que possibilita o processamento do discurso, revelando incertezas por parte do falante.

Um outro vocábulo bastante interessante que passa pelo fenômeno da gramaticalização é o elemento popular *mó*. É proveniente da gramaticalização de “maior” ou de sua variante arcaica “mor” e funciona como o advérbio, em construções adjetivais de grau e, dessa maneira, equivale a “muito”, como veremos nos casos abaixo:

(27) *Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela [...].*

(28) *[...] várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer.*

(29) *Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois.*

(30) *Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola.*

(31) *Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue!*

(32) *Mó saudade daquele filho da puta, na moral.*

Ao observar os exemplos acima, pode-se inferir que eles direcionam para várias funções que mó pode assumir, funções essas a que se associam vários significados suscetíveis de explicar o deslocamento de “maior”, exemplificado nas sentenças (30) a (31), e a significação de “muita” em (32).

O item *bem*, a princípio, tem função de advérbio de modo; porém, pode assumir outras funções. No entanto, no conto, foi possível observar apenas uma ocorrência, em que *bem*, acompanhado de *feito*, não se refere a algo que foi feito com capricho/esmero, mas se trata de uma expressão que evidencia um aspecto expressivo no falante e, dessa forma, está relacionado ao discurso.

(33) *Achei foi bem feito pra deixar de ser otário.*

Vale dizer que não só itens lexicais, como os supracitados, mas também construções sintáticas passam pelo processo de gramaticalização, haja vista que tanto aqueles quanto estas,

em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 7).

Nessa perspectiva, segundo Votre e Rocha, citados por Martelotta, Votre e Cezario (1996),

os usuários da língua se valem de um número relativamente pequeno de formas de origem metafórica para exporem suas idéias e sentimentos. Nesse processo, pelo qual uma mesma forma passa a servir a múltiplas funções, os usuários utilizam-se de velhos itens léxicos e de velhas construções já consolidadas na gramática, para darem conta de novos contextos pragmáticos e semânticos. Implementa-se assim um processo de transferência semântica, analógica e unidirecional, pelo qual a cada forma ou construção passam a corresponder múltiplas funções, estreitamente relacionadas entre si. Aceitam, por hipótese, que um dos recursos mais comuns de deslizamento de sentido e de indiretividade é a metáfora, “compreendida e estruturada não meramente em seus próprios termos, mas também nos termos de outros conceitos”, na acepção de Lakoff (1987). (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 9, grifo do autor).

Dessa forma, levando-se em consideração a transferência semântica por meio da metáfora, a seguir, será dado foco somente àquelas provenientes do corpo humano presentes no conto *Rolézim*. Isso se justifica em razão de a metáfora apresentar um amplo campo de atuação e, por isso, serão abordadas somente as metáforas mais produtivas, que seguem a trajetória corpo > mente. Além do mais, outro motivo que legitima esta escolha é o fato de “ser o corpo humano base para todas as nossas atividades, para todos os objetos que utilizamos no cotidiano, enfim, para toda a nossa vida mental e intelectual; pois é a partir dele que o mundo humano se constrói” (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 9).

A seguir, foi elaborado um quadro no qual foram expostos excertos do conto que apresentam construções sintáticas que levam em consideração partes do corpo, bem como o sentido que elas apresentam:

Quadro 1 – Construções sintáticas com parte do corpo

Excerto	Construção sintática e seu sentido
(34) <i>O que salvou a viagem foi ficar marolando, vendo o Vitim e o Teco, os dois tava trincadão, mordendo as orelha.</i>	Morder as orelhas = fazer algo impossível
(35) <i>O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso.</i>	Estar osso = estar/ser difícil, estar/ser ruim, estar/ser tenso.
(36a) <i>Sem contar os camuflado de trabalhador, que ficam só de olho em quem tá de malote, esperando a boa.</i> (36b) <i>Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola.</i>	Ficar de olho = vigiar, tomar conta de algo ou de alguém Bater o olho = olhar, mirar, visualizar
(37a) <i>Os comédia meteu o pé, levando só a canga.</i> (37b) <i>Tava na hora de meter o pé.</i>	Meter o pé = ir embora, partir
(38a) <i>Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado.</i> (38b) <i>Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda.</i> (38c) <i>Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional.</i>	Papo = conselho, ideia
(38d) <i>Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino ela nunca mais olha na minha cara.</i> (38e) <i>Me deu o papo pra ficar na atividade, que os verme tava de maldade naqueles dias.</i> (38f) <i>Os menô era tudo rataria, mas o rasta já tinha dado o papo que a praia tava lombrada.</i>	Mandar o papo = falar algo Dar o papo = falar algo
(38g) <i>Tava tranquilo, a parada tinha sido papo de cobrança e o maluco que passou o boliviano tinha dado até um tempo da praia.</i>	Papo = motivo
(39) <i>Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose.</i>	Sangue ferver = enfurecer-se, ficar impaciente
(40) <i>Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menô.</i>	Dar as costas = virar para trás
(41) <i>Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.</i>	Fazer a cabeça = ficar “doidão”, geralmente de maconha, ou seja, estar sob o efeito de entorpecente
(42) <i>Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu.</i>	Cara de cu = expressão facial descontente ou contrariado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A marcação, por sua vez, é compreendida como a oposição entre dois elementos, sendo um marcado e ou outro não marcado, pelo fato de aquele exibir uma propriedade ausente neste. Nessa lógica, a marcação pode ser analisada no âmbito fonológico, morfológico ou sintático, mas daremos foco aos dois últimos. No caso da morfologia, por exemplo, um caso de marcação pode ser evidenciado no que concerne ao número (singular e plural) das palavras, uma vez que a forma singular é o não marcado, em oposição ao plural, que é marcado, geralmente, por -s.

Desse modo, podemos perceber, ao longo do conto, construções em que apenas o determinante (artigo, pronome, numeral) vai para o plural, enquanto o determinado (substantivo) a que aquele está associado se mantém no singular. Dentre vários casos que ocorrem ao longo do texto, trazemos alguns para exemplificar tal ocorrência: *as infiltração, dois conto, pros amigo, Esses moleque, eles era fechamento, uns olho, umas quatro namorada, e várias novinha*. Como se observa, somente os determinantes apresentam a marcação de plural. Isso ocorre, pois, segundo Cunha (2011, p. 170), as formas não marcadas ocorrem com maior frequência, além de apresentarem contexto de ocorrência mais amplo e forma mais simples ou menor. Sob essa lógica, mesmo não havendo a concordância nominal – o que configura num distanciamento da norma padrão da LP – conseguimos compreender que se trata de *infiltrações, contos, amigos, moleques, fechamentos, olhos, namoradas e novinhas*, respectivamente.

Vale dizer, também, que não só o plural de tais palavras não é marcado, como também não é marcado, em alguns momentos, a relação normativa de concordância verbal – a desinência encontra-se ausente, seja na primeira pessoa do plural (nós), seja na terceira pessoa do plural (eles ou elas) –, como podemos notar nos seguintes exemplos: *Esses moleques gosta muito [...], os dois tava trincadão [...]* e *[...] depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha [...]*.

Além da morfologia, podemos observar a questão da marcação também na sintaxe, posto que a ordenação mais comum (sujeito + verbo + complemento + circunstância) é a forma não marcada, e a ordenação menos comum (topicalização, inversão) é a marcada. A título de exemplificação, na coluna à esquerda do Quadro 2, foram dispostas as sentenças originais do conto; enquanto, na coluna à direita, as sentenças alteradas obedecendo a estrutura canônica:

Quadro 2 – Formas marcadas retiradas do conto

Formas marcadas	Formas não marcadas
(43a) [...] loló ele falou que era pra eu não usar [...].	(43b) [...] ele falou que era pra eu não usar loló [...].
(44a) Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.	(44b) O Mano de Cinco brotou do nada com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.
(45a) Era um maluco maneiro, o rasta. Cria lá do Maranhão, ele.	(45b) O rasta era um maluco maneiro. Ele era cria lá do Maranhão.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso da primeira coluna, as sentenças são consideradas formas marcadas, posto que elas apresentam uma estrutura sintática menos comum, além de expressarem algum tipo de força argumentativa por parte do falante. Isso se justifica pelo fato de que, nas formas marcadas, o falante se mostra mais expressivo, uma vez que é possível inferir uma ideia de atenção/apreço, surpresa e admiração em (43a), (44a) e (45a), respectivamente, em detrimento das sentenças (43b), (44b) e (45b), nas quais há simples afirmações que não apresentam, necessariamente, qualquer argumento desse tipo. Com isso, podemos asseverar que

essa é a importância do conceito de marcação no que diz respeito ao uso da língua: uma forma lingüística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade. (Cunha, 2011, p. 171).

Outro princípio da corrente funcionalista relevante para a discussão e que é percebido no conto é a informatividade, fenômeno que “focaliza o conhecimento que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação verbal” (Cunha, 2011, p. 166). Essa afirmação é relevante para esta análise, pois, como afirmado, apesar de se evidenciar apenas uma voz, o conto projeta uma conversa entre o narrador e seu ouvinte, os quais compartilham certos conhecimentos, como veremos.

Sendo assim, de acordo com Cunha (2011, p. 166, grifo da autora), “a aplicação desse princípio se tem voltado para o exame do status

informativa dos referentes nominais. Desse modo, um sintagma nominal pode ser classificado como dado, novo, disponível e inferível”. Considera-se um referente como dado (ou velho) quando “já tiver ocorrido no texto (referente textualmente dado) ou se estiver disponível na situação de fala (referente situacionalmente dado), como os próprios participantes do discurso: falante e ouvinte” (Cunha, 2011, p. 166). A título de exemplificação, vejamos os fragmentos abaixo:

(46) *A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. **Tava** pancadão na bike, se pá até **indo** de missão comprar mais, quando **caiu** no chão. Já caiu duro. Overdose. **Tinha** a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois!*

(47) *O Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela, **cismou** que era os polícia entocado na laje ali do lado, **preparando** pra dar o bote neles. Mano, os pará peidou na hora, **sáiram** voado, descendo a laje.*

No fragmento (46), o sujeito dos verbos destacados em negrito foi omitido, uma vez que este foi mencionado na primeira sentença, constituindo um caso de referente anteriormente dado: um amigo e, em razão disso, ele não precisou ser repetido nas demais cláusulas. O mesmo pode ser dito em relação ao fragmento (47), no qual o sujeito do verbo cismar, mesmo que omitido, é *O Mano de Cinco*; o sujeito do verbo preparar é *os polícia*; e o sujeito dos verbos sair e descer é *os pará*, haja vista que, em cada caso, ocorre a elipse, uma vez que não comprometeria a informatividade e a progressão textuais.

Outro exemplo de informatividade é com relação ao referente novo, o qual ocorre quando ele é introduzido pela primeira vez no texto, como pode ser evidenciado nas sentenças (48) e (49). Em ambos os casos, os referentes *cana* e *rasta* são introduzidos pela primeira vez e, por isso, são acompanhados pelo artigo indefinido. Depois que o referente é retomado, é marcado com o artigo definido:

(48) *O bagulho era que tinha **uns cana** ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e **os cana** ali.*

(49) *Pior que foi tranquilão pra arrumar a seda, pedi pra **um rasta** que tava vendendo pulseira do reggae. [...]. **O rasta** mandou ficar na atividade se fosse fazer qualquer correria [...].*

O referente disponível, por sua vez, ocorre quando este já está na mente do ouvinte em razão de ser, geralmente, um referente único em determinado contexto. Alguns exemplos de referentes mais amplos que ocorrem no texto são: *vento, ventilador, sol, água, praia, celular, canga*, entre outros.

Já no caso do contexto da conversa, pelo fato de os interlocutores compartilharem diversos conhecimentos, alguns referentes também são disponíveis para o ouvinte. Por exemplo, nas sentenças (50), (51) e (52), os nomes destacados são pessoas que pertencem ao mesmo grupo de convívio do falante e de seu ouvinte e, apesar de ser a primeira vez que são mencionados, o ouvinte não tem dificuldade de saber quem são aquelas pessoas a que o locutor se refere. Já na sentença (53), os referentes em negrito remetem a times de futebol, os quais, são de conhecimento não só do falante, mas também do ouvinte. Na sentença (54), por sua vez, *Padre Severino*, ou melhor, *Instituto Padre Severino*⁷ também é um referente disponível para os interlocutores, em virtude de ser de conhecimento deles:

(50) *Passei na casa do **Vitim**, depois nós ganhou pra caxanga do **Poca Telha**, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.*

(51) *Que nem no dia que tava eu e o **Poca Telha** queimando um na laje da tia. Do nada brotou o **Mano de Cinco** com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.*

(52) *Operação mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do **Jean**.*

(53) *Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do **Madureira**, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida.*

(54) *Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no **Padre Severino** ela nunca mais olha na minha cara.*

O referente inferível pode ser identificado por meio de deduções, levando em consideração informações que foram dadas anteriormente e que possibilitam fazer tal inferência. Em geral, esse tipo de referente é

⁷ Criado em 1954 e extinto em 2012, o Instituto Padre Severino foi um tradicional reformatório público na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Tal instituto era bastante famoso, pois tinha um histórico considerável de rebeliões, fugas e mortes.

acompanhado por um artigo definido. Voltando aos exemplos (50) a (54), notam-se casos de referentes disponíveis para os interlocutores – falante e ouvinte – do conto, pois, como já foi dito, tais entidades fazem parte do conhecimento deles.

Não obstante, exceto a sentença (53) – que também pode ser um referente disponível para nós, leitores, por sabermos se tratar de times de futebol –, nos exemplos (50), (51) e (52), inferimos que os nomes e os apelidos destacados são pessoas do convívio dos interlocutores e, por isso, eles são referentes inferíveis para nós. O mesmo se pode dizer da sentença (54), na qual o referente *Padre Severino* se faz referente inferível para nós pelo fato de o contexto nos induzir a compreendê-lo como uma prisão ou algo semelhante. Para exemplificar mais um caso de referente inferível, vejamos outra sentença do conto:

(55) *O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado.*

Nesse exemplo, temos como referente *na traseira*, o qual não foi mencionado anteriormente e, por isso, não pode ser considerado referente dado. Todavia, como uma traseira pressupõe fazer parte de um meio de transporte e, em razão de ser mencionado anteriormente o *piloto*, isto é, o motorista, o ouvinte não apresenta dificuldades para identificar tal informação.

No que se refere à iconicidade, outra categoria do Funcionalismo, há “contextos comunicativos em que a codificação morfossintática é opaca em termos da função que desempenha. Isso ocorre porque a iconicidade do código lingüístico está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma quanto na função” (Cunha, 2011, p. 167). Partindo dessa concepção, podemos nos ater a três subprincípios, nos quais o princípio de iconicidade se manifesta, a saber: quantidade de informação, grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e ordenação sequencial dos segmentos.

No caso do subprincípio da quantidade,

quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do

conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão (Slobin, 1980): aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo. (Cunha, 2011, p. 168).

Nessa lógica, ao levar em consideração a citação supracitada e ao analisar o conto, fica evidente que, ao longo de toda narrativa, a forma mais simples é predominantemente mais recorrente, posto que são pouquíssimas as formas mais complexas (*infiltração, salvação, traseira, viagem, rabeta, maconheiro, boliviano, alucinação, passagem, desenrolo, trabalhador, pulseira, fumante, flagrante*⁸, cujas formas mais simples são, respectivamente, *filtro, salvar, trás, viajar, rabo, maconha, Bolívia, alucinar, passar, rolo, trabalho, pulso, fumo, flagra*).

Já o subprincípio da integração

prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está próximo mentalmente coloca-se próximo sintaticamente. Esse subprincípio se manifesta, por exemplo, no grau de integração que o verbo da oração principal exibe em relação ao verbo da subordinada. (Cunha, 2011, p. 168-169).

Com base nisso, vejamos os exemplos abaixo:

(56) Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.

(57) Desde que nós chegou que eles tava ostentando.

(58) Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro.

(59) Ele disse que deixava um baseado com nós [...].

(60) [...] quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado.

(61) Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo [...]. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu.

Observados os exemplos acima, podemos evidenciar que, conforme Cunha (2011, p. 169), tais “orações indicam que, quanto menos integrados

⁸ Aqui foram escolhidas somente palavras nominais para comprovar tal ocorrência.

os dois eventos estão, tanto mais provável que um elemento de subordinação ou uma pausa separe a oração subordinada da principal”. Assim, em (56), há dois eventos separados: o ato de achar/pensar algo e o ato de pegar ou vender algo, além de que ambas as cláusulas apresentam sujeitos distintos, ou seja, no primeiro caso, o sujeito é o falante eu e, no segundo, tudo, que se refere aos policiais. O mesmo pode ser dito em relação aos exemplos (57) e (58), nos quais há dois eventos distintos: ato de chegar e ato de estar ostentando, sendo que o sujeito do primeiro é nós, enquanto do segundo é eles em (57); ato de pegar e ato de tomar um coro, sendo vagamundo sujeito do primeiro caso, e eu (sujeito desinencial) do segundo, no exemplo (58).

Na sentença (59), não é possível distinguir dois eventos diferentes, haja vista que ambas as orações apresentam o mesmo sujeito (Ele), o qual foi apagado no segundo caso, situação em que a fusão semântica e sintática é maior. O mesmo pode-se dizer da sentença (60), na qual o pronome eu é sujeito em ambas as cláusulas, sendo omitido na segunda. Já em (61), podemos observar uma diferença, embora os sujeitos das duas cláusulas de cada período sejam os mesmos. No primeiro período, por exemplo, a omissão do sujeito ocorre na segunda cláusula, enquanto, no segundo período, a omissão ocorre na primeira cláusula.

Levando em consideração que aquilo que está mais próximo mentalmente também se coloca mais próximo sintaticamente, é possível notar, como se observa nas cláusulas em (57), (58), (60) e (61), a preferência do falante por iniciar a sentença com oração subordinada adverbial temporal (57, 60 e 61) ou condicional (58), o que ocorre com frequência ao longo de todo o conto. Com isso, podemos inferir que a inversão da ordem das orações, distanciando-se do canônico (oração principal seguida da oração subordinada), além de se relacionar com o subprincípio da integração, também pode ser justificada pelo princípio da marcação, uma vez que a oração subordinada seguida da principal é mais marcada em razão de ser menos frequente.

Nessa lógica, assim como defende Cunha (2011, p. 171), “uma forma lingüística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade”. É por isso que, quando querem ser mais expressivos, os falantes optam por formas marcadas.

Outro subprincípio da iconicidade é da ordenação sequencial, o qual apresenta outros dois subprincípios: o da ordenação linear e o da relação entre ordem sequencial e topicalidade. No caso do primeiro fenômeno, a ordenação das orações tende a refletir a sequência temporal em que os eventos descritos ocorreram, ocorrem ou ocorrerão. Por exemplo, em (62), o falante projeta uma ação que ainda acontecerá e ele o faz seguindo tal ordem, bem como em (63), no qual é descrito um evento que já sucedeu.

(62) Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada.

(63) Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.

O segundo subprincípio ligado à ordenação é o subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalidade. Trata-se de

uma conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da cláusula e a ordenação que ele assume. Um exemplo de como isso ocorrer pode ser visto no fato de que informações velhas, ou já mencionadas, tendem a ocorrer no início da cláusula e informações novas, no final. Vejamos o exemplo que segue:

Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Carlos está sempre comigo nas horas de diversão.

Podemos notar que o referente “Carlos”, quando mencionado pela primeira vez, aparece no final da frase (“meu preferido é Carlos” ao invés de “Carlos é meu preferido”). Entretanto, na cláusula seguinte, “Carlos” é novamente mencionado, constituindo, portanto, informação velha. Nesse caso, ele ocorre no início da cláusula. (Cunha, 2011, p. 170, grifos da autora).

Sendo assim, nota-se que, ao longo do conto, esse tipo de subprincípio só ocorre quando o referente que é retomado está bastante distante, diferentemente do que acontece no exemplo do referente *Carlos*. Isso pode ser justificado em razão de haver preferência pela omissão do referente dado na segunda cláusula, ao invés de repeti-lo, configurando um caso de elipse (que não reduz a informatividade), ou substituir tal

referente por um pronome. A seguir seguem duas sentenças hipotéticas que exemplificam ambos os casos:

(64) *Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Ø Está sempre comigo nas horas de diversão.*

(65) *Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Ele está sempre comigo nas horas de diversão.*

Segundo Cunha (2011, p. 170), “esse subprincípio pode assumir características diferentes quando associado à noção de contrastividade. Esse caso pode ser visto, por exemplo, na tendência de se antepor na cláusula determinados trechos para efeito de contraste”. Para exemplificar, em (66), foi Mano de Cinco que brotou, isto é, apareceu do nada e não outra pessoa, bem como ele apareceu com dois paraíbas, e não com um ou mais de dois, além de serem da Paranaíba, e não de outro lugar.

(66) *Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.*

Por fim, mas não menos importante, podemos tratar sobre a transitividade e o plano discursivo na perspectiva da corrente funcionalista. A transitividade é, de acordo com a Gramática Normativa, uma propriedade de os verbos serem classificados como transitivos ou intransitivos. Já no Funcionalismo, além de levar isso em consideração, associa

a transitividade a uma função pragmática: o modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Nesse sentido, o texto apresenta diferentes planos discursivos, que distinguem as informações centrais das periféricas. (Cunha. 2011, p. 172).

Nessa perspectiva, na escala de transitividade, há duas porções: a figura e o fundo. A figura se refere às orações com alta transitividade, assinalando porções centrais do texto, em que se evidenciam eventos perfectivos, que expressam a sequência de ações que caracteriza a narrativa (Cunha, 2011, p. 172). Já o fundo se refere às orações com baixa

transitividade, as quais marcam as porções periféricas do texto, nas quais se revelam informações que contextualizam as ações de figura, tais como o local e/ou o momento em que elas ocorrem, como elas ocorrem, bem como expressam as causas e as finalidades dessas ações (Cunha, 2011, p. 173). O fundo, frequentemente, é expresso por orações que apresentam verbos estáticos – como “ser” e “estar” – na forma de presente do indicativo ou de pretérito imperfeito (Cunha, 2011, p. 173). Para exemplificar tais conceitos, observemos o seguinte excerto do conto:

Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.

Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada.

Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado. O cana gritou na hora que ia aplicar. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. [...].

Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido!⁹

A seguir, o excerto em questão foi separado em duas colunas, sendo a da direita a figura, e a da esquerda do fundo.

⁹ No conto, há outros excertos que também caberia fazer uma análise no que diz respeito à transitividade, mas foi preferível por apresentar apenas um exemplo, por acreditar ser suficiente para exemplificar tal princípio.

Quadro 3 – Figura e fundo de um excerto do conto Rolézim

Figura	Fundo
<ul style="list-style-type: none"> - escoltamos os canas - um dos cana viu nós - Seguimo em frente - o filho da puta manda nós encostar - veio com um papo - meu sangue ferveu - Pensei, tô fodido - Não pensei duas vez - larguei o chinelo lá mermo - e saí voado - O cana gritou na hora que ia aplicar - Passei mal - Meu corpo todo gelou - Mentalizei Seu Tranca Rua - Virei a cara - Passei batido 	<ul style="list-style-type: none"> - Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já - os canas dando dura nuns menó - dava nem pra voltar e pegar outra rua - tava devendo nada a eles - flagrante tava todo na mente - Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro - quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia - fui correndo com o cu na mão - queria nem olhar pra ver qual ia ser - parecia que tava feito - Era minha vez - Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa - meu corpo todo parecia que tava travado - eu tava todo duro - Geral na rua me olhando - pra ver se ainda tava na mira do verme - ele já tinha dado as costas pra continuar revistando

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 Considerações finais

Como podemos evidenciar com a análise em questão, o conto, por mais que seja escrito, assemelha-se a uma conversa entre um falante que conta, para seu ouvinte, sobre um dia que foi à praia com seus amigos e, por isso, podemos afirmar que a narrativa retrata, de fato, um ato comunicativo. Assim, o conto evidencia o uso real da língua de um grupo específico, a saber de pessoas da periferia, sobretudo do Rio de Janeiro, cidade onde Giovani Martins nasceu e viveu. Dessa forma, podemos perceber, ao longo da análise, como a estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas dos usuários de determinada língua, especialmente da língua portuguesa brasileira, dado que é possível observar seu real funcionamento.

Sob esse viés, para observar o funcionamento da língua, partimos de alguns princípios e categorias da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. A partir de tais conceitos, evidenciamos como eles denotam a função expressiva por parte do falante, o que não é tão evidente em estruturas sintáticas enrijecidas pela Gramática Tradicional, a qual leva em consideração predominante frases inventadas para cumprir determinadas finalidades que não são efetivamente o ato comunicativo. Em outras palavras, os itens e as construções sintáticas evidenciados no conto tendem a ser explicados de modo menos automatizado pelo usuário da língua, o que significa que tais formas têm maior expressividade.

Além do mais, como podemos notar, a língua satisfaz funções que são externas ao sistema linguístico em si, funções essas que influenciam a organização interna do sistema linguístico. Dessa maneira, evidenciamos que a língua trata de dois tipos de sistemas de regras, como defende Cunha (2011, p. 162): (i) as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas – as quais são responsáveis pela composição das estruturas linguísticas – e (ii) as regras pragmáticas, as quais são responsáveis pelos modelos de interação verbal na qual as estruturas linguísticas são usadas.

Cabe dizer também que, conforme a perspectiva do Funcionalismo, a linguagem é como um instrumento de interação social, o que justifica a análise do conto, posto que foi tratado não só acerca da estrutura gramatical, mas também do contexto discursivo, com o fito de explicar a motivação

para determinados fatos da língua que foram evidentes em *Rolézim*. Sendo assim, levando em consideração o texto analisado e as ideias do Funcionalismo, percebe-se que “a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda” (Cunha, 2011, p. 163).

É relevante frisar que nem todas as ocorrências dos princípios e categorias supracitadas presentes na narrativa foram analisadas, seja por não haver a necessidade de trazer todos os casos do conto para comprovar o funcionamento da língua, seja por algum fenômeno ter passado despercebido, devido à opacidade que a língua, muitas vezes, apresenta. Contudo, consideramos que os exemplos retirados do conto são suficientes para satisfazer a exemplificação do grande conjunto de fenômenos linguísticos que estão relacionados à adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua.

Referências

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Josué Maria Maura. Introdução. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Josué Maria Maura (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ - Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

MARTINS, Geovanni. *Rolézim*. In: MARTINS, Geovanni. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 9-16

Estratégias e usos do pronome indefinido *todes* em *tweets*: um diálogo entre a linguística cognitivo-funcional e a teoria *queer*

Tiago Ruas Dieguez*

Resumo

A utilização de pronomes considerados não binários, nas mais diversas línguas, tem sido amplamente debatida, numa polarização em que se enfrentam, de um lado, defensores e ativistas, e de outro, críticos e censores, num debate em que a língua revela sua conexão permanente com os indivíduos, a sociedade e a cultura. Estratégias de neutralização de gênero, como o uso do pronome *todes* em português, voltam-se sobretudo para a desconstrução do modelo heteronormativo que também subjaz à língua, propondo alternativas que desvelam a norma e seus valores, bem como criam caminhos desviantes, transgressores. Neste trabalho, busca-se analisar, através da perspectiva da linguística cognitivo-funcional e com o aporte da teoria *queer*, as ocorrências do pronome pessoal *todes* no português e suas características num *corpus* de 100 *tweets*, utilizando-se como categorias de análise os conceitos de neutralização de gênero e visibilidade de gênero não binário. As análises permitem identificar, na utilização do pronome *todes*, principalmente estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero, em que a forma não binária ocupa a posição tradicionalmente reservada ao pronome masculino considerado genérico. Ainda que em quantitativo menos expressivo, o mesmo pronome também é utilizado como forma de evidenciar identidades de gênero social não binárias, funcionando especialmente em blocos coesos e de modo paralelo às formas *todos* e *todas*.

Palavras-chave: gênero gramatical; identidade de gênero; pronome não binário; neutralização de gênero.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre e Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas/Bolsista CAPES). Participa de projetos de pesquisa junto ao Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação (NELLF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1641-3945>

Strategies and uses in tweets of the Brazilian Portuguese indefinite pronoun *todes*: a dialog between cognitive-functional linguistics and queer theory

Abstract

The use of pronouns considered non-binary in the most diverse languages has been widely debated, in a polarization in which defenders and activists, on one hand, and critics and censors, on the other, face off in a debate where language reveals its permanent connection with individuals, society and culture. Gender neutralization strategies, such as the use of the pronoun *todes* in Portuguese, are mainly aimed at deconstructing the heteronormative model that also underlies language, proposing alternatives that unveil the norm and its values, as well as creating deviant, transgressive paths. The aim of this paper is to analyse, from the perspective of cognitive-functional linguistics and with the support of queer theory, the occurrences of the personal pronoun *todes* in Portuguese and its characteristics in a *corpus* of 100 tweets, using the concepts of gender neutralization and non-binary gender visibility as categories of analysis. The analysis allows us to identify in the use of the pronoun *todes* mainly strategies of de-gendering or gender neutralization, in which the non-binary form occupies the position traditionally reserved for the masculine pronoun considered generic. Although in less expressive numbers, the same pronoun is also used as a way of highlighting non-binary social gender identities, functioning especially in cohesive blocks and in parallel to the forms *todos* and *todas*.

Keywords: grammatical gender; gender identity; non-binary pronoun; gender neutralization.

Introdução

O debate sobre o uso de pronomes ou de marcas linguísticas que ultrapassam o espectro do masculino e do feminino, abrigando expressões de pessoas que se consideram não binárias, tem sido objeto de uma ampla polêmica em todo o mundo. Nos meios de comunicação e nas redes sociais, construiu-se um debate que polariza, de um lado, os defensores e ativistas pelo uso de formas linguísticas não binárias, e, de outro, pessoas que se colocam contra a modificação do sistema linguístico tradicional. Representantes desse último polo costumam receber amplo destaque também em iniciativas políticas que visam a controlar ou proibir o uso de pronomes não binários, por exemplo, em textos oficiais ou em estabelecimentos de ensino.

Se podemos apontar uma crescente conscientização sobre os mecanismos linguísticos associados ao gênero social e, portanto, aos conflitos sociais baseados no gênero, também se vê uma mobilização social e política ferrenha que questiona o surgimento de palavras ou marcas linguísticas não binárias, uma reação que visa até mesmo a impedir a utilização de estruturas linguísticas que ultrapassam as ideias do masculino e do feminino.

Dentro desse debate intenso, em que a língua se revela palco de disputas sociais, construções baseadas na binaridade de gênero passam a ser reformuladas em situações concretas de uso pelos falantes, ainda que as novas formas sejam mais frequentes na fala e especialmente na escrita de coletivos específicos ou de grupos considerados minoritários. Um exemplo de nova construção é o pronome *elu*, na língua portuguesa; na língua inglesa, de forma distinta, pode-se perceber certo rearranjo nos usos de construções linguísticas já existentes, como a utilização do pronome *they*, normalmente plural, para se referir também à 3ª pessoa do singular.

Junto à conscientização sobre tais estruturas e sobre as relações de poder que as subjazem — sem se esquecer do papel que também elas apresentam na manutenção do poder nas relações sociais — vem-se promovendo a utilização cada vez mais intensa de expressões, palavras e morfemas desinenciais que traduzem estratégias de neutralização de gênero (Carvalho, 2020, 2021), como estratégias de visibilidade de identidades de

gênero social consideradas minoritárias. Como sintetiza Cavalcante (2022, p. 74), referindo-se ao uso do gênero neutro em português brasileiro, as estratégias de reformulação de gênero apresentam o propósito “ou de marcar indivíduos que não se identificam com masculino e feminino, os não binários, ou para neutralizar os indivíduos”.

Estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero gramatical voltam-se para a desconstrução da função tradicional do pronome plural masculino como genérico, ao mesmo tempo que instituem formas linguísticas *a priori* não relacionadas exclusivamente a uma identidade de gênero social específica. É o caso, no português, do pronome indefinido *todes* ou do pronome pessoal *elu*.

O surgimento de distintas formas de neutralização de gênero nas línguas não deixou de encontrar críticas severas e contramovimentos, como ocorreu no Brasil com a tentativa de votação de um projeto de lei, em 2020, que visaria a proibir a utilização, pelas instituições de ensino e bancas examinadoras de concursos públicos, de “novas formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas”. (Brasil, 2020, n. p.).

Iniciativas semelhantes ocorrem em todo o mundo. Em Buenos Aires, por exemplo, foi decretada, pela Secretaria de Educação municipal, a proibição do uso de palavras de gênero neutro por professores durante as aulas e nas comunicações com os responsáveis pelas crianças (Lankes, 2022). Na França, em 2017, a Academie française realizou uma “advertência solene”, emitindo uma “chamada de alarme” na posição de “garante do futuro” da norma linguística, em que se posicionava fortemente contra a “multiplicação de marcas ortográficas e sintáticas” caracterizadas como “aberração” (Déclaration, 2017, tradução nossa, n. p.). Para a associação que se identifica como “guardiã da norma” e codificadora de suas mudanças, a criação de estratégias de desgenerificação representa um “perigo de morte” para a língua francesa, promovendo “uma língua desunida, desigual em sua expressão, criando uma confusão que beira a ilegitimidade”. (Déclaration, 2017, tradução nossa, n. p.).

A temática da neutralização de gênero também vem sendo debatida e estudada no campo da educação e no campo da pesquisa científica. No campo da linguística, podemos citar o papel da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), que, em 2020, promoveu o simpósio “Língua,

gramática, gênero e inclusão”, integrado ao evento “Abralín Ao Vivo”¹, em que se aprofundaram questões relativas à inter-relação entre gênero gramatical e gêneros sociais. No campo editorial, podemos destacar a obra *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate* (Barbosa Filho, Othero, 2022), publicada pela Editora Parábola, em que diversos autores apresentam análises voltadas às questões linguísticas, discursivas, políticas e educacionais sobre estratégias de inclusão linguística baseadas nas identidades de gênero sociais. A mesma editora, já há mais de uma década, publicou uma coletânea de textos estrangeiros escritos a partir da década de 1970 e considerados clássicos na área. Trata-se da obra “Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos” (Ostermann, Fontana, 2010).

Enfim, na pauta do debate social, em investigações acadêmicas e na atuação política de distintos coletivos, assume-se que as línguas não são um instrumento ou uma codificação neutra ou pura; ao contrário, trata-se de um sistema simbólico perpassado pelas relações sociais, em que as relações de poder se inserem, participando ativamente da criação das estruturas linguísticas. Essas, por sua vez, passam a construir as interações sociais através da linguagem, funcionando também como fatores de manutenção e exercício de poder na sociedade. Analisar tais fenômenos linguísticos e sociais demanda, portanto, uma visão da linguagem como atividade complexa, calcada em seu aspecto cognitivo, porém especialmente em sua dimensão sociocultural, ou seja, a linguagem e a língua como fatores predominantes na construção de relações sociais em que identidades e instituições são manejadas, negociadas e reconstruídas.

Nesse sentido, busca-se neste estudo integrar uma visão oriunda da linguística cognitivo-funcional, cuja focalização recai sobre os usos linguísticos concretos, e não sobre o sistema linguístico em sua abstração, em diálogo com a teoria *queer*, um campo vasto e transdisciplinar que enxerga, na linguagem e no uso da língua, a noção de identidades e de projetos performativos. A partir dessas premissas, observaremos, numa amostragem de um *corpus* de *tweets*, como o pronome *todes* é utilizado, de formas distintas e com estratégias diversas, por falantes do português.

1 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AdQFP3ssAYt. Acesso em: 16 jul. 2022.

A questão da língua num viés cognitivo-funcional e transdisciplinar

Nos estudos linguísticos tradicionais, sob uma visão formalista-estruturalista, a questão da representação da realidade na língua era regida por uma ótica binária, que remonta à filosofia grega: a relação entre os objetos linguísticos e seus referentes ou seria arbitrária, considerando-se não haver correspondência direta entre a forma linguística e o mundo, na visão de alguns estudiosos, ou, na visão de outros, seria uma relação motivada, ou seja, a forma linguística assumiria uma relação de transparência com o referente do mundo (Carvalho, 2021).

Embora os estudos estruturalistas baseados em Saussure (2012), no início do século XX, tenham elevado o argumento da arbitrariedade das formas linguísticas ao patamar de estatuto geral das línguas, diminuindo o prestígio do argumento que defende a motivação das formas da língua, visões mais recentes na linguística colocam em xeque a sistematicidade criada pela abordagem estruturalista tradicional. No âmbito da linguística funcional, por exemplo, adota-se o princípio da iconicidade como premissa, o que pressupõe considerar a existência de uma relação entre os referentes do mundo e sua representação linguística, ou seja, uma motivação para a linguagem que se orienta no sentido do mundo em direção ao sistema linguístico (Neves, 2018).

Também de forma distinta do viés estruturalista tradicional, a chamada Gramática das Construções, desenvolvida no bojo da linguística cognitiva, parte da premissa de que as expressões da língua formam unidades simbólicas cujo sustentáculo é a correspondência entre forma e significado (Ferrari, 2011). Nesse sentido, pode-se pensar que as formas que participam de um dado sistema linguístico mantêm sempre relações com os referentes da realidade — além de provirem elas próprias dos usos praticados nas sociedades —, lógica que não escapa à organização dos gêneros gramaticais nas diversas línguas, cuja motivação encontra respaldo na realidade social.

A linguagem, nessa perspectiva, é vista, portanto, como habilidade cognitiva dos indivíduos e como um processo de interação social, na qual participam as estruturas linguísticas compartilhadas socialmente.

O objeto do funcionalismo na linguística ultrapassa, então, a estrutura, buscando a motivação para os fatos da língua na situação de interação e de comunicação, ao mesmo tempo em que investiga eventuais influências da estrutura sobre os próprios usos sociais da língua. Quando interpretada com a lente da linguística cognitivo-funcional, portanto, a utilização de novos pronomes ou de morfemas desinenciais não binários pode nos revelar fenômenos linguísticos, cognitivos e sociais para além de uma análise focada exclusivamente no sistema e em suas formas.

Além das visões acima, advindas do campo linguístico, há estudos transdisciplinares que, ao reconhecerem a relação interdependente entre linguagem e sociedade, propõem um viés em que a questão linguística é ainda mais atravessada pelas identidades sociais e pelas relações de poder, percebendo-se o uso linguístico não como matéria-prima da construção de um sistema formal, mas como prática social multifacetada, híbrida, tensa. Ou seja, a língua é tratada como um *locus* social em constante adaptação com as representações culturais, os hábitos e as identidades culturalmente negociados. Um dos exemplos dessa abordagem são as perspectivas *queer* aplicadas à linguística, cujo foco central são as discussões sobre construções, reconstruções e subversões da heteronormatividade através da linguagem (Lewis, 2020)².

Uma visada dessa natureza propõe superar certa “prisão” epistemológica, sobretudo quando consideramos os estudos de gênero e os estudos decoloniais, conscientes do fato de que a gramatologia e a própria linguística encontram-se vinculadas a um saber ocidental, de origem greco-romana, sexista e patriarcal. Além disso, a transdisciplinaridade, com o aporte dos estudos culturais, de gênero, *queer* e decoloniais, por exemplo, pode evitar que, mesmo num paradigma funcional, seja supervalorizada a dimensão do sistema linguístico, uma vez que o funcionalismo enxerga, de certo modo, os usos sociais através de lentes epistêmicas da linguística, cuja preocupação principal recai, inevitavelmente, sobre a língua e suas estruturas³.

2 Para uma abordagem sobre perspectivas *queer* na linguística, ver Borba (2015, 2020). Trata-se de uma perspectiva em que há claro enfrentamento ao local de conforto epistêmico e institucional criado pelos campos disciplinares e por instituições tradicionalmente detentoras da produção e da circulação de saberes, como as universidades. De acordo com o autor, “a LQ [linguística *queer*] desafia o campo dos estudos da linguagem a sair dos gabinetes empoeirados e partir para os locais onde o encontro com as diferenças se dá e, com isso, não temer fenômenos e indivíduos que extrapolam, em suas práticas cotidianas, dicotomias produzidas no conforto da teoria.” (Borba, 2020, p. 405).

3 Cabe mencionar o fato de que não há propriamente uma linguística coesa e coerente em objetos e práticas, mas muitas linguísticas, com vieses e métodos particulares. Por exemplo, a linguística aplicada é um ramo da linguística que normalmente se volta para outros campos e abriga epistemologias diversas e mesmo dissidentes.

Da coleta do *corpus*

Neste estudo, busco analisar, a partir especialmente dos paradigmas da linguística cognitivo-funcional e da teoria *queer*, os usos da expressão *todes* no Twitter, observando seus contornos pragmático-enunciativos e sua relação com as estruturas morfossintáticas da língua.

De início, realizou-se, por meio do programa MAXQDA, uma coleta de todas as postagens em português no Twitter, entre 11 e 16 de julho de 2022, que contivessem a expressão *todes*. De acordo com os resultados obtidos na coleta, foram postados, nesse período de 6 dias, 3.395 *tweets* contendo a expressão *todes*, numa média de 566 *tweets* por dia. Para a realização deste estudo, foram destacadas 100 mensagens publicadas nos dias 15 e 16 de julho de 2022, reunidas segundo sua ordem de publicação.

Trabalhou-se com a hipótese de que as manifestações no Twitter, rede em que se utiliza prioritariamente um registro escrito informal, poderiam revelar usos variados do pronome *todes*. Além disso, foram utilizados, como categorias para a análise, os conceitos de estratégias de neutralização de gênero e o de visibilidade de gênero não binário (Carvalho, 2020, 2021; Cavalcante, 2022).

Dos *tweets* analisados

Em 8 dos 100 *tweets* reunidos para análise, é possível encontrar a palavra *todes* acompanhada das palavras *todos* e *todas*, formando ou não um bloco funcionalmente coeso. Em algumas mensagens, por exemplo, percebe-se a utilização de uma sequência coesa em que o pronome *todes* surge ao fim do bloco, havendo apenas alguma variação na ordem das palavras *todos* e *todas* no início da estrutura. A seguir, apresento alguns exemplos retirados do *corpus*, com grifos meus:

- **TODOS TODAS TODES**. sou muito abençoado pela beleza de vocês.
- Bom dia a **todos**, a **todas** e a **todes** também para agradecer geral!
- Booomdiiiiiaaaaa, Família! Um sabadou bem goxxxtosa a **todos**, **todos** e **todes**!

Nesses exemplos, é possível perceber que a palavra *todes* funciona como estratégia de visibilidade da identidade de gênero social não binária, paralelamente a uma estratégia de neutralização do caráter genérico do pronome *todos*, que passa a não exercer a função de referência ampla dos indivíduos. No terceiro *tweet*, a questão da ordem dos pronomes evidencia, aliás, nuances pragmáticas interessantes, especialmente no caso do uso do pronome *todas* à frente dos demais.

No *tweet* a seguir, é possível identificar utilização distinta, em que o pronome *todes* aparece à frente do bloco, secundado por marcas gráficas e apenas pelas desinências *-a* e *-o*.

- Mozoeshj estarei no comebacksim! Espero ver **todes/a/o** vcs meus amor

Além disso, há exemplos de usos em que a palavra *todes* surge ao lado da palavra *todos* e da forma *todxs*, apresentando funções distintas:

- [...] Ele cospe na cara de **todos** a até dos **todes**. Mais ainda na cara dos seguidores, acéfálos.

- as pessoas no grupo c0mun1 são assim

- box noitx x **todes** e **todxs**

No primeiro exemplo, vemos a utilização da palavra *todes* como um definidor de um coletivo, em oposição ao grupo referenciado pelo pronome indefinido *todos*. Trata-se de item nomeador, funcionando menos como pronome indefinido e mais propriamente como item lexical de natureza substantiva. Reforça essa conclusão o fato de o autor do *tweet* utilizar o determinante genérico masculino os antes da palavra *todes*. Por outro lado, o segundo exemplo apresenta, em relato reportado, as expressões *todes* e *todxs* lado a lado, implicando tanto uma estratégia de desgenerificação ou neutralização, quanto uma estratégia de visibilidade de identidades sociais não binárias.

Finalmente, a maioria ampla dos *tweets* (92 de 100) revela o uso da palavra *todes* de forma autônoma, independente das estruturas e dos paralelismos detectados nos exemplos apresentados. Em boa parte das mensagens, *todes* assume a função de pronome genérico, como nos exemplos subsequentes:

- Bom dia a **todes**
- Energia fantástica ontem, galera!! Obrigada a **todes** que curtiram o show da Mestre Madruguinha no arraiá do [...] Parabéns à organização, festa linda demais!!
- Bom diaaaaa, bom final de semana para **todes** vocês! Hoje vou passar o dia faxinando a casa ksksksk
- juro minha dm com a lara se resume a falar mal de tudo e **todes**.

Em especial, podemos ressaltar a mensagem a seguir, em que a palavra *todes* é utilizada em movimento de anáfora para retomar um sintagma nominal anterior marcado pelo gênero gramatical masculino:

- Eu amo que depois que eu terminei metade dos amigos e conhecidos do meu ex ficam dando em cima! Pegarei **todes** assim que voltar em SP.

Em alguns dos *tweets*, é possível perceber, ainda, estratégias gráficas de destaque, especialmente a caixa alta em toda a palavra ou apenas na desinência *-e*:

- bom dia a **TODES!**

[...] Mas acho q está mal. Tendenciosa e homofóbica...avião???? Tem de ser **toDEs**.. avioa assim já era aceitável..

Finalizando a análise, observamos, no exemplo a seguir, o uso da palavra *todes* revela, em tom sarcástico, uma estratégia de desgenerificação:

- [...] Os advoguides dos artistas esquerdistis ficam todes doides, amigos. kkkkkk

Possíveis conclusões

Ao se adotar uma visão funcionalista na linguística, reconhecemos que a linguagem, sendo tanto uma habilidade cognitiva, quanto uma prática social interativa, acaba por refletir “processos gerais de pensamento que os indivíduos”, em interação, “elaboram ao criarem significados”. (Cunha, 2011, p. 158). A língua, portanto, não se coloca como um conhecimento

autônomo e estanque em relação aos indivíduos que dela se utilizam na interação pela linguagem.

Como os diversos usos da expressão *todes* no Twitter podem nos demonstrar, e ao contrário de algumas previsões de que o sistema ofereceria barreiras para a neutralização de gênero através de morfemas desinenciais, é certo que há um contingente razoável de usos variados dessa expressão pelos falantes da língua portuguesa.

Ao recorrermos à teoria dos gêneros e à teoria *queer*, podemos ler tais expressões como marcas de projeção e visibilidade de identidades não abrigadas pelos gêneros gramaticais tradicionais, bem como estratégias de desgenerificação que visam a desestabilizar o funcionamento tradicional dos gêneros gramaticais masculino e feminino, possibilitando que um pronome não binário ocupe o lugar do pronome masculino normalmente considerado genérico.

O aporte da teoria *queer*, nesse ponto, pode nos fazer deslocar o interesse extremado sobre o sistema linguístico, seu funcionamento e suas possibilidades de assimilação de novas estruturas, jogando luzes sobre o fato de que as estratégias de neutralização e de visibilização de gênero não são exatamente esforços renitentes de indivíduos para se adequar à norma, mas sobretudo estratégias de questionamento e de oposição aos alicerces do próprio sistema linguístico e de suas normas sociais subjacentes.

Há de se reafirmar, aqui, a existência de construções gramaticais funcionais, elaboradas e utilizadas concretamente por falantes da comunidade linguística do português brasileiro, em que se identifica o pareamento da forma linguística e de seu significado. Há relação, portanto, entre as formas utilizadas e funções específicas relativamente ao mundo que se busca referenciar.

Como vimos na análise de *tweets*, há exemplos de usos em que o pronome *todes* assume uma função especial de neutralização do gênero, numa estratégia em que o falante inclui, na referência, indivíduos sem qualquer tipo de marcação sobre seus gêneros sociais. Essa primeira função é reforçada por casos em que também há, no enunciado, a utilização do pronome *todes* com função anafórica, sendo expressão capaz mesmo de retomar elementos especificamente marcados pelo gênero gramatical masculino. Paralelamente, é possível identificar estratégias em que o pronome aparece como índice de identidades de gênero social não binárias.

Tais usos linguísticos permitem-nos concluir que a língua desempenha funções não limitadas ao sistema, abrangendo funções externas e atendendo aos propósitos comunicativos e interacionais dos interlocutores (Cunha, 2011). Esses usos certamente influenciam aquilo que se intitula “sistema linguístico”, na medida em que as construções gramaticais são, elas próprias, unidades linguísticas acessíveis à cognição e ao uso dos falantes.

Importante comprovação da existência de construções gramaticais acessíveis à generalidade dos falantes — baseadas em morfemas desinenciais (-e), itens lexicais (*todes*) e expressões com paralelismo (*todos, todas e todes*) — é a sua retomada por falantes que não as assumem no plano enunciativo, porém as utilizam no plano linguístico, inclusive operando novos significados através de construções outras, como no caso da substantivação do pronome (os *todes*).

A partir da análise dos dados levantados na coleta do *corpus*, deveríamos então nos questionar: quando se levantam hipóteses sobre a inviabilidade de criação de estratégias de neutralização de gênero, qual seria exatamente o “sistema linguístico” a oferecer barreiras à expressão e à interação dos indivíduos pela linguagem? No caso do uso do pronome *todes*, observamos que os falantes se apropriam dos recursos existentes no sistema linguístico, sejam itens pré-existentes, sejam morfemas desinenciais, realizando construções gramaticais em que há, nitidamente, um pareamento com o significado pretendido.

Possivelmente, no caso dos críticos aos usos linguísticos de estratégias de neutralização do gênero — aqui simbolizados pelos clamores e gritos de alarme da *Academie française* —, ou no caso daqueles que veem uma impossibilidade sistêmica para a concretização dos usos linguísticos, a barreira que se opõe seja menos linguística e mais social, uma barreira invisível, mas em nome da qual se protege a própria heteronormatividade que perpassa a sociedade ocidental como valor fundante e orientador.

A defesa contundente da norma e do sistema gramatical contra os usos criados pelos próprios falantes da língua revela, portanto, muito mais que um fato linguístico, mas os mecanismos sociais de uma estratégia de manutenção da episteme hegemônica heteronormativa, sobre a qual se constroem saberes e relações de poder.

Referências

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.

BORBA, Rodrigo. FalantxsTransviadx: Linguística Queer e performatividades monstruosas. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 388-409, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Entrelinhas*, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 5198/20, de 18 de novembro de 2020*. Veda expressamente a instituições de ensino e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos a utilização, em currículos escolares e editais, de novas formas de flexão de gênero [...]. Brasília: Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2265327>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CARVALHO, Danniell da Silva. As genitálias da gramática. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1693>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CARVALHO, Danniell. Sobre a domesticação do gênero gramatical. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [s. l.], v. 60, n. 1, p. 248-267, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661465>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível da consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 73-93.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 157-176.

DÉCLARATION de l'Académie française sur l'écriture dite "inclusive". *Académie française*, 2017. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LANKES, Ana. Buenos Aires proíbe linguagem de gênero neutro em escolas e abre batalha com ativistas. *Folha de São Paulo*, [s. l.], 22 jul. 2022. Caderno The New York Times, América Latina, LGBTQIA+. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2022.

LEWIS, Elizabeth Sara. Por uma Linguística Cu(-ir). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 327-349, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35174>. Acesso em: 19 jul. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: Interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. Tradução de Ana Cristina Ostermann; Beatriz Fontana. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VICENTE, Emerson. Professora e linguista com 70 anos no serviço público vê equívoco em termo 'linguagem neutra'. *Folha de São Paulo*, 31 mar. 2022. Caderno Vida Pública, Universidade. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/professora-e-linguista-com-70-anos-no-servico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2022.

A revisão textual em tempos de ChatGPT

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros*
Sara Izabela Alves Pereira**

Resumo

Este artigo tem como objetivo expor os resultados da pesquisa que avaliou a capacidade do ChatGPT em revisar textos, não apenas em identificar e corrigir erros gramaticais, mas de perceber aspectos mais amplos referentes à esfera discursiva a que se integravam os exemplares em foco. Foi utilizada uma pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa, segundo concebe Gil (2017). Propusemos ao algoritmo três textos autênticos com desvios de naturezas diversas, gramaticais e discursivas, para que fossem: revisados, corrigidos, aprimorados e avaliados, separadamente. E assim, com base em uma abordagem interacionista e sociodiscursiva (Volóchinov, 2017; Sobral, Barbosa, 2019; Rodrigues, 2015; Salgado, 2013), avaliamos a capacidade do ChatGPT em trabalhar com esses textos. Os resultados indicaram que ele apresentou habilidades notáveis na intervenção e aprimoramento de textos, na esfera da superfície gramatical, porém também incorre em erros. Isso evidencia que a revisão textual não dispensa o olhar humano, especialmente ao lidar com questões mais complexas, de natureza discursiva. Conclui-se que o ChatGPT pode ser uma ferramenta útil para aprimorar a revisão textual, mas sua atuação não é capaz de considerar o estilo e a intenção do autor, bem como a natureza do discurso em questão.

Palavras-chave: revisão textual; chatGPT; inteligência artificial.

* Pós-doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente do PPG e do Departamento de Letras da PUC Minas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8094-2329>.

** Graduanda em Letras – Português pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista Iniciação Científica FIP PUC Minas. Bolsista do Pibid PUC Minas. Orcid - <https://orcid.org/0009-0009-2100-5429>.

Textual reviewing in ChatGPT times

Abstract

This article aims to present the results of the research that evaluated ChatGPT's ability to revise texts, not only to identify and correct grammatical errors, but to perceive broader aspects relating to the discursive sphere to which the texts in focus were integrated. It was used an exploratory, bibliographic, and qualitative research as conceived by Gil (2017). We proposed to the algorithm three authentic texts containing deviations of different natures, grammatical and discursive, to be reviewed, corrected, enhanced, and evaluated, separately. Thus, based on an interactionist and socio-discursive approach (Volóchinov, 2017; Sobral, Barbosa, 2019; Rodrigues, 2015; Salgado, 2013), we assessed ChatGPT's capacity to work with these texts. The results indicated that it demonstrated notable abilities in intervening and improving texts, in the sphere of the grammatical surface, but it also made mistakes. This shows us that textual review does not dispense human oversight, especially when dealing with more complex issues of a discursive nature. It is concluded that ChatGPT can be a useful tool to improve textual review, but its performance is not capable of considering the author's style and intention, as well as the nature of the speech in question.

Keywords: textual reviewing; chatGPT; artificial intelligence.

1 Introdução

O processo de revisão desempenha um papel fundamental na garantia da qualidade de um texto. Tanto no caso da autocorreção, quanto na revisão por terceiros – respectivamente, “revisão em ação” ou “revisão profissional estrita”, para Sobral e Barbosa (2019) –, um texto, até ser entregue a seu público leitor, demanda uma série de etapas de aprimoramento.

Para os autores mencionados, revisamos discursos (materializados em textos, certamente), razão pela qual há uma imbricação de sujeitos neste processo (co)laborativo:

Revisar um texto vai necessariamente além de todos os componentes da textualidade, que são o recurso da realização de um discurso, e os incorpora. Revisa-se, assim, não um texto que constitua um todo em si, em imanência, mas sim o discurso de um dado autor, sua enunciação específica em um dado texto, sendo obrigatório para isso considerar as formas “relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2011, p. 262) que são os gêneros do discurso – porque todo texto é parte de algum gênero (Sobral; Barbosa, 2019, p. 21).

Trata-se de uma tarefa que apresenta uma série de desafios (seja para o próprio autor, seja para o revisor – e aqui trataremos do trabalho deste profissional), uma vez que requer uma leitura crítica, a fim de identificar problemas não percebidos – seja da configuração (do gênero, por exemplo), seja do conteúdo (informações truncadas, ausentes e com impactos na legibilidade, etc.).

Para Salgado (2013), o revisor não é, jamais, coautor do texto – pelo contrário, não se pode perceber sua presença na versão final –, mas sempre se pode considerar como um “duplo autoral” (trataremos disso mais à frente). Espera-se o labor criativo do autor, a atenta (e privilegiada) leitura do revisor, já que tem acesso ao texto antes de outros leitores, para assegurar a originalidade possível (considerando que todo texto traz uma série de discursos e vozes precedentes) desse novo arranjo textual. Contudo, com os avanços tecnológicos na área da Inteligência Artificial, especialmente a criação do ChatGPT, que oferece amplo uso na cadeia da produção textual,

de forma gratuita, surge a possibilidade de obter revisões de texto em questão de segundos, sendo necessários apenas comandos simples.

Estaria o revisor – o humano – novamente na iminência da substituição pela máquina? Sempre que surgem novas tecnologias, volta a apreensão no que se refere ao espaço que será ocupado por elas na vida cotidiana. Entendemos que, como em momentos anteriores (o livro impresso não desapareceu, ainda que *e-books* e obras em tablets e *kindle* parecessem anunciar este ocaso), isso não acontecerá. Para não ficarmos apenas na impressão sobre essa questão, justifica-se a investigação que aqui será apresentada. Nossa pergunta orientadora é: a máquina (no caso, o *ChatGPT*) substitui com perfeição o trabalho humano de revisão textual?

Assim, este estudo se dedica à confrontação entre a realização do trabalho de revisão – humano e por meio de IA –, a partir da experimentação, por meio de comandos simples, para a efetivação da revisão em textos autênticos de três diferentes gêneros discursivos. Feita a intervenção pelo algoritmo, passamos à análise dos textos gerados pelo *ChatGPT*, com o propósito de compreender até que ponto essa ferramenta é capaz de fazer uma boa revisão textual e se atualmente, dada a sua ampla disponibilização, poder-se-ia chegar a dispensar a atuação de um revisor humano.

Este artigo se organiza da seguinte forma: feita a introdução, na próxima seção apresentaremos nossa concepção, referente à natureza linguística – discursiva e dialógica – do trabalho de produção e de revisão textual; em seguida, a metodologia utilizada para a pesquisa¹ desenvolvida nesse trabalho, acompanhada por uma breve exposição sobre a origem da inteligência artificial e do *ChatGPT*; continuando, faremos a apresentação e análise dos textos e, em seguida, apresentaremos nossas considerações finais.

2 Revisão de texto: uma tarefa linguístico-discursiva e dialógica

A revisão textual é uma tarefa que se enquadra no domínio linguístico-discursivo e dialógico devido à sua natureza intrínseca de interação por meio da língua(gem) na forma escrita, pois como ressalta Volóchinov (2017),

¹ Este trabalho se constituiu como prática investigativa de disciplina da formação do bacharelado em Letras, Revisão de Textos: Estratégias e Fontes de Consultas.

[...] um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc.) (Volóchinov, 2017, p. 219).

Em outras palavras, expresso oralmente ou por meio da escrita, o discurso é inerentemente dialógico; na escrita, pode se apresentar o dialogismo de forma mais clara (com as citações diretas por exemplo, devidamente referenciadas) ou por meio de glosas ou outras formas de inserção de vozes de formas bem sutis – a essas possibilidades, Authier-Revuz (2004), tratando da heterogeneidade constitutiva da linguagem humana, nomeia como “heterogeneidade mostrada marcada”, no primeiro caso, e como “heterogeneidade mostrada não marcada”, no segundo.

Na construção do texto, em que materializamos nossos discursos, a progressão textual se realiza pela retomada de elementos previamente discutidos, tanto pelo próprio autor, quanto por outros, ao mesmo tempo em que se projeta um horizonte discursivo em relação ao(s) destinatário(s) – seus pares, aqueles que têm os mesmos interesses, o público –, mesmo que este não seja um “interlocutor real”, específico. De acordo com Volóchinov (2017), durante esse processo, idealiza-se um “representante médio” do grupo social ao qual se destina a comunicação. Essa avaliação do destinatário é feita com o propósito de se comunicar de maneira mais efetiva, visando ser compreendido por meio de uma construção discursiva passível de ser apreendida pela média das pessoas a que se deseja falar.

Assim, na revisão textual, o profissional precisa considerar aspectos dessa natureza dialógica, o que implica saber que sua ação sobre o texto vai além da simples correção gramatical: envolve uma análise cuidadosa do discurso, da organização textual e da clareza comunicativa. Como propõe Rodrigues (2015),

[...] o revisor, mais do que conceber a língua escrita do ponto de vista da norma, pode vincular a dimensão propriamente linguística à dimensão textual-pragmática-discursiva. Tal proposta envolve, do ponto de vista linguístico,

focalizar tanto questões relativas à ortografia e à pontuação quanto as vinculadas às escolhas lexicais e à estruturação sintática. No que se refere à dimensão textual pragmática-discursiva, essa formação prioriza, fundamentalmente, as estratégias do dizer em relação às condições de produção do discurso (Rodrigues, 2015, p. 358).

Nessa perspectiva, o revisor pode ser considerado um duplo autoral, segundo Salgado (2013), pois em seu trabalho de leitura, ele conjuga a função de um leitor privilegiado – porque tem acesso ao original antes dos demais –, mas responsável pela aceitabilidade futura desse exemplar; além disso, é também um especialista, que tem como objetivo fazer “[...] anotações pontuais como quem deixa rastros a ser seguidos” (Salgado, 2013, p. 260). Para ela, o revisor “produz um descentramento do texto-primeiro que permite ao autor ser um outro desse outro de si” (Salgado, 2013, p. 260), e dessa forma, pode encontrar melhores caminhos para construção do próprio texto.

Endossando a visão de Salgado, Muniz Jr. (2009) acrescenta que

mesmo que não revele traços de singularidade ou de autoria, ele [o revisor] toma parte numa prática languageira que é socialmente forjada. Por isso mesmo, não é possível dizer que ele atua simplesmente na esfera da língua: a intervenção desse sujeito, mesmo quando ele não faz nenhuma alteração no texto, tem natureza discursiva (Muniz Jr., 2009, p. 9).

Assim, percebe-se a profundidade do trabalho de revisão, que deve compreender tanto os elementos chamados “formais” (ortografia e sintaxe), quanto os elementos discursivos e afetos ao gênero textual. Essa compreensão vai além da simples correção técnica, pois um bom revisor, por um lado, é um profissional comprometido com a excelência do serviço que oferece, buscando preservar sua própria reputação e, por outro, ao ser contratado, assume a responsabilidade de zelar pela imagem do cliente, sabendo que o texto revisado será a representação deste perante os outros.

Destacamos então dois tipos de revisão, que correspondem a diferentes etapas da produção e avaliação textuais, bem como do grau de domínio linguístico-textual dos atores, às quais Sobral e Barbosa (2019) chamam de “revisão em ação” e “revisão profissional estrita”. A primeira

refere-se ao processo crítico conduzido pelo próprio autor durante a elaboração e após a conclusão inicial de um texto (embora a revisão pelo próprio autor funcione melhor algum tempo após a versão inicial, já que a familiaridade com o texto produzido pode tornar opacas certas fragilidades do texto); a segunda, à participação de um profissional do texto, o revisor, que atuará para o aprimoramento deste, dependendo dos objetivos, da esfera de circulação, do público projetado, entre outros parâmetros. Esta seria a revisão profissional estrita, que destaca a natureza formal e especializada da revisão, envolve revisores habilitados, muitas vezes provenientes de diferentes áreas do conhecimento (como Letras ou Jornalismo). Assim, vale lembrar que a abordagem e o escopo de intervenção do revisor são moldados pelos princípios epistemológicos específicos de sua formação, resultando em uma variedade de métodos e compreensões de texto, língua e gênero diferentes.

Na nossa visão, o revisor (leitor primeiro, privilegiado), embora não tenha a (co)autoria, é, ainda assim, um partícipe do processo que dará margem a um texto em sua melhor forma possível, em condições específicas de produção, para vir a público.

3 Metodologia

Esta pesquisa se classifica como exploratória, bibliográfica, e tem natureza qualitativa. Para Gil (2017), uma pesquisa exploratória é um tipo mais flexível, pois tem como objetivo iniciar a discussão de determinado tema, proporcionando “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado”. (Gil, 2017, p. 32).

Ainda segundo o autor, a pesquisa de cunho bibliográfico, por sua vez, é aquela que tem como objeto de estudo materiais já publicados, disponíveis tanto de forma física, quanto na internet. De natureza qualitativa, pois tem o objetivo de, a partir da interpretação das autoras, lançar luz sobre uma questão que afeta determinado ofício, a saber de

revisor textual, ou seja, num enfoque interpretativista (sobre o qual se baseia as pesquisas qualitativas): “o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam, o que implica considerar que o objeto de pesquisa é compreendido como sendo construído socialmente” (Gil, 2017, p. 40).

Assim, a pesquisa exploratória, bibliográfica, de caráter qualitativo, com o tema “revisão textual e *ChatGPT*”, visa proporcionar uma compreensão aprofundada do fenômeno da revisão textual com o propósito principal de promover a familiarização com o problema, tornando-o mais explícito e auxiliando na construção de hipóteses atuais que podem trazer uma problematização inicial, cujo aprofundamento poderá revelar-se em desdobramentos posteriores.

O corpus escolhido constitui-se por três textos autênticos (isto é, não foram criados intencionalmente para esta análise, são exemplares que circulam socialmente), que contêm desvios (gramaticais e discursivos); por essa razão, serão utilizados a fim de testar a capacidade do algoritmo de identificar e corrigir tais equívocos aos quais o revisor humano teria por dever se atentar. Pertencem aos gêneros: notícia de jornal online, desafio gramatical e comentário (produzido por um estudante do primeiro período de formação em Pedagogia).

Para que o *ChatGPT* faça as interferências no texto, o usuário deve formular um enunciado a fim de guiá-lo, o que aqui chamamos de comando. Optamos por formular os comandos da maneira mais simples possível, pois a gama de possibilidades é enorme e nosso objetivo é iniciar a discussão, sem a menor pretensão de esgotá-la. A cada pergunta foi aberto um novo chat para que não houvesse o cruzamento de dados anteriores que pudessem interferir no novo texto gerado.

Assim, através dos textos autênticos fornecidos para a revisão pelo *ChatGPT*, pretendemos avaliar até que ponto a intervenção realizada pelo algoritmo leva em consideração os conceitos de intervenção em texto, definidos por estudiosos da área. Para isso, buscamos compreender melhor essa nova tecnologia.

3.1 O que é o ChatGPT

Segundo Jaime Simão Sichman (2021), doutor em Engenharia de Computação pelo Institut National Polytechnique, de Grenoble (INPG) na França e professor da Escola Politécnica (EP) na Universidade de São Paulo (USP),

ao invés de tentar fornecer uma definição de IA [Inteligência Artificial], mais adequado seria tentar caracterizar quais são os objetivos da área. Uma das primeiras tentativas desta abordagem, proposta em Rich e Knight (1991), é a seguinte: o objetivo da IA é desenvolver sistemas para realizar tarefas que, no momento: (i) são mais bem realizadas por seres humanos que por máquinas, ou (ii) não possuem solução algorítmica viável pela computação convencional (Sichman, 2021, p. 38).

Assim, a IA é definida, grosso modo, como uma ferramenta criada para que as máquinas possam, através da coordenação de dados, aprender a resolver problemas de forma mais rápida, sem a direta intervenção humana. Tem como objetivo a diminuição no custo de execução de processos que tradicionalmente demandam muito tempo e investimento.

Segundo Sichman, a IA foi criada na década 1950 e “tem sua origem praticamente confundida com a própria origem do computador” (Sichman, 2021, p. 37). Mesmo não sendo uma tecnologia nova, seu recente avanço tem impressionado não só os pesquisadores da área, mas também a população leiga em geral, causando boas expectativas (no que tange à otimização para a realização de certas tarefas) e algumas preocupações (só para ficar na esfera acadêmica, a questão da autoria x a possibilidade extensiva do plágio; a realização mecanizada e repetitiva de tarefas que exigiriam maior reflexão e sensibilidade, a partir de indícios quantitativos, probabilísticos – por exemplo, no âmbito da análise do discurso, entre outras que afetam a forma como se dão as relações docentes/discentes).

O *ChatGPT* é um algoritmo baseado na inteligência artificial – segundo o Dicionário Oxford online, algoritmo é um “conjunto de regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas”. Foi lançado em novembro de

2022, projetado por um laboratório de pesquisas em inteligência artificial chamado *OpenAI*, situado nos EUA. O foco de seu desenvolvimento, como o próprio nome já explicita, são os diálogos virtuais. *Chat* significa “forma de comunicação a distância, utilizando computadores ligados à internet, na qual o que se digita no teclado de um deles aparece em tempo real no vídeo de todos os participantes do bate-papo” (Dicionário Oxford online), e GPT é uma sigla para “*Generative Pré-Trained Transformer*”, que em português seria “Transformador Pré-Treinado Generativo”. É uma ferramenta planejada exclusivamente para lidar com textos de forma inteligente, possui uma construção complexa em que é capaz de selecionar as palavras-chave, o contexto e as significações provenientes da junção de ambos.

Para o professor Fábio Cozman, docente da Escola Politécnica da USP e diretor do Centro de Inteligência Artificial (C4AI), em uma palestra:

Os pesquisadores perceberam que, em vez de usar regras sintáticas para traduções e entendimento de texto, ou seja, usar apenas a linguística, era melhor pegar um monte de frases e calcular a probabilidade da próxima palavra a partir do que tinha sido escrito. É isso o que os modelos de linguagem fazem. O Chat GPT calcula a probabilidade da próxima palavra em função de até 3 mil palavras ditas antes.

Para montar um modelo de linguagem, uma gigantesca quantidade de textos, com bilhões de palavras, é selecionada para constituir o que é chamado de corpus. “Estima-se que o corpus da atual versão do Chat GPT contenha 500 bilhões de palavras. O modelo é chamado de generativo, pois gera textos” (Bellesa, 2023).

Assim, percebe-se a pertinência dessa ferramenta para a utilização em diversas áreas – uma delas, acreditamos, é a da revisão textual, tarefa que costuma precisar de um longo prazo a depender do material, além de apresentar custo considerável com a contratação de um bom revisor. Reduzir custos comprometendo a qualidade, entendemos, não é uma boa estratégia. Dessa forma, é preciso avaliar quão efetivos são os resultados da intervenção pela máquina.

Os textos escolhidos e a forma obtida da revisão serão discutidos na próxima seção.

4 Análise dos resultados: a revisão dos textos escolhidos

A fim de que pudéssemos, no escopo deste artigo, apresentar a discussão na íntegra, não fizemos a solicitação da revisão do texto inteiro, o que levaria a uma amplitude muito grande de dados. Optamos por tomar um excerto da notícia, um desafio ortográfico retirado da internet e um comentário (resposta à avaliação aberta de discente de um Curso de Pedagogia).

Todos os três textos foram expostos ao *Chat GPT* a partir dos seguintes comandos:

- 1.Chat revise este texto
- 2.Chat corrija o texto
- 3.Chat aprimore o texto
- 4.Chat avalie o texto

É importante mostrar que consideramos serem diferentes os atos de “revisar” e “corrigir” um texto. Seguindo D’Andrea e Ribeiro (2010), revisar é um processo amplo que envolve a análise de um texto buscando adequá-lo ao seu fim, observando tanto aspectos normativos da língua, quanto discursivos, como estilo; por outro lado, corrigir se preocupa estritamente com as questões formais, buscando de fato eliminar equívocos como erros ortográficos e sintáticos, ou seja, revisar envolve corrigir, mas o simples ato de corrigir de acordo com a norma não faz uma revisão.

Todas essas ações solicitadas nos comandos ao *ChatGPT* têm íntima ligação com o trabalho realizado pelo revisor textual que, além de corrigir linguisticamente (correção resolutive de aspectos ortográficos e da redação de períodos, avaliação das colocações pronominais, etc.), também intervém em aspectos relativos ao gênero; muitas vezes, além das intervenções possíveis, precisa solicitar ao próprio autor esclarecimentos acerca de determinadas construções para uma melhor elaboração do discurso (revisão textual-interativa).

O primeiro texto é um trecho de uma notícia do antigo jornal *online Yahoo!* (encerrado em março de 2023), em que há um problema na construção do discurso, apresentando informações incongruentes, entre

outros problemas que, se resolvidos, podem melhorar a experiência de leitura. Vejamos:

qui., 8 de setembro de 2022 2:51 PM

Após a morte da Rainha nessa quinta-feira, é unânime os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido. Isto é, foram 70 anos de Elizabeth II à frente da monarquia britânica, fazendo parte de momentos históricos como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando alguns protocolos ou contagiando a todos mundialmente.

No entanto, com alguns compromissos importantes cancelados e a saúde não tão estável assim, está cada vez mais próximo a ausência da rainha à frente da coroa. O que abre especulações sobre o seu herdeiro, Príncipe Charles, o príncipe de Gales, já que são muitas as reflexões sobre o seu possível reinado. Sendo ele, o 1º na linha de sucessão.

Aos 73 anos, o herdeiro do trono mais velho dos últimos 3 séculos, Charles tem 54% de aprovação dos súditos. Longe, obviamente, da popularidade da Rainha, porém com avanços, após os problemas com a eterna princesa Diana.

O primeiro comando – “Chat revise este texto” – demandava uma análise mais aprofundada do exemplar, indo além da mera correção. Observe:

Qui., 8 de setembro de 2022, 14:51

Após a morte da Rainha na quinta-feira, surgiram questionamentos unânimes sobre o que irá acontecer no Reino Unido. Foram 70 anos de Elizabeth II à frente da monarquia britânica, participando de momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e influenciando pessoas em todo o mundo. No entanto, com alguns compromissos importantes cancelados e sua saúde não tão estável, a ausência da Rainha à frente da coroa está cada vez mais próxima. Isso levanta especulações sobre o futuro de seu herdeiro, o Príncipe Charles, também conhecido como o Príncipe de Gales, pois ele é o próximo na linha de sucessão.

Aos 73 anos, o herdeiro do trono, que é o mais velho em três séculos, conta com uma aprovação de 54% dos súditos. Embora sua popularidade não se compare à da Rainha, ele fez progressos após os problemas envolvendo a eterna Princesa Diana.

O ChatGPT conseguiu melhorar a fluidez, mudando por exemplo de ‘Após a morte da Rainha nessa quinta-feira’ para ‘Após a morte da

Rainha na quinta-feira, o que deixa o texto mais objetivo, próprio do gênero notícia. Outro problema marcante (de concordância) se encontrava em ‘é unânime os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido’, que foi resolvido da seguinte maneira ‘surgiram questionamentos unânimes sobre o que irá acontecer no Reino Unido’. Além disso, houve a resolução da ambiguidade na frase ‘o herdeiro do trono mais velho dos últimos 3 séculos’, escrita: ‘o herdeiro do trono, que é o mais velho em três séculos’, destaca-se também a correção do caractere numérico ‘3’ pela palavra ‘três’ e a mudança da palavra ‘contagiando’ para “influenciando” o que muda, no nível discursivo, o que se pretendia passar sobre o papel que a monarca desempenhava mundialmente; porém, no sentido discursivo a falta mais grave (incoerência) está no trecho, ‘No entanto, com alguns compromissos importantes cancelados e sua saúde não tão estável, a ausência da Rainha à frente da coroa está cada vez mais próxima’, que dá a entender que a Rainha ainda está viva; embora no primeiro parágrafo seja anunciada sua morte, o algoritmo não foi capaz de perceber e fazer a correção da sentença.

No segundo comando – chat corrija o texto –, esperava-se que fossem feitas correções normativas, eliminados os erros de concordância, a presença de caracteres numéricos etc. Percebe-se que, com esse comando, ele se atentou para a data e hora contidas no texto original, ressaltado a possibilidade de ser necessária uma formatação própria: ‘No início do texto, a data e horário não parecem estar formatados corretamente. Você pode deixar claro que está citando um e-mail ou mensagem de alguma forma.’

O problema mais evidente na correção do texto é a presença de um erro na concordância do trecho ‘é unânime os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido’ que foi “corrigido” para ‘há um unânime questionamento sobre o que irá acontecer no Reino Unido’. Além disso, em ‘Foram 70 anos de Elizabeth II à frente da monarquia britânica, envolvendo momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando o mundo inteiro’, o termo ‘envolvendo’ não é o melhor uso para o contexto, pois deixa a sentença ambígua, assim como o fato de a rainha estar à frente do país “envolve momentos históricos?”, que acreditamos que também não seja adequado. O uso do verbo ‘cativar’ diferente do verbo ‘influenciar’ do texto anterior se destaca como mais próximo discursivamente do ‘contagiando’, utilizado originalmente pela autora. Mais uma vez, o problema discursivo que

deixa o texto contraditório não foi percebido, e a ambiguidade do trecho ‘o herdeiro do trono mais velho dos últimos três séculos’ permaneceu. No trecho ‘o Príncipe Charles, o Príncipe de Gales’ se cria um problema com o uso repetido do artigo ‘o’, que torna o texto truncado; mas, acertadamente, os caracteres numéricos que não se referem a idade ou porcentagem foram escritos graficamente. De modo geral, houve a limpeza das marcas de oralidade presentes no texto original. Segue a versão na íntegra:

Aqui estão algumas correções e sugestões no seu texto:

No início do texto, a data e horário não parecem estar formatados corretamente. Você pode deixar claro que está citando um e-mail ou mensagem de alguma forma.

Após a morte da Rainha nesta quinta-feira, há uma unânime questionamento sobre o que irá acontecer no Reino Unido. Foram 70 anos de Elizabeth II à frente da monarquia britânica, envolvendo momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando o mundo inteiro.

No entanto, com alguns compromissos importantes cancelados e uma saúde não tão estável, a ausência da rainha à frente da coroa parece cada vez mais próxima. Isso abre espaço para especulações sobre o seu herdeiro, o Príncipe Charles, o Príncipe de Gales, que está na primeira posição na linha de sucessão.

Aos 73 anos, o herdeiro do trono mais velho dos últimos três séculos, Charles tem uma aprovação de 54% entre os súditos. Embora longe da popularidade da Rainha, ele experimentou avanços após os problemas com a eterna princesa Diana.

Já no terceiro comando – chat aprimore o texto –, esperavam-se melhorias gerais no texto, de forma a tornar sua leitura fluida e prazerosa. O primeiro fator interessante foi o apagamento da data e horário presentes no texto, sem nenhum apontamento, diferentemente do que ocorreu no comando anterior. No trecho ‘é unânime os questionamentos sobre o que irá acontecer’, viu-se uma resolução muito boa do problema de concordância: ‘os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido se tornaram unânimes’. Em ‘Foram 70 anos com Elizabeth II à frente da monarquia britânica, marcando momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando pessoas ao redor do mundo’, também se percebe o uso da palavra ‘cativando’ como sinônima para ‘contagando’, o que consideramos uma boa escolha tendo em vista o sentido discursivo pretendido pela autora da notícia.

Outra mudança interessante foi na sentença ‘com a saúde da Rainha enfraquecida e alguns compromissos importantes cancelados, a ausência dela na liderança da coroa parece cada vez mais iminente’, em que, embora não se tenha resolvido o problema de contradição, se torna mais formal e claro do que ‘com alguns compromissos importantes cancelados e uma saúde não tão estável, a ausência da rainha à frente da coroa parece cada vez mais próxima’, que é mantido nas duas versões anteriores. Por outro lado, no trecho ‘ele conquistou avanços após os problemas envolvendo a eterna princesa Diana’ há ambiguidade, pois não fica claro que foi ele (príncipe Charles) quem teve problemas com a princesa Diana, podendo ser entendido que ela causou problemas externos que vieram a prejudicá-lo perante a opinião pública. A seguir, a versão na íntegra:

Aqui estão algumas melhorias no seu texto:

Após a morte da Rainha nesta quinta-feira, os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido se tornaram unânimes. Foram 70 anos com Elizabeth II à frente da monarquia britânica, marcando momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando pessoas ao redor do mundo.

No entanto, com a saúde da Rainha enfraquecida e alguns compromissos importantes cancelados, a ausência dela na liderança da coroa parece cada vez mais iminente. Isso levanta especulações sobre seu herdeiro, o Príncipe Charles, também conhecido como o Príncipe de Gales, que é o próximo na linha de sucessão.

Aos 73 anos, Charles, o herdeiro do trono mais velho dos últimos três séculos, desfruta de uma aprovação de 54% entre seus súditos. Embora não alcance a popularidade da Rainha, ele conquistou avanços após os problemas envolvendo a eterna princesa Diana.

Já no terceiro comando – chat aprimore o texto –, esperavam-se melhorias gerais no texto, de forma a tornar sua leitura fluida e prazerosa. O primeiro fator interessante foi o apagamento da data e horário presentes no texto, sem nenhum apontamento, diferentemente do que ocorreu no comando anterior. No trecho ‘é unânime os questionamentos sobre o que irá acontecer’, viu-se uma resolução muito boa do problema de concordância: ‘os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido se tornaram unânimes’. Em ‘Foram 70 anos com Elizabeth II à frente da monarquia britânica, marcando momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial

e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando pessoas ao redor do mundo, também se percebe o uso da palavra ‘cativando’ como sinônima para ‘contagiando’, o que consideramos uma boa escolha tendo em vista o sentido discursivo pretendido pela autora da notícia.

Outra mudança interessante foi na sentença ‘com a saúde da Rainha enfraquecida e alguns compromissos importantes cancelados, a ausência dela na liderança da coroa parece cada vez mais iminente’, em que, embora não se tenha resolvido o problema de contradição, se torna mais formal e claro do que ‘com alguns compromissos importantes cancelados e uma saúde não tão estável, a ausência da rainha à frente da coroa parece cada vez mais próxima’, que é mantido nas duas versões anteriores. Por outro lado, no trecho ‘ele conquistou avanços após os problemas envolvendo a eterna princesa Diana’ há ambiguidade, pois não fica claro que foi ele (príncipe Charles) quem teve problemas com a princesa Diana, podendo ser entendido que ela causou problemas externos que vieram a prejudicá-lo perante a opinião pública. A seguir, a versão na íntegra:

Aqui estão algumas melhorias no seu texto:

Após a morte da Rainha nesta quinta-feira, os questionamentos sobre o que irá acontecer no Reino Unido se tornaram unânimes. Foram 70 anos com Elizabeth II à frente da monarquia britânica, marcando momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial e o fim da União Soviética, quebrando protocolos e cativando pessoas ao redor do mundo.

No entanto, com a saúde da Rainha enfraquecida e alguns compromissos importantes cancelados, a ausência dela na liderança da coroa parece cada vez mais iminente. Isso levanta especulações sobre seu herdeiro, o Príncipe Charles, também conhecido como o Príncipe de Gales, que é o próximo na linha de sucessão.

Aos 73 anos, Charles, o herdeiro do trono mais velho dos últimos três séculos, desfrutava de uma aprovação de 54% entre seus súditos. Embora não alcance a popularidade da Rainha, ele conquistou avanços após os problemas envolvendo a eterna princesa Diana.

Com relação ao quarto comando – chat avalie o texto –, esperava-se uma avaliação que destacasse os elementos textuais problemáticos, porém, talvez pela simplicidade na sua redação (já explicada anteriormente), o algoritmo se deteve majoritariamente a explicar o que o texto se propôs a passar: uma informação, a saber, a morte da rainha. Apenas no final, citam-

se questões referentes à construção do texto em si, mas apenas com pontos positivos, não ressaltando os equívocos. Vejamos o texto na íntegra:

O texto apresenta uma avaliação informativa sobre a morte da Rainha Elizabeth II e as implicações que isso pode ter no Reino Unido. Ele aborda a longa trajetória da Rainha no trono, destacando eventos históricos que marcaram seu reinado, como a Segunda Guerra Mundial e o colapso da União Soviética. Também menciona a quebra de protocolos e o impacto global de seu reinado.

O texto levanta a questão da sucessão, apontando que o Príncipe Charles é o herdeiro direto e, portanto, o próximo na linha de sucessão. Ele menciona a aprovação que Charles tem entre os súditos e como essa aprovação aumentou ao longo dos anos, apesar dos desafios relacionados à sua relação com a princesa Diana.

Em termos de avaliação, o texto é informativo e bem estruturado, fornecendo uma visão geral da situação atual no Reino Unido após a morte da Rainha Elizabeth II. No entanto, a avaliação da aprovação do Príncipe Charles entre os súditos poderia ser respaldada com dados mais concretos e fontes, se disponíveis. Além disso, a clareza e a objetividade do texto são pontos positivos, facilitando a compreensão do leitor.

O segundo texto foi retirado do blog Língua à Portuguesa, postado pela professora S. Leite, docente do ISEC Lisboa (Instituto Superior de Educação e Ciências), doutora em Estudos Portugueses, ou seja, o texto está redigido adequado ao Português de Portugal e contém diversos erros ortográficos por se tratar de um desafio para justamente encontrá-los:

O Tomás não é uma criança mal comportada, mas sofre de um desequilíbrio hormonal que o deixa por vezes obsecado com comida, como se estivesse sempre cheio de fome. Todos os dias, imperetrivelmente há uma hora, pára o que estiver a fazer e entra numa enorme excitação. Quando as crianças saiem da sala em fila para almoçar, nunca quer ir na rectaguarda, com receio de ficar sem comer. Nessas circunstâncias, tem comportamentos menos adequados e, logicamente, é repreendido. Mensalmente, encontramos-nos com os pais dele, que têm uma esplêndida relação com o filho e estão sempre disponíveis para conversar.

A partir do primeiro comando, em que o algoritmo deveria revisar o texto, percebemos, em ‘Tomás não é uma criança mal comportada, mas sofre de um desequilíbrio hormonal que o deixa, por vezes, obcecado com comida, como se estivesse sempre cheio de fome’, a tentativa de apagar a marca de oralidade presente na palavra ‘cheio’ no diminutivo. Com relação à sintaxe do trecho, podemos dizer que foi adequado, com o uso correto das vírgulas. Já a respeito da ortografia, o vocábulo ‘mal comportada’ não foi corrigido para ‘malcomportada’; as demais palavras do texto que continham erros foram corrigidas, com exceção das palavras ‘impreterivelmente’ e ‘esplêndida’ que foram substituídas por seus sinônimos ‘invariavelmente’ e ‘excelente’. Podemos dizer que o texto foi parcialmente corrigido, mas não revisado. Observe-se o resultado:

Claro, aqui está o texto revisado: “Tomás não é uma criança mal comportada, mas sofre de um desequilíbrio hormonal que o deixa, por vezes, obcecado com comida, como se estivesse sempre cheio de fome. Todos os dias, invariavelmente, há uma hora, ele para o que estiver a fazer e entra em uma enorme excitação. Quando as crianças saem da sala em fila para almoçar, ele nunca quer ir na retaguarda, com receio de ficar sem comer. Nessas circunstâncias, ele tem comportamentos menos adequados e, logicamente, é repreendido. Mensalmente, encontramos-nos com os pais dele, que têm uma excelente relação com o filho e estão sempre disponíveis para conversar.”

O segundo comando deseja a correção do texto. Como resultado, obteve-se quase a mesma redação do anterior, inclusive na falta de correção do vocábulo ‘mal comportada’. As duas diferenças foram a preferência pelo sinônimo de ‘receio’, ‘medo’, para qualificar o sentimento do menino, e o uso do gerúndio ‘fazendo’ ao invés da forma preposição + verbo no infinitivo ‘a fazer’, típico do português de Portugal, como pode ser visto a seguir:

Claro, vou corrigir o texto: “Tomás não é uma criança mal comportada, mas sofre de um desequilíbrio hormonal que o deixa, por vezes, obcecado com comida, como se estivesse sempre cheio de fome. Todos os dias, invariavelmente, há uma hora, ele para o que estiver fazendo e entra em uma enorme excitação. Quando as crianças saem da sala em fila para almoçar, ele nunca quer ir na retaguarda, com medo de ficar sem comer. Nessas circunstâncias, ele tem comportamentos menos adequados e, logicamente, é repreendido. Mensalmente, encontramos-nos com os pais dele, que têm uma excelente relação com o filho e estão sempre disponíveis para conversar.”

Já no terceiro comando, ao se pedir o aprimoramento do texto, percebeu-se que houve uma adequação ao estilo formal mais aproximado do Português Brasileiro, como podemos ver na mudança de ‘encontramos’ para ‘nos encontramos’. Além de algumas correções destacadas anteriormente nas outras versões, houve também mudanças em: a preposição ‘com’ para ‘por’ em ‘se tornar obcecado por comida’, a eliminação do trecho ‘para o que estiver a fazer’, a escolha da expressão ‘sem exceção’ ao invés da palavra ‘impreterivelmente’ e, por fim, a mudança da expressão ‘menos adequados’ para a palavra ‘inadequados’, decisões que de fato contribuíram para tornar o texto mais fluido.

Nessa versão, foi feita a mudança de um trecho que continha ambiguidade, ‘há uma hora’, que denotava que o fato ocorria uma hora atrás. Tal modificação esclarece o sentido de que, em uma hora específica, Tomás fica inquieto; nas versões anteriores, optou-se por apenas virgular corretamente a sentença, e nesta, o texto marca a falta de precisão do horário com a expressão ‘por volta de uma hora específica’. Segue a versão na íntegra:

Claro, aqui está uma versão aprimorada do texto: “Tomás não é uma criança mal comportada, mas ele sofre de um desequilíbrio hormonal que o leva a se tornar obcecado por comida em certos momentos, como se estivesse constantemente faminto. Todos os dias, sem exceção, por volta de uma hora específica, ele entra em um estado de grande excitação. Quando as crianças saem da sala em fila para almoçar, ele nunca quer ir por último, com medo de ficar sem comida. Nessas situações, ele exhibe comportamentos inadequados e, naturalmente, é repreendido. Mensalmente, nos encontramos com os pais dele, que mantêm uma relação maravilhosa com o filho e estão sempre disponíveis para conversar.”

Essa versão busca ser mais clara e precisa na descrição da situação e na escolha das palavras. Espero que a melhoria seja útil! Se você tiver alguma outra solicitação de aprimoramento, por favor, me avise.

Dado o último comando, em que desejávamos uma avaliação do texto, além de descrever o que compõe o excerto, o algoritmo também avaliou, de forma considerável, os erros ortográficos e gramaticais, destacando alguns problemas específicos sobre a ortografia, porém, tratando da pontuação de forma geral:

O texto descreve a situação de um menino chamado Tomás, que não é considerado uma criança mal comportada, mas sofre de um desequilíbrio hormonal que o leva a ter um comportamento obsessivo em relação à comida, agindo como se estivesse constantemente com fome. O texto também menciona que Tomás fica excitado diariamente em um horário específico e tem comportamentos inadequados quando as crianças saem para almoçar em fila, com medo de não conseguir comida. Além disso, os pais de Tomás são mencionados como tendo uma relação excelente com ele e estão sempre disponíveis para conversar.

Aqui estão algumas observações sobre o texto:

Ortografia e gramática: O texto contém alguns erros ortográficos e gramaticais. Por exemplo, “desiquilíbrio” deve ser “desequilíbrio”, “obsecado” deve ser “obcecado”, “imperetrivelmente” deve ser “invariavelmente”, “rectaguarda” deve ser “retaguarda”, “adquados” deve ser “adequados”, “lógicamente” deve ser “logicamente”, “explêndida” deve ser “esplêndida”.

Clareza: O texto fornece uma descrição clara da situação de Tomás e dos desafios que ele enfrenta devido ao desequilíbrio hormonal. No entanto, a clareza poderia ser aprimorada com uma organização mais eficaz do texto.

Expressões: Algumas expressões no texto podem ser melhoradas para tornar a leitura mais fluida. Por exemplo, em vez de “comportamentos menos adquados”, poderia ser escrito como “comportamentos inadequados” para maior clareza.

Uso de acentos: O texto usa acentos de forma inconsistente. Recomendaria usar a acentuação adequada para melhorar a precisão do texto.

No geral, o texto fornece uma visão sobre a situação de Tomás e a compreensão de seus pais. No entanto, algumas melhorias na redação e na gramática podem tornar o texto mais eficaz na comunicação da mensagem.

O terceiro e último excerto é parte de um texto elaborado por um aluno no primeiro período do curso de Pedagogia:

“A linguagem é uma das principais importância para a formação escolar, pois através dela nos comunicamos e interagimos. Assim, dependemos da linguagem, para viver em uma sociedade. Com isso, o incentivo de se expressar e compreender, ajudará no crescimento de um indivíduo, e esse processo deve ser instituído nas escolas, como uma forma reconhecimento entre os alunos e desenvolvimento de todo o processo de constituição da consciência. A linguagem, ajuda a criar dinâmicas, dentro das escolas, que levo o aluno a explorar seus próprios instrumentos de comunicação no meio em que vive. Sendo assim, a linguagem, escrita ou oral, torna-se o meio mais eficaz usado para expressar ideias, contudo o individuo apresentará uma autonomia das expressões e críticas, que ajudará no seus aprimoramentos futuros.”

Ao revisar o texto, percebeu-se que o algoritmo faz uma boa elaboração de trechos problemáticos, como no caso de ‘uma das principais importâncias’, que passa a ser ‘é de fundamental importância’. Foram feitas mudanças significativas na pontuação, adequação das vírgulas, uso de ponto final e divisão em dois parágrafos. Há também uma maior interferência na construção textual com a eliminação do conectivo ‘assim’ na segunda linha, e a mudança de outros conectivos como ‘com isso’, em ‘Com isso, o incentivo de se expressar e compreender [...]’, que passa a ser, ‘portanto’. Além disso, ele opta por palavras sinônimas mais sofisticadas como ‘estímulo’ e ‘auxilia’, no lugar de ‘incentivo’ e ‘ajuda’, respectivamente. Entretanto, ele não consegue perceber que a conjunção adversativa ‘contudo’ em ‘contudo o indivíduo apresentará uma autonomia das expressões e críticas’ é equivocada, pois pressupõe algo contrário/oposto ao que vinha sendo dito, o que não acontece no trecho, uma vez que o aluno continua elencando vantagens de se trabalhar com a linguagem na escola. Assim, a mudança de ‘contudo’ para ‘no entanto’ não soluciona o problema. Na sequência, o texto na íntegra:

Claro, aqui está uma revisão do texto: “A linguagem é de fundamental importância para a formação escolar, pois através dela nos comunicamos e interagimos. Dependemos da linguagem para viver em sociedade. Portanto, o estímulo à expressão e compreensão contribuirá para o crescimento individual, sendo essencial que esse processo seja instituído nas escolas como forma de reconhecimento entre os alunos e desenvolvimento de toda a constituição da consciência.

A linguagem auxilia na criação de dinâmicas dentro das escolas, incentivando os alunos a explorarem seus próprios instrumentos de comunicação no ambiente em que vivem. Dessa forma, a linguagem, seja escrita ou oral, torna-se o meio mais eficaz para expressar ideias. No entanto, é crucial destacar que o indivíduo desenvolverá autonomia nas expressões e críticas, contribuindo para seus aprimoramentos futuros.”

No segundo comando – chat corrija o texto –, percebe-se um maior respeito pelo texto original, apenas corrigindo-o quando necessário, diferente do anterior, em que se optava por construções refinadas. Um exemplo é a oração ‘Assim, dependemos da linguagem para viver em uma sociedade’, em que a vírgula do texto original foi corrigida, mas não houve intervenções a fim de melhorar o estilo da escrita, que poderia ser mais limpa, com a eliminação de ‘uma’ por exemplo. O problema com a

conjunção adversativa ‘contudo’ em ‘Sendo assim, a linguagem, escrita ou oral, torna-se o meio mais eficaz usado para expressar ideias, contudo o indivíduo apresentará uma autonomia das expressões e críticas’ não foi percebido, mas a pontuação do texto foi corrigida com perfeição, inclusive com o uso de ponto e vírgula em vez de ponto final. O texto também foi dividido em dois parágrafos. Verifiquemos o resultado na íntegra:

“A linguagem é de suma importância para a formação escolar, pois através dela nos comunicamos e interagimos. Assim, dependemos da linguagem para viver em uma sociedade. Com isso, o incentivo para se expressar e compreender ajudará no crescimento de um indivíduo, e esse processo deve ser instituído nas escolas como uma forma de reconhecimento entre os alunos e desenvolvimento de todo o processo de constituição da consciência.

A linguagem ajuda a criar dinâmicas dentro das escolas que levam o aluno a explorar seus próprios instrumentos de comunicação no meio em que vive. Sendo assim, a linguagem, seja escrita ou oral, torna-se o meio mais eficaz usado para expressar ideias; contudo, o indivíduo apresentará autonomia nas expressões e críticas, o que ajudará em seus aprimoramentos futuros.”

Por outro lado, o aprimoramento do texto por parte do algoritmo demonstrou uma enorme capacidade de reescrever melhor, porém o problema com a conjunção adversativa ‘contudo’ persistiu – a mudança para ‘No entanto’ não soluciona o problema, já que também se trata de uma conjunção adversativa. Observe:

“A linguagem desempenha um papel fundamental na formação educacional, sendo essencial para a comunicação e interação. Dependemos dela para participar ativamente na sociedade. O estímulo à expressão e compreensão linguística contribui significativamente para o crescimento individual, devendo ser incorporado no ambiente escolar como parte integrante do reconhecimento entre os alunos e do desenvolvimento do processo de formação da consciência.

A linguagem não apenas possibilita a criação de dinâmicas enriquecedoras nas escolas, mas também incentiva os alunos a explorarem seus próprios meios de comunicação no contexto em que estão inseridos. Assim, a linguagem, seja ela escrita ou oral, emerge como o meio mais eficaz para expressar ideias. No entanto, é importante ressaltar que o indivíduo, ao dominar a linguagem, adquire autonomia para expressar suas opiniões e críticas, promovendo, assim, o aprimoramento contínuo ao longo de sua trajetória educacional.”

Já no comando para avaliação do texto, da mesma forma que foi feito no excerto do desafio tratado anteriormente, o algoritmo não apenas discorre sobre o conteúdo do texto, mas também avalia sua gramática e sintaxe, destacando os problemas com a pontuação, a possibilidade de optar por termos sinônimos para evitar repetição, problemas com a concordância e clareza do texto. Aliás, ao propor uma revisão, conseguiu solucionar o problema da conjunção adversativa ‘contudo’, trocando-a pela locução adverbial ‘além disso’, que serve como um conectivo de adição. Isso pode ser visto no texto integral:

O texto aborda de maneira relevante a importância da linguagem na formação escolar e no desenvolvimento individual. No entanto, algumas sugestões podem ser feitas para aprimorar a clareza e a fluidez do texto: *Coerência e Coesão*: Certifique-se de que as ideias estão organizadas de forma lógica e que há uma transição suave entre as frases e parágrafos. *Revisão Gramatical*: Revise a pontuação para garantir que as frases estejam estruturadas corretamente. Certifique-se de que há concordância verbal e nominal adequada. *Precisão Vocabular*: Considere a utilização de sinônimos ou variação vocabular para evitar repetições excessivas. Garanta que os termos utilizados sejam os mais precisos para transmitir as ideias. *Clareza*: Alguns trechos podem ser reformulados para aumentar a clareza. Por exemplo, a frase “que levo o aluno a explorar seus próprios instrumentos de comunicação no meio em que vive” pode ser reestruturada para maior clareza. *Revisão de Concordância*: Confira a concordância verbal e nominal em todas as partes do texto. Uma versão revisada pode ser algo como: “A linguagem desempenha um papel fundamental na formação escolar, sendo essencial para a comunicação e interação. Dependemos da linguagem para integrar-nos à sociedade, e o estímulo à expressão e compreensão é crucial para o crescimento individual. Este processo deve ser incorporado nas escolas, promovendo o reconhecimento mútuo entre os alunos e contribuindo para o desenvolvimento da consciência. A linguagem, seja oral ou escrita, torna-se o meio mais eficaz para expressar ideias, proporcionando autonomia nas expressões e críticas, fundamentais para o aprimoramento futuro do indivíduo. Além disso, ela cria dinâmicas dentro das escolas, incentivando os alunos a explorarem seus próprios instrumentos de comunicação no contexto em que vivem.” Essas são apenas sugestões, e a revisão depende do estilo e intenção do autor.

De forma interessante, o algoritmo não apenas fez a avaliação demandada, mas deu um conjunto de sugestões – como numa relação pedagógica, em que tenta “ensinar” o produtor do texto para futuras ações; a ferramenta informa que “são sugestões” e salienta que é preciso considerar o “estilo e intenção do autor”. De fato, acreditamos nessas premissas, e apostamos numa formação sólida do revisor – humano – para que sua intervenção não apenas replique, de forma mecanizada e probabilística, ações prévias, mas que considere efetivamente cada situação interlocutiva materializada no texto como uma atualização enunciativa única, ainda que marcada profundamente pela heterogeneidade constitutiva de todas as nossas enunciações.

Considerações Finais

Embora o *ChatGPT* demonstre habilidades notáveis na intervenção e aprimoramento de textos, sua capacidade ainda não dispensa o olhar humano, especialmente ao lidar com questões mais complexas de natureza discursiva. Esses aspectos demandam uma compreensão ampliada das nuances linguísticas e da intenção do autor, concretizada no texto. Apesar de apresentar um banco de dados que evidencia acúmulo de saberes técnicos sólidos – e de os re(a)plicar a novos exemplares – no que tange à pontuação e à ortografia, por exemplo, ainda carece da habilidade de identificar inconsistências semânticas, estruturais, ou ainda problemas na estrutura argumentativa (como no caso da notícia jornalística que anuncia a morte da rainha Elizabeth, no primeiro parágrafo, para posteriormente dar a entender que ela ainda está viva).

É inegável que as máquinas – as novas tecnologias, de modo geral – sejam aliadas valiosas, porém estas não substituem integralmente o trabalho humano. Sua contribuição é significativa, mas é necessário discernimento para utilizá-las, pois, como vimos, elas não estão isentas de erros – vale lembrar que a falibilidade é um traço do fazer humano, que inevitavelmente a transfere àquilo que cria; as máquinas vão sendo aprimoradas, na mesma medida em que os humanos pesquisam, aprendem e sofisticam suas produções. Dessa forma, concluímos, no que tange aos resultados da nossa

investigação, que aspectos fundamentais para uma boa revisão textual ainda escapam ao alcance das capacidades puramente computacionais e esse espaço de atuação do humano é uma seara em que precisamos investir, continuamente...

Referências

AUTHIER-REVUSZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BELLESA, Mauro. Os desafios do ChatGPT ao ensino e à pesquisa. In: IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. *Notícias*. São Paulo, 29 mar. 2023. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/os-desafios-do-chatgpt-para-a-universidade?searchterm=Chat+GPT>. Acesso em: 09 nov. 2023.

COZMAN, Fabio Gagliardi. No canal da Inteligência Artificial - Nova temporada de desgrenhados e empertigados. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 35, n. 101, p. 7-20, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.002>. Acesso em: 09 nov. 2023.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas: Atemática, Juiz de Fora*, p. 64-74, 09 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 128 p.

LEITE, S. Quem encontra os 12 erros deste texto? In: LEITE, S. *Língua à Portuguesa*. Lisboa, 27 maio 2008. Disponível em: <http://linguamodadoisec.blogspot.com/2008/05/quem-encontra-os-12-erros-deste-texto.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MUNIZ JR, José de Souza. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais* [...]. Curitiba, p. 1-15, 4 set. 2009.

OXFORD DICIONARIOS ONLINE. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> Acesso em: 11 out. 2023.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. Para além da normalização: aspectos discursivos das normas de padronização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 96, p. 357-368, jun. 2015. Semestral.

SALGADO, Luciana Salazar. Ritos Genéticos Editoriais: uma abordagem discursiva da edição de textos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 57, p. 253-276, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p253-276>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 35, n. 101, p. 37-50, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SOBRAL, Adail; BARBOSA, Vanessa. Sobre tipos de revisão textual e suas redes enunciativas: uma proposta bakhtiniana. In: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; ASSIS, Juliana Alves. *No ritmo do texto: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*. Belo Horizonte: Artigo A, 2019. p. 17-42.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.